

# O SIGILO DO DISPARATE

## SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

Poretic books, one has to admit, are not poetic, in that sense we acknowledged to lyric. They look much more like strange diaries without events, full of reflections and meditations proper to philosophical essays. Or like far-fetched narratives avoiding most of the time prose as we know it. Silva Carvalho is perhaps one of the most acute witnesses of that trait that today's technological media are imposing upon what we still call 'reality': namely, the trait of *virtualization*. The 'transcendence of the actual' is what defines the virtual: the here and now does not cease to be, but it becomes at one and the same time a *there and then*. That is, the realm of unity, totality and autonomy. To preserve the *here and now* Silva Carvalho proposes a word and a notion. The Portuguese word 'disparate' found in his short essay "Para Uma Estética da Estupidez." Rethinking it as a movement of resistance is what he aims: to refuse to fit in the norm, to resist assimilation.

Betty Donne

O SIGILO DO DISPARATE

SILVA CARVALHO

EDIÇÕES AQUÁRIO

Autor: *Silva Carvalho*

Título: *O SIGILO DO DISPARATE*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: *Edições Aquário*

Autor: [silvacarvalho@hotmail.com](mailto:silvacarvalho@hotmail.com)

Site: <https://www.silvacarvalho.com>

## OBRAS PUBLICADAS

### Poesia

(em português)

**SUOR DO TÉDIO** (1969) Edição do Autor  
**MEMÓRIA DO PRESENTE** (1977) Brasília Editora  
**CANÇÕES** (1978) Edição do Autor  
**ASSIM** (1979) Brasília Editora  
**ESSAS VOZES** (1983) Quatro Elementos Editores  
**ANTES O PARAÍSO** (1985) Black Sun Editores  
**75 SONETOS** (1985) Solcris Editora  
**AO ACASO** (1986) Brasília Editora  
**SETEMBRO** (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

**DA ESTUPIDEZ** (1988) Brasília Editora  
**ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA** (1989) Brasília Editora  
**NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA** (1990) Brasília Editora  
**EM QUESTÃO** (1991) Brasília Editora  
**O PRESENTE, A PRESENÇA** (1992) Brasília Editora

**A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO** (2003) Edições Aquário  
**CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL** (2004) Edições Aquário  
**CYPRESS WALK** (2007) Edições Aquário  
**SONETOS PORTUGUESES** (2012 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**4328** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**ISLA VISTA** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com))  
**A DOENÇA** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**ESCRAVIDÃO II** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**ESCRAVIDÃO I** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário

(em francês)

**LES TROIS AGES** (1973) La Pensée Universelle

### Porética

TRILOGIA PORÉTICA:

**O PRINCÍPIO DO ECO** (1993) Brasília Editora  
**TEORIA DA DISPONIBILIDADE** (1994) Brasília Editora  
**CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES** (1995) Brasília Editora

**MAIS OU MENOS** (1998) Black Sun Editores  
**NEW ENGLAND** (2002) Edições Aquário  
**MEDIOCRIDADE** (2003) Edições Aquário  
**AS ESTAÇÕES** (2004) Edições Aquário  
**TETRALOGIA FÁTICA** (2005) Edições Aquário  
**DÍPTICO MUSICAL** (2005) Edições Aquário  
**ELAÇÕES DO PEJORATIVO** (2012 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**LOGO** (2013 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**TALVEZ** (2014 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**MUITOS ANOS DEPOIS** (2015 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário

### **Romance**

**PALINGENESIA** (1999) Fenda Edições  
**O ROMANCE CONTEMPORÂNEO** (2000) Tertúlia Editora  
**QUE ESTUPIDEZ!** (2003) Edições Aquário  
**O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIÁCO** (2004) Edições Aquário

### **Ensaio**

**A LINGUAGEM PORÉTICA** (1996) Brasília Editora

**AO ZÉ-MANEL**

Our highest insights must – and should – sound like stupidities, or possibly crimes, when they come without permission to people whose ears have no affinity for them and were not pre-destined for them.

**NIETZSCHE**

1.

«Surpreende-me», ouço-me dizer, «surpreende-me»,  
e é pura provocação que dirijo a mim mesmo.  
Por que haveria de fazê-lo? Cheguei a uma idade  
em que as acrobacias mentais me indiferem,  
trazer novos conceitos ao mundo já não  
me diz nada, nem o nada que outrora me ciciava  
pedidos de existência a todo o custo se manifesta  
agora com a mesma intensidade e o mesmo fervor.  
Quanto a emoções, esbatidas pelo envelhecimento  
do corpo, passam por mim sem qualquer  
necessidade de premente escrita: um vento  
ou uma brisa, mãos macias medindo  
possivelmente até que ponto ainda estou  
vivo. Não poderei dizer que estou morto  
porque me ouço ainda dizer: «Surpreende-me,  
surpreende-me!», como se falasse para quem  
de mim é tão distante como um qualquer outro.  
As surpresas podem ser desagradáveis.  
Quanto não sofri ao longo dos anos para irromper  
em giros frásicos capazes de introduzirem  
uma sintaxe atida a semânticas não só paradoxais  
como perplexas pelo abandono de leis  
que pareciam existir muito naturalmente?  
Que ganhei com isso? Que ganhou, a humanidade,  
com isso? Nada. Este nada não advém  
da inexistência que deseja ser ser e fazer parte  
do mundo, este nada é um deserto incapaz  
de vida, é uma impossibilidade tal que ninguém  
ousaria pensá-lo como nascimento ou renovo.  
Quem pois de mim ou do impensável me vem  
atormentar com incitações despropositadas,  
quando o que mais ambiciono ou desejo agora  
é viver em paz, sem tumultos da consciência  
nem truculências da inteligência como da estupidez.  
A verdade porém deve ser dita: A voz que me soa  
inaudita reconhece-me e eu sou-a recentíssimo!

Surpreendido por ter interrompido um interregno  
que durava há mais do que o tempo pudesse ser qualquer ideia  
de tempo, vejo-me subitamente neste recomeço intransitivo  
sem vislumbrar um horizonte ou uma paisagem,  
ouvindo apenas palavras que se deixam soletrar  
em automatismos de autonomias duvidosas,  
como se ser já não fosse a mesma coisa,  
e como se ser quem sou fosse definitivamente  
uma quase incógnita na palingenesia da linguagem porética.  
De nada me vale olhar para o outro lado. Em frente,  
se bem me lembro, e se bem me repito, a frente,  
esta, não sei porquê nem como, nodosa membrana  
dos sentidos pressentidos mais como estranhos ecos  
repercutindo-se infindavelmente de encontro em encontro,  
de parede em parede, de palavra em palavra.  
Não sei onde estou de tanto me ignorar.  
Quem soltou esta asserção não fui eu, quem  
se soltou neste fragmento de língua distende-se  
como uma corda de um arco querendo arremessar  
para bem longe este perto onde a respiração  
respira uma experiência que não se reconhece.  
Nenhum desastre, diria, nenhuma esperança, direi,  
mas algo se passa no que passa, e não é só tempo,  
tempo de vida, temporalidade, existência  
comprovadamente histórica nos anais silentes  
do anonimato. Algo desmente ou procura  
desmentir a nostalgia que subitamente invade a luz  
desta tarde tão suave em pleno mês de Setembro.  
A terra precisa de algumas aliterações. O mundo  
precisa talvez de uma medida. Os homens e as mulheres  
que cresceram das crianças já não sabem que ser  
do acaso que lhes deu a vida e a contingência e a morte:  
como merecer uma estadia e uma felicidade?  
Aqui não há respostas. Só há haver. Surpreso, quem  
escreve limita-se a sentir o diapasão do mundo,  
suas formas diversas e divergentes, suas controvérsias.

3.

A luz eucrásica que cai de um sol ocasional colabora para a frágil eutimia que me abraça, todo eu siderado de luz até deixar de perceber onde começo e onde acabo. A indefinição é total. Mas é gostosa.

Perder-me assim neste amálgama de sensações, ao fundo e em frente e longe a serra também perdida numa tonalidade fluida de um verde que não sabe como permanecer verde de tal maneira é o desejo de se alçar em voo pelo azul do céu esbranquiçado.

Nada tenho a ver com a natureza. E no entanto, esta luz perpetra em mim atavismos que pareciam irremeáveis, falas de sentidos tidos muitas vezes por incomensuráveis ou incapazes da natureza humana. Humano dos pés à cabeça sinto o sol no corpo como uma delícia rimando com a estafada carícia, é tão bom, de vez em quando, ser-se medíocre e poder-se ser lido como uma banalidade da ordem da gasta metáfora!

Esgotado o gozo regressa-se ao sol, ei-lo, no azul quase indecente do céu, não me perguntem porquê, dizê-lo obrigar-me-ia a uma tirada mais ou menos filosófica sobre a importância dos símbolos, ao azul desejo-o apenas azul e adiáforo, coisa de que se fala como se nada fosse. O nada que é alguma coisa é caso mais bicudo. Não, minha eutimia, sempre frágil, exige-me a contenção, contento-me em descrever o que se passa à minha frente, esse vulto enorme e pedregoso, a serra de Sintra, envolta de luz, não de mistério, afinal já não somos mais crianças!

Que sintaxe tão contundente! Abrasadora! Quisera ser o arauto da paz de espírito que me alaga nesta tarde onde o silêncio impera, mas há sempre algo que impede ou impedirá a sua completa fruição! A vida é muito complicada! Da morte só se fala por mera associação de ideias. A raciocinação porética nada mais é do que o que é: isto que se apresenta como oferta do presente em presença do desvelo da hora!

Escrevo manhã simplesmente porque é manhã  
e porque estou seguro da sua verdade, escrevo mais  
um dia de vida na esperança de vir a sobrevivê-lo  
como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Do mundo não saberia o que dizer neste momento.

Da terra apenas posso afiançar que neste lugar  
onde vivo um sol matutino procura destrinçar  
entre o nevoeiro as formas da realidade circundante  
para que a estranheza não advenha à consciência  
como um dado querendo fazer-se adquirido.

Vozes de crianças no recreio da escola em frente  
sobem no ar como manifestações de uma presença  
que me é difícil de desvendar, que sei eu da juventude  
de hoje, que soube eu da juventude de outrora  
quando outrora eu tive toda a probabilidade de ser  
jovem como os demais jovens da minha geração?

Não me quero lembrar. Recuso-me a recordar.

Meu coração não está no passado nem no futuro,  
gostaria de dizer que está no presente, mas que presente  
é este que se ausenta tão rapidamente, segundo  
a segundo, numa sucessão de palavras e de gestos?

Compreendo aqueles que revigoram a memória  
do passado, mas minha memória do presente dá-me  
apenas esta periclitante oferta, o que advém  
advindo, a passagem passando, a contingência  
tocando-me na pele, nos olhos, nos ouvidos, sentidos  
às vezes tão deprimidos pela experiência  
tão pouco contemporânea do que sou neste mundo!

Penso que já o disse, às vezes penso que há  
como que um desfasamento, uma descoincidência,  
como se estivesse sempre alguns segundos,  
alguns minutos, algumas horas, alguns anos,  
alguns séculos à frente do que se passa à minha volta,  
e este avanço excruciente dilacera-me ao ponto  
de não me reconhecer como o ser humano que sou  
ou muito naturalmente deveria ou desejaria ser.

5.

Mas o silêncio fez-se, as crianças recolheram às suas salas de aula, o sol não deixa de bater extático no branco das superfícies de um dos pavilhões, uma tristeza impávida abate-se sobre mim como se ainda houvesse solidão. Há, apesar da minha denegação, ainda e sempre, alguma solidão por estas partes. Ver esses adolescentes e ouvir as suas vozes desencontradas é uma companhia anónima, para quê negá-lo? Resta-me agora permanecer aqui sem saber muito bem o que fazer, mesmo quando algo como um fragmento de língua assoma ou emerge trazendo consigo talvez uma dimensão inesperada da realidade desta manhã que se alonga de desejos.

Não, não me parece que nada de invulgar vá acontecer, a rotina é um dado certo, os dias são os dias, a tautologia é o que é, o que é nem sempre é um mistério, não cabe neste exemplo de escrita nenhuma metafísica, não cabe, infelizmente, nenhuma capacidade física à inspiração do momento para fazer explodir a percepção do real num conceito que fizesse história no pensamento ocidental.

Pobre do pensamento ocidental! Pobre da inspiração! Mas a vida continua, nenhuma aporia a deixa encalhada no tumulto inulto de um pântano estarrecido pelo ócio, as crianças desaparecidas não impedem que quem escreve escreva o que tem a dizer ou a não dizer, já que, já que, por vezes, nada há, verdadeiramente, para ser dito.

Há ainda tanto para viver! Por exemplo, as tarefas que hoje terão que ser cumpridas, compridos espaços de tempo perdidos ou ganhos em manifestações da actividade humana numa sociabilidade em tudo condizente, ressalvando o nada, com a civilização ainda, e mesmo assim, ocidental.

Não, não, algo falha no que agora falha. A solidão não se deixa iludir com idas e vindas, mesmo quando deseja deixar de ser um tópico literário como já o foi durante tantos séculos de especulação espelhada numa convenção que teima, apesar de tudo, até da crítica e da ironia, em sobreviver como dado essencial da humanidade.

6.

Tarde em nada inaugural, antes inaugurada sem que tivesse dado pela sua intumescência, entretido na leitura de livros que farão de mim nada mais do que espessos pós do olvido em bibliotecas que possivelmente nem sequer existirão!

Mas a gráfica espera as provas. E eu, incoativo, espero ser prova viva de que cumpro com as minhas obrigações, como corrigir o que de mal poderá ter vindo da passagem de um formato (o CD) para as futuras páginas de um livro que ninguém, a não ser eu, realmente, efectivamente, lerá.

Devo ficar triste pelo reconhecimento da verdade revelada? Já foi tempo. Agora simplesmente publico-me no afã de me tornar cada vez mais anónimo e privado, a contradição não é um paradoxo nem o paradoxo, neste caso, é uma figura de retórica. Agora alegro-me pelo inédito da situação, como se brincasse com a história, como se fosse eu próprio o propulsor da história, como se estivesse, por estar fora da história, num outro plano da dimensão humana,

um plano planando quase como transcendência vertical na horizontalidade da consciência que me é dado auferir.

Faço pois da rejeição dos contemporâneos conterrâneos

uma maneira muito subtil de me conceber único

na arrogância reivindicativa que conclamo, sinto-me quase miraculado e imune à mediocridade pátria, homem

para todas as estações como para todos os conceitos de homem que possam irromper na escrita que debito dia após dia como se nada mais me coubesse que ser o ser!

Sei que as ontologias andam muito por baixo, que o pensamento nunca governou estas plagas, que a sensibilidade capaz de emoção, da verdadeira, daquela que faz emergir o alcance

à língua, não é apanágio desta gente que evolui à volta em rodeios de língua e de acções irrealizadas e irrealizáveis, mas que fazer? De quem a culpa? Terei que ser mimético?

Inominado e inominável, inexistente, publico livros ilegíveis como quem não ignora que ao escrever está a ler, a ler

o que se passa no que passa, no que pretende abrir uma passagem na aporia: esse nada amíntico e epulótico.

Admirado por não estar admirado, sorrio com uma complacência que me é de todo desconhecida, sorrio como se fosse sábio ou soubesse mais do que realmente sei. Nada sei. Claro que sei sair de casa e entrar em casa, ir e vir, dizer asneiras, opinar, deliberar, decidir, falar, ler e escrever, conduzir um automóvel, outras coisas, mas queria dizer, nada sei da vida. Nada sei do destino, nem sequer se há destino. Nem sequer se há ainda algures uma possibilidade de se escrever este *sequer*. Ou o giro frásico que utilizei. Ou mesmo a palavra destino. Tanta coisa aconteceu na minha vida que a vida parece ter deixado por isso mesmo de ter acontecido, já que a memória inútil não dá do que foi o que foi, apenas fímbrias de imagens que perpassam e esvoaçam num segundo onde o tempo dessignifica mais do que significa, isto é, e usando a língua em ávido auxílio, onde o tempo poderia ser um meio de revelação, uma possibilidade de apelo ou de fixação ou de imponderável recuperação, que é sempre, quer se queira quer não, nosso desejo inconfessável. Exausto com este *ão* já não sei se devo continuar a sorrir, eu que sempre evitei as rimas contundentes, cansado das toadas que me fizeram ouvir outrora nas escolas de um atrasadismo ainda finissecular. O sorriso foi-se. Não estou surpreendido. Nem admirado. Admira-me que ainda deseje ficar por aqui, quando *aqui* é uma indeterminação terrível, ou uma diversidade de coisas, pois se trata de um texto que se escreve, de um local onde se está, e de um formato onde se alinhavam estas palavras que surdem como arranques de uma surda lava crepitando alalamente no arroubo de uma consciência atenta ao que, porisma, advém na admiração irónica de si mesmo.

O disparate, dizer o que se ignora, esta hora  
ainda sem história, intuída apenas como memória  
de um presente que se apresenta aos sentidos  
para ser vivido como a expressão expedita  
de uma acção onde o movimento e a reflexão  
imperam. O disparate, esta sintaxe saltando  
de palavra em palavra como uma criança salta  
de pedra em pedra quando quer atravessar um ribeiro  
de águas tumultuosas e reboliças, com requebros  
que fazem explodir no ar bolhas de uma semântica  
que não está preparada para enfrentar o mundo.  
O disparate, esta semântica titubeante e titilante  
sentindo nas suas entranhas a estranheza  
indelével de uma sensualidade que vai de lés  
a lés até chegar ao rebordo sexual, confim  
sem fim de uma oscilação tempestuosa, ousar  
ir mais longe, fazer do longe o perto, do perto  
o parto, do parto a partida, da partida a partitura  
para a música onde urdiduras quase obscenas  
encenam o que geralmente se esconde na *cora*.  
O disparate, disparar em todos os sentidos  
os sentidos anquilosados da língua desbaratada  
em que as populações se parodiaram uma história  
perdida na ilusão do passado brilhante  
ou mesmo glorioso, tumefactos traumatismos  
que só engendram enganos nas gerações coevas,  
para que dos estilhaços renasça a possibilidade  
de um futuro limpo de apagadas e vis tristezas.  
O disparate, pensar-se talvez que, com isto ou aquilo,  
como, por exemplo, com a linguagem porética,  
se poderá dar o exemplo de uma maneira  
de se abrir uma passagem onde nada mais há  
do que a desolação e a desesperança, ou onde só  
há o antiquíssimo compromisso das frases feitas,  
isto é, das vidas previstas no aviltamento  
de uma pobreza incapaz de se reconhecer miséria.

Tendo como pano de fundo, senão de mundo, a voz  
 de Maria Muldaur desfiando *blues* atrás de *blues*  
 com um denodo e uma expressividade que lhe desconhecia,  
 nada mais fácil que dizer da manhã esta luz ventosa  
 de um mês que nos traz uma nova estação.

Interdito, não sei porquê, foi como fiquei depois  
 de ter escrito e de ter pensado o que escrevi e pensei.  
 Ignoro as razões, sem dúvidas obscuras, que presidem  
 a tal estado, mas às vezes certos pensamentos  
 suscitam estas perplexidades do comportamento humano,  
 talvez porque nada de novo tivesse sido dito

no que foi dito, e como se isso fosse ainda um crime  
 para quem já não acredita que a língua possa mudar o mundo.

Estou mudo de espanto! Queria só falar da emoção  
 que é ouvir a voz da Maria Muldaur neste seu CD  
*Richland Woman Blues*, e da coincidência factual  
 com a luz da manhã, com o azul inexpressivo do céu!

Que estou a sentir? Pergunta embarracosa. Evitável.  
 Sinto, muito estupidamente, que sou um pano de frente  
 ou de primeiro plano ou de superfície, olhos

e ouvidos e dedos, olhos para ver o écran branco  
 como uma fosforescência iluminada de sinais negros,

ouvidos para ouvir a música que balança triste  
 como uma *slide guitar* deslizando ao lado do piano  
 em tudo pretendendo a sorte e o sigilo da redenção,  
 dedos para pressionarem as teclas deste instrumento

onde busco a cura para os dias que perpassam  
 como desvelos incapazes de um desvelamento outro:

ser, apesar de tudo o que disseram e escreveram  
 ao longo dos séculos, continua um mistério, e ser-se  
 vivo, na pele do ser humano que se é, é um problema

deveras profundo para ser analisado aqui. Aqui  
 continuam os *blues* a pontuarem a manhã de minutos

de um estranho prazer, haver vida no que há,  
 mas a formulação deixa muito a desejar. Deseja-se  
 só que alguma música tenha também por aqui perpassado!

A serra nada mais é do que um nevoeiro espesso acinzentado, um horizonte infeliz de nada, superfície ou tela onde apetece projectar quem se é para se poder ficar com uma melhor ideia, ou uma mais nítida noção, do que se exprime quando a língua de todos os dias e de todas as horas utiliza giros frásicos do tipo: «do que se é neste período ou nesta época da vida». Por mais difícil que o ser seja em mim, ou que seja ser de mim a mim, não sou nem de longe nem de perto, nem analogicamente, um nevoeiro, sou um homem incapaz de dizer o que sente, ou, talvez, de sentir o que diz quando, em papéis como este, escreve certas palavras oriundas de um impulso que alguns chamam consciência e outros as desejam, a essas palavras, vindas do fundo quase mítico de um inconsciente mais ou menos pressuposto ou mesmo francamente putativo.

Não discuto teorias. Não me discuto. Escuto apenas atentamente o que não vejo nem poderia ver, esse eco dessa espessura esbranquiçada que acaricia a serra e que parece querer rivalizar tenazmente com o ecran onde escrevo, esse nada concutindo de mim inesperados eus que me alcançam e atingem como possibilidades de um voraz presente que se ausenta imediatamente quer no passado advindo quer no futuro adveniente, passagem tão iminente que não há tempo para o tempo deixar o alguém de mim sentir, pensar ou mesmo reflectir.

Assim estou diante da janela real, nesta manhã real, sentindo-me real apesar do nevoeiro e da falta de sol.

Nada me falta para ser homem, sou, sem dúvida, um homem, mas a dúvida não recai no facto de ser ou não ser um homem, a dúvida permanece quando a pergunta se levanta: que homem sou hoje? Que homem fui ontem? Que eu sou eu? Incapaz de sentir ou de pensar uma resposta respondo inadiável pelo olhar que lanço ao nevoeiro sobre a serra, sabendo que não há resposta na parte que me faço do eco que devolvo à própria terra!

Como se, como se os mortos, alguns mortos,  
quisessem começar a respirar por intermédio  
destas palavras que vivifico com alguma dificuldade.

Como se não houvesse mais em mim uma força  
ou uma vontade de afirmação, mas antes o desejo  
de acolher os que procuram regressar ao tempo,  
esse mistério e essa dança dos sentidos dispersos.

*Apofrades*, o regresso dos mortos a quem roubámos

o fogo de um exemplo e de uma bitola, ei-los  
que chegam a pedir um lugar onde deveria haver  
uma alma, ei-los que desejam tomar a palavra, serei  
capaz de recebê-los, de estar à altura de tal tarefa?

Sem sucumbir? Esse é que é o problema. Agora.  
Direi apenas: que venham os que tiverem que vir,  
seus lugares intactos e comovidamente limpos,  
o poder não me interessa, há muito deixei a contenda  
poética para me preocupar com batalhas ou lutas,  
os passos do meu caminho são, paradoxalmente,  
irremedáveis, só a mim mesmo regressarei fantasma  
de experiências sempre renovadas até que a morte  
venha definitivamente pôr um ponto final ao fim  
de uma vida e de uma obra inextricável dela.

Como se, na realidade, fosse já morta esta vida  
que vivo todos os dias, não porque a doença seja  
incurável, não porque o nojo de viver tenha alcançado  
o incomensurável, mas porque agora viver já não é  
só respirar um dia a dia, estação após estação,  
e ano após ano, agora viver adquire a dimensão  
quase sagrada de um bem como nunca foi suspeito  
ou sequer imaginado quando a idade não tinha  
atingido este ponto da história pessoal. Viver-se  
é morrer-se. Aceitando-se ou não a morte, a morte  
deseja-nos vivos até nos tomar na sua cruel frialdade:  
que venham pois os mortos, queridos e amigos,  
fazerem-me companhia agora que as palavras  
finalmente deixam de ser minhas para ser dos outros.

Buddy Guy no seu último CD, *bring 'em in*, acabado de sair e devidamente pirateado, ou a era não fosse o que é (o significado da asserção uma incógnita), traz alguns amigos para também ele piratear (mesmo que pague os direitos de autor aos devidos autores!)

alguns dos *blues* que irromperam no século vinte com a felicidade de suscitem momentos epifânicos. Sei que alguns dos meus amigos vão torcer os narizes diante do despropósito deste adjetivo, que fazer? Paciência. Há palavras que persistem em sobreviver, há sentidos que resistem às mudanças do tempo, há mudanças que na realidade não são mudanças!

Ouço-o a Buddy Guy que toca e canta com seus amigos e amigas e sinto uma pena enorme por estar aqui, sozinho, neste quarto virado para o imenso sul azul de um céu não sei porquê imperdoável, quando talvez imperdoável seja o facto de estar aqui sozinho!

Onde estão os meus amigos e as minhas amigas? Sem dúvida vivendo suas vidas rotineiras como eu, trabalhos disto e daquilo, tempo perdido ou achado, nunca se sabe, tempo que passa mas nem sequer no fogo de uma qualquer paixão como é esta canção que agora ouço e me faz vibrar até sentir em mim quem nunca fui nem possivelmente nunca poderei ser.

A música, e sobretudo o *blues*, abre-me numa dor prazenteira, ardor ontológico onde me descubro, talvez estupidamente, doação e abandono, presença, passagem onde o tempo deixa de significar qualquer tipo de medida para surdir urdidura de uma aventura sem começo nem fim, inevitável eternidade!

Agora é que alguns amigos não me vão perdoar! Ter esta recaída! Ter sucumbido a ideologias mais do que passadas, tresandando a mofo, perdidas na escória da memória que a civilização preserva nas suas malfadadas entranhas. Estranho, sinto-me bem! Talvez seja da música, talvez seja da idade!

Um sol magnífico, se bem que tardio, entra-me no quarto onde faço de conta que trabalho. A alegria quase endémica saltita no meu peito obtuso como se não houvesse Inverno depois de um Outono, como se a temperatura ficasse sempre por estes agradáveis vinte e três graus. Preparo um volume há muito escrito, em Santa Barbara, U.S.A., quando lá vivi nos anos oitenta, intitulado *California*, na realidade junção de três livros: *O Enigma da Identidade*, *Na Pele Certos Sinais* e *4328*. Como na altura ainda não usava o computador vejo-me agora obrigado a passar essas páginas dactilografadas para o formato contemporâneo: devo dizer: uma chatice! Mas como o sol bate sobre esses poemas datados, pois então eu ainda escrevia poemas, estamos em oitenta e cinco e a linguagem porética e o poreticismo ocorrem em noventa, se a memória não me falha, e já em Portugal, como o sol bate sobre essas folhas, dizia, é-me mais fácil percorrer todo o sofrimento contido nas palavras que um homem, que fui eu, escreveu pensando que seus dias estavam contados e a morte próxima. Os dias, verdade seja dita, estão sempre contados, e a morte, para quem deseja tanto viver, é sempre prematura.

Mas, o que mais ressalta nesses papéis, até fazer doer, é o medo que se desprende dessas palavras e desses textos, um medo que hoje me é incompreensível, ou só comprehensível na loucura e na textura de uma doença não diagnosticada. Devo confessá-lo: não me reconheço no que me conheço de um mim como personalidade ou mesmo pessoa. Não que não tenha sido quem fui, mas não sou quem tenho sido ao longo da minha já longa vida. Ou, o que será talvez um outro problema, não quero nem desejo ser! Houve pensamento no que acabei de proferir? Houve qualquer verdade ou acordo com o que aconteceu? Ignoro. Não ignoro quanto me custa ler esses poemas infelizes desses livros solitários e distantes, e quanto me custa descobrir a distância que existe em mim como um dado quase existencial da minha experiência do mundo!

A excitação que é, mesmo assim, quando se chega perto  
 da língua sem se saber muito bem o que vai acontecer  
 na relação que se estabelece através da escrita  
 com os seus meandros e as suas deiscências hiulcas.  
 Chega-me à consciência num voo quase apopléctico  
 o terreiro da quinta com os seus vasos habitados  
 de roseiras, estou, manhã cedo de um qualquer sábado  
 ou domingo, examinando essas exfoliações que nem sempre  
 são cor de rosa, essas pétalas percorridas por cores  
 onde apetece deixar o olhar por longos minutos,  
 como se a carícia ainda fosse possível nos dias  
 de hoje e num mundo explodido em ávida violência.  
 Não saber nada de uma paleta nem de cores para poder  
 agora dizer o meu encanto e a minha surpresa  
 perante certos tons de uns vermelhos escarlates  
 onde não há sinónimos mas apenas nuances mínimas  
 marcando a diferença como se a alegria estivesse  
 não só em quem perscruta, como também na própria  
 coisa. A realidade tem uma vida, senão anímica  
 ou psicológica, pelo menos que irrompe em falas faúlhas,  
 reverberações de exalações, materialidade cósmica  
 onde a natureza é naturalmente parte da existência  
 que compartilha com a humanidade a sua natureza.  
 Sinto que estou a disparatar. Não me importo.  
 Basta-me sentir a luz do sol soletrando as cores  
 das rosas que se levantam no rocio da manhã outonal,  
 basta-me a tentação de querer cheirar essas pétalas  
 pudibundas e sedosas numa inclinação do meu corpo  
 que se abeira amoroso e fatal: mas não há odor,  
 meu olfacto fica aflito como se apanhado desprevenido  
 num íntimo conflito da consciência, que beleza é assim  
 tão fria ou inodora que não deixa traço ou rasto,  
 que não pervaga pelo espaço em aromas ou eflúvios?  
 Terei o direito de ficar desiludido? De não mais  
 ver essas cores que fulgem como um engano mítico?  
 Não. Aceitar o como é do que é sempre foi natural!

Não vou ficar aparvalhado diante da luminosidade da manhã como tantas vezes aconteceu em começos de poemas e depois de porismas, mas é um facto que hoje a serra que daqui (um lugar desmistificado) se divisa está translúcida como uma clarividência própria de um pensamento que não ousa ter dúvidas!

São esses verdes nítidos de frondes avolumadas em perspectivas de espaços ou de direcções avulsas, é o palácio, encimando com suas cores obtusas e abstrusas uma pedregosa natureza, na tentativa de criar um pico que eleve a montanha mais alguns escassos metros acima do nível do oceano atlântico.

Que não vejo. Vejo, ou melhor, sinto, ou melhor, percebo a luminosidade da manhã, mas não extrapolo como o fez Platão ou mesmo, mais recentemente, Heidegger, quando trataram do problema do ser. Nem vou introduzir nenhum discurso sobre o bem ou sobre a verdade, o que, convenhamos, até que me ficaria bem! Vou só referir este céu azul sem mais nada, um azul tão azul que me seria de todo impossível defini-lo, onde nenhuma nuvem existe ou perpassa ou pervaga, o que não é uma razão para querê-lo, como outrora, imaculado, quando os poetas viam nesse adjetivo uma possibilidade de analogia! O tempo mudou. A história do ocidente mudou. A vida dos homens e das mulheres e das crianças que vivem no ocidente mudou. Há ainda quem não dê por isso, mas o anacronismo, que eu saiba, não é só uma palavra. Nem o atrasadismo intelectual. Sentir ou pressentir o que já é ou o que está sempre advindo não é uma tarefa fácil. Às vezes fica-se com a impressão desoladora de que a percepção das coisas que irrompem ou emergem se parece mais com o disparate, é preciso um pouco de coragem para aceitar o inaudito e o impredizível e o imprevisto, às vezes não é nada fácil conceder realidade ao real!

Mas não posso impedir-me de revelar quanto é bom estar a ouvir Mark Lanegan enquanto a manhã desliza como uma realidade, enquanto escrevo que vejo pela janela escancarada o que se passa nesta parte da terra e é também mundo. Há vozes que não precisam de palavras. Sei que é uma estupidez a afirmação, mas há vozes que transformam qualquer dizer, por mais banal que seja, num facto ontológico, como se, como se, e a interdição surpreende-me, não ser capaz de exprimir a ideia, talvez porque não haja aqui uma ideia, mas só um esboço de pensamento, ou até, menos do que isso, mais do que isso, do processo de pensar. Aporia. Não fiquei triste. Se dissesse que era a alegria o que agora me banha, seria só para rimar.

Não vou cair na armadilha. Caí. Tentar a linguagem tem destas contradições e destas perplexidades, vou desistir? Nem pensar! Outro deslize. As partidas que a língua nos prega! Agonia, esta luta constante, esta atenção periclitante, até que chega um momento e surde o abandono e então *tudo é permitido*, nada tendo que ver, esta asserção, com a existência ou não de Deus. O século dezanove há muito deixado de ser eslavo. Hoje é o globo que comanda o ser da consciência, ou a consciência do ser, se fizer algum sentido sentir assim os problemas que grassam pelo mundo coevo.

A voz continua de canção em canção a desfibrar franjas ou fímbrias do imponderável, sei que agora a abstracção quer tomar conta do discurso, não vou permiti-lo. Há uma guitarra acústica acusticando ecos de ecos, como sair daqui? Sinto que me afundo, quem me dá uma mão e me puxa à superfície clara da clarividência? Estou sozinho! A música é, tem sido, uma companhia, mas que liberdade me alcança para que eu alcance uma exposição dos factos onde a realidade possa ser vivida como mais um facto da experiência quotidiana de um verdadeiro ser humano?

Há momentos, quando se conduz um automóvel  
entre um campo e um bairro suburbano,  
sob a incidência outonal de um pôr-do-sol  
acmástico, em que uma pessoa sente o destino  
na figura de uma imagem que passa,  
seja um enquadramento da realidade  
paisagística, seja a visão de outro ser humano  
indo de encontro ao enigmático sentido  
do desconhecido ou do provável futuro.

A sensação não é só de estranheza, ou não é  
absolutamente nada estranha, é como se  
um apaziguamento fosse possível onde outrora  
só houve sofrimento e conflitos, de uma paz  
incompreensível, que não nos pertence,  
vinda de um mundo desprovido de fundo  
ou de espessura temporal ou histórica.

Não é bem um reconhecimento, mas o que é  
vem ter connosco com a naturalidade  
de uma natureza inadmissível, é quase  
uma magia, uma entrada de quem se ignora  
em quem se é, de um outro, ser ou coisa,  
na matéria de que somos feitos,  
um corpo, uma consciência, um nada.

Houve esse momento no domingo passado  
e passou no tempo tendo ficado dentro  
de mim como um mim forasteiro  
que ousou ser língua nesta tentativa  
de explicação do sucedido, do acontecido.  
A vida é uma experiência muito estranha.

A língua é uma materialidade muito imprevisível.  
Entre a vida e a língua às vezes estabelece-se  
uma relação ou uma sintonia, atracção  
e traição, rasto do que fica da passagem  
do tempo, esse inulto enigma que não faz  
perguntas. E no entanto, ou por isso mesmo,  
são tantas as tentativas de resposta!

Há um Verão que persiste, teimosamente anímico  
ou aleivosamente personificado, em não dar lugar  
ao Outono, como se, por estas bandas, o tempo  
atmosférico procurasse imitar o jeito dos políticos.

Sei que é um acaso, mas até apetece estabelecer  
a analogia, eu que habitualmente não sou absolutamente  
nada, mas mesmo nada, de analogias. É bem verdade,  
a vida arma-as! Não que deteste o calor do sol,  
não que não seja sensível à beleza de um *indian  
summer* quando ele tiver que chegar, todo eu sou sol,  
todo eu tenho sido sol, sol, sol, mas o que me preocupa  
neste momento são as minhas árvores de fruta e de sombra,  
tendo já assistido a algumas perdas com uma comoção,  
sonora e húmida, que pensava não me ser possível  
para tais apêndices ou ramificações da natureza.

Eu que já escrevi sobre a chuva de Setembro caindo  
na superfície transparente e límpida das águas  
da piscina, dizendo dessas milhares de enciclias  
expandindo-se e entrechocando-se num jogo aquático  
em que o olhar se perde na suspensão do tempo  
pelo movimento parecer só espaço percorrido de moto  
próprio, desejava sentir novamente o cheiro da água  
da chuva a chafurdar na secura da terra, de me ver  
molhado numa simetria de sensações confusas,  
os sentidos envolvidos nessa quase sexualidade  
como quando, sendo-se criança, se junta água à terra  
para se fazer figuras de um barro perecível mas que dura  
o tempo de uma brincadeira ou de um enleio juvenil.

Toda esta terra berra por água, todo eu anseio,  
num dia após dia cronometrado, por água, esse líquido  
capaz de fazer rejuvenescer minhas árvores famélicas  
e precocemente envelhecidas. Envelhecido, lá vou  
regando-as parcimoniosamente junto aos seus troncos  
abstrusos, formando pequenos lagos num deserto sáfaro.

Como afastar o Verão do Outono? Que política  
capaz de resolver os problemas na ausência da chuva?

Uma tarde quase finda e um sol quase declinante, a casa excepcionalmente silenciosa, nenhum música extravasa o tempo com significações ontológicas ou meramente históricas, antes se sente que é da luz que bate nos quartos virados para o sul que algo como um mistério mistifica os sentidos desta hora.

Isto é, não há dizer para o dizer, ou para se dizer, se esta formulação difere ligeiramente da primeira.

Vagueio lentamente pelas dependências do apartamento sem saber o que estou a fazer ou o que pretendo.

Não pretendo nada, apresso-me a formular numa língua tão íntima que nem sequer a reconheço como língua. Que faço pois aqui deambulando de quarto em quarto, de luz em luz, de silêncio em silêncio, se a procura deixou de ser uma procura, se já não é uma busca este deambular perdido em si mesmo? Uma outra cura?

E para que mal? De viver? De não se viver? Ignoro.

O sol bate em algumas paredes e deixa um amarelado sigilo nas suas superfícies virgens, o símbolo pode ser lido, mas o símbolo foi há muito rasurado. Resta só o amarelo reflectido e uma tonalidade afectiva que realmente não se efectiva, isto é, não encontra realidade para irromper na consciência como língua capaz de traduzir o que agora é propriamente real. Ser ou não ser não é, doravante, nenhuma questão.

Ser, não sendo, talvez seja a questão contemporânea!

Oximoro de oximoro a linguagem ferve de temor e de fragilidade, onde um pensamento capaz ainda de pensar o mundo e a terra pensando-se ainda capaz? Aí está o problema. Nessas manchas de sol não há sol. Nem reflexão. Há um silêncio como talvez nunca houve outrora na história do ocidente, as coisas nada dizem, o dizer titubeia, não por vir da voz de uma criança, mas por sair estertorado de uma civilização incapaz de ingenuidade, e, por isso, de genuína genialidade: as luzes da razão apagaram definitivamente a luz do sol!

Neste começo de tarde, meio-dia, este começo de escrita, esta pequena amostra da minha presença ecléctica, dizer muito simplesmente que estou vivo, dizer que gosto de estar vivo, mesmo se este *mesmo se* irrompe intempestivo como nenhuma tempestade ousaria ser uma força viva ou disruptiva da natureza. Parece (o vermelho do seu sublinhado no ecrã é um estigma) que o vocábulo *disruptivo* ainda não existe na língua portuguesa, e no entanto a sua etimologia só pode ser latina, não anglo-saxónica: como explicar este mistério? De não haver certas palavras que nos deviam ser próprias e que contudo existem muito comodamente em línguas ditas estrangeiras pelo facto de nos parecerem estranhas?! As voltas que a história dá! Desconheço essa história, mas estou certo que mais dia menos dia esse adjetivo ganhará foros de cidadania entre nós, ou o inglês não fosse hoje a língua franca no globo mercantilizado!

Quer dizer, perdi-me em congeminações linguísticas.

Era meio-dia e havia alguma música como aliás ainda há alguma perpassando agora pelas fímbrias escatológicas do ar, havia o desejo de escrever um ser vivo em plena manifestação da sua existência mais ou menos precária, havia um tempo e havia um espaço, as coordenadas, só não havia uma planificação ou um esboço, nem sequer uma ideia, quer dizer, havia apenas o desejo de dizer qualquer coisa, não porque fosse importante o dito, mas porque seria deveras importante o facto de se estar a dizer: significaria obviamente que se teria que estar vivo, se me façô compreender. Às vezes... às vezes não é assim tão óbvio.

Às vezes sente-se a vida passar nas coisas que passam e sucedem sem que nada realmente aconteça, às vezes fica-se com o sentimento de que a vida deixou de nos viver, ou que outra vida se infiltrou sub-reptícia naquela em que nascemos e crescemos e vivemos longos anos para nos amortalhar num acampto inacontecimento!

Regresso pois ao silêncio sabendo que não é um regresso, sabendo que não é um silêncio, sabendo que ouvir-me é tão importante como ver o que se passa lá fora. Lá fora é o desejo de uma janela virada para o sul, nenhum sol porém no enquadramento visível, muitas nuvens, ou melhor, um esbranquiçado toldando o céu no seu azul acostumado, e ruídos de vociferações dos jovens da escola contígua. O mundo é o mundo, diria a tautologia. A terra é um astro, um planeta, uma errância etimológica para quem consulta os dicionários. Não quero falar do mundo nem da terra.

Desejo apenas ouvir. Não a turbulência adolescente das vozes estéreis que gritam truculências contundentes como nefastas, mas ouvir o que houver de consciência no sortilégio da hora que passa, o que houver de invenção na linguagem que se desfriba como sesgos grãos de areia.

Não ouço nada. Verdade que um corpo respira, vem respirando ao longo dos anos, mas nada me fala ou diz, nenhuma coisa emerge ao pensamento para ser pensada e daí para ser ser: nada. Fecho os olhos, abro os olhos.

Levanto-me e sento-me. O telefone toca, atendo-o, o amigo expõe as suas razões, troca de palavras, risos, promessas, novamente o silêncio difluindo sobre o apartamento vazio: nada. Nada? Calma aí! Calma aí! Há nitidamente, agora, ou, possivelmente, desde sempre, uma disjunção entre o pensamento e a ação, entre a ideologia e a realidade, uma incoincidência, uma alienação, um conflito latente.

Que poderia ou poderei ouvir do que não possui voz? O real só existe por intermédio da realidade. E a realidade é a relação que estabeleço com as coisas do real. Não, não, não há aqui nenhuma tautologia, poderá haver uma má formulação para o que me parece quase informulável, mas nada de complacências ou de fugas em frente que são sempre estratégias disfarçadas para justificar o imobilismo.

Ouvi com prazer e amizade meu amigo a pedir-me para enviar-lhe alguns textos para o próximo número da revista que prepara, acabado este porisma apressar-me-ei a agir em concordância!

Chove como tanto quis que chovesse, o dia sombrio,  
e não posso dizer que salto de alegria num contentamento  
de todo o meu corpo. A terra precisava de água,  
eu preciso do sol que desapareceu. Sei que não se deve  
ser egoísta, mas todo eu sofro esta depressão atmosférica.

Tive mesmo que acender o candeeiro, que pontifica  
sobre a secretaria, de tal maneira o dia se fez noite.  
Estou talvez febril devido a uma infecção crónica  
que se activou, não sinto as palavras nem consigo  
verdadeiramente sopesá-las para poder colocá-las  
em pontos estratégicos do discurso, deixo-as passar  
por mim como se fossem seres de outro mundo, estranhos  
sinais de uma dimensão da realidade que me escapa,  
como esta música que se faz ouvir, um *blues*  
que ainda há pouco me era totalmente desconhecido.

The Billy Gibson Band faz o que pode para animar  
a hora, eu faço o que posso para me deixar animar,  
às vezes, apesar de todas as conjugações de esforços,  
os resultados são diminutos! Deixou de chuvascar,  
é quase uma hora da tarde, ainda não almocei, tento  
com estes dados falsamente biográficos atingir a ilusão  
de um diário, mas eu não sei que isso é impossível?

O que é possível nos nossos dias? A dor de cabeça  
não me deixa pensar para poder responder. Manhã cedo  
andei à procura de uma epígrafe para este livro  
que agora se perpetra, mas não como um nefasto crime,  
qualquer coisa sobre a ironia como foi vivida  
por Kierkegaard sob camuflagem ou revisão ou mesmo  
heteronímia de Sócrates, para que se pudesse compreender  
o que chamo ou venho chamando de ironia indecidível,  
e que lhe está muito próxima, tendo encontrado isto:

«a ironia de Sócrates sobre a sua ignorância  
não é a ironia de alguém que parece dizer uma coisa  
mas que quer dizer o oposto. É a ironia de alguém  
que diz uma coisa dando a crer que quer dizer o oposto,  
mas que na realidade quer dizer exactamente o que diz.»

Às vezes, olhando para o espelho, surpreendo-me,  
no limite de um segundo, por ver diante de mim  
o rosto do meu pai, não o rosto verdadeiro do meu pai  
biológico que ainda vive, mas do pai de mim mesmo  
que cresceu dentro de mim como se eu tivesse que ser  
filho de quem sou, ou como se tivesse que ser pai  
para um filho que possivelmente nunca existiu, ou existiu  
contíguo daquele que fui na família terrestre que me coube.  
Ontem, o caso foi diferente. Ao fazer a barba, um trejeito  
do lábio inferior, repuxado por um dedo acuminoso,  
trouxe-me minha mãe ao meu rosto, e senti-la assim,  
tão inesperadamente, nessa expressão, deu-me uma alegria  
inviolável, como se qualquer coisa da minha mãe tivesse  
vencido a morte invicta, uma expressão do seu rosto,  
uma presença do seu corpo, desaparecido para sempre,  
vivendo em mim a possibilidade de ser experimentada  
e facultando-me por breves segundos uma companhia.  
Não me sabia um continente de tão estranhos conteúdos.

Passamos pela vida sabendo que nascer e morrer  
são dados adquiridos, ignoramos tudo do que poderá  
ocorrer entre esses dois acontecimentos essenciais.  
Claro que só às vezes é que estas coisas acontecem.  
As mais das vezes é a vida entre um acordar e um deitar,  
os afazeres quotidianos, a rotina, a civilização dita  
ocidental agora em começos do século XXI, mas às vezes  
os seres humanos são como que visitados por uma mão  
em tudo metafórica, uma mão que nos emunda da escória  
dos dias para que um certo dia, uma certa hora, um breve  
segundo, se possa experimentar esse tal lapso ilapso.  
(Toca o telefone. Um minuto. Volto já! Tenho que ir!)

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....

Inacabado o porisma de ontem não o saberia acabar hoje.

Ontem passou. Hoje é outro dia. Para lá dos evidentes truismos, para quê recomeçar o que já carecia de palavras ou de sentidos outros que os sentidos no jacto primeiro do impulso intuitivo? Tive que passar todo o dia na casa de campo, problemas com a bateria que alimenta o alarme. Basta uma pequena chuvada, tão necessária aos interesses do país, para que os fios da electricidade se rompam.

Mas como os piquetes, quer da electricidade quer da companhia de segurança, andavam atarefados aqui e ali, lá permaneci deitado num sofá providencial lendo um romance que faz parte do currículo escolar, dormitando depois de cada quinze minutos de leitura uns outros quinze ou mais minutos, sendo de vez em quando alertado pelos telefonemas da minha mulher: levantava-me de supetão e ia responder às perguntas subsidiárias.

Felizmente que fazia um sol em tudo outonal, se assim o caracterizo é porque realmente acho que há, sem dúvida, em cada estação, uma tonalidade diferente para a luz ou para a luminosidade do sol, independentemente, é claro, das variações e dos acidentes de todos os dias.

A posição do sol no horizonte, ou mais cientificamente, as distâncias e os ângulos entre o sol e a terra determinam cambiantes totalmente diversos. Um dia de sol em Dezembro nada tem que ver com um dia de sol em Julho. Súbito, a pergunta: que estou aqui a escrever? Que é isto?

Um almanaque? Sei que não é um livro de poemas, mas a linguagem porética descambou para estas nonadas explícitas? Envergonhado comigo mesmo, não podendo ficar envergonhado comigo outro, respondo humilhado e quase apanhado em falta: mas a vida também não é isto?

Ah, este *isto* desculpa tudo, até a indigência infeliz de uma qualquer inspiração, para não se ser mais severo e abrir o jogo dizendo: até a mediocridade! Engraçado, poderia ter entrado em pânico, ter ficado aflito, mas não: um sorriso meu, em nada misterioso, mistifica-se realidade!

Sinto-me bem, quero dizer, com a ideia sugerida de mediocridade. Há um certo bem em não se ir além de um certo ponto da consciência ou da realidade.

Que tenho feito eu todos estes anos, e neste país, senão tentar imbecilizar-me, percorrer a senda tosca do embotamento, procurando ver o mundo ao rés da obnubilação? É o que me cicio muitas e muitas vezes quando vejo o espectáculo do que se pensa que é a cultura por estas bandas, mas é pura alienação da minha parte, pura mentira. Não é, infelizmente, verdade.

É antes ou quase a reacção comunitária que segredo frete à mediocridade circundante. Ser como os outros, foi a palavra de ordem. Não consigo. Só os génios atrever-se-iam a comungá-la ou a desejá-la. Eu vou pelos caminhos, isto é, pelas palavras, mais impossíveis da língua, eu tropeço em problemas acmásticos como exotéricos, eu procuro curas para instantes profiláticos, eu paro por vezes diante de sombras descomunais, onde o pensamento deixa de pensar, onde a emoção deixa de sentir, onde a hominalidade é posta em causa. Eu desfaço-me e refaço-me no torvelinho ingente de uma paixão cujo significado sofreu sucessivas catacreses ao longo dos séculos sem que tenha atingido ainda uma sedimentação semântica estável, eu reaprendo a falar e balbucio uma língua como quem diz bom dia ao sol da manhã amanhecida.

Só que nada disto é real e acontece e existe porque não há ninguém para reconhecer em mim alguém, um homem que vive, que escreve, que faz parte de uma humanidade e deseja, talvez ingenuamente, contribuir com o que faz para o bem dessa humanidade.

Talvez haja uma razão para isso. Este fazer talvez não seja um fazer. Escrever palavras ou abrir passagens são acções, gestos que se executam ou perpetram, não ficam como objectos para serem observados a olho mais do que nu: ficam como ecos de acontecimentos!

Entre um apartamento e uma casa de campo  
é como se vive nos dias de hoje. Entre a semana  
e o fim de semana. Embora, dada a distância  
que separa as duas habitações, uns escassos  
quinze minutos de automóvel, muitas sejam as idas,  
sobretudo de tarde, para o sol do campo.

Nessas tardes solitárias, junto à piscina fria  
e aquática, sentado numa espreguiçadeira de lona,  
dou-me a pensar sobre o que foi a minha vida.

E não penso muito. Ou porque a memória  
não me é transbordante, ou como se nada  
do que foi tivesse importância para emergir  
à consciência com a necessidade de ser revivido.

Sempre suspeitei que a minha memória  
era do presente. Não só oferta do momento  
que se está a viver, mas duplicação do momento  
vivido: como presente e como passagem.

O tempo é para mim um mistério. Li dezenas  
de filósofos, ou de pensadores (já que o primeiro  
termo parece estar a ganhar historicamente  
direitos do pejorativo), sobre o assunto, e devo  
confessar que quanto mais lia menos compreendia.

Não sei, tão-pouco, se se pode sentir o tempo.  
Nem se, para se falar do tempo, ainda se pode  
usar verbos como *pensar* e *sentir*. Estou deitado  
muito comodamente nessa tal espreguiçadeira,  
vejo as canas que balançam ao sabor vago  
de uma brisa inexpressiva, o silêncio quase  
total se pudesse haver silêncio na natureza,  
e sei, obviamente, que o tempo passa enquanto  
eu também passo no tempo, isto é, enquanto  
eu vivo e respiro e vejo as canas mexerem-se  
em movimentos inexpressivos porque não há  
nem se vislumbra um padrão (estou a tentar  
traduzir o *pattern* inglês): Não será que o tempo  
é simplesmente inexpressivo e sem padrão?

Há noites que ao regressar do trabalho, de automóvel, ouvindo, por exemplo, o jazz de Patricia Barber ou dos Tin Hat Trio, quando atinjo a enorme rotunda ladeada de uma gasolinaeira iluminada de luzes assépticas e metalizadas, me sinto ou pressinto, subitamente, para não dizer, com muita maior propriedade, pós-sinto, num relâmpago da memória, na América vivida nas duas costas, na California da segunda metade dos anos oitenta, em Massachusetts nos finais dos anos noventa, começo do novo milénio. É um momento fugidio, uma sensação estranha, já que o antes e o depois desse lapso de tempo e de revelação nada têm que ver com a realidade americana como a vivi outrora.

Estranha porque, eu que me encontro no meu país, não sou capaz de impedir o sentimento de exílio que então me cerca e banha, uma impressão dolorosa, portadora de conflito, de ambiguidade, de equívocos que só não me dilaceram a alma porque a perdi algures pelo mundo onde pus meus pés insatisfeitos.

Mas que dilaceram esta parte de mim desprovida de um porto de abrigo ou de uma breve identidade, esta parte que alguns chamam de ser e outros de nada, este borrão ontológico permeável à luz e à música, mas incapaz de uma fala que lhe desse um contorno ou uma transcendência. Quando isto me acontece, um minuto, um segundo de desvario ou de delírio, já o automóvel, na sua indiferença motora, se embrenha pelos bairros suburbanos da inspiração pátria, de curva em curva, como se o labirinto anacrónico ainda fosse possível, viável, ou mesmo simbólico.

Preso à música, para mim nem estrangeira nem estranha, chego à recta iluminada que me dá acesso ao prédio onde fica o pequeno apartamento. Apartado talvez de quem sou, de quem não posso ser ou de quem nunca pude ser, por imperativos em nada categóricos, subo a escadaria silenciosa e entro, solitário, em casa.

Diante do mundo como se não houvesse mundo  
 nem quem o pudesse observar. Quem sabe  
 o que é o mundo? Da terra tem-se uma ideia  
 mais precisa. Olha-se em frente e vê-se a serra.  
 Fala-se da natureza. Preocupamo-nos (quem,  
 quem?) com o aquecimento do globo, a terra  
 parece reagir mal ao mal do mundo. Será pois  
 o mundo a totalidade dos homens e das mulheres?

Mas isso não é a humanidade? O que se diz  
 quando se diz alguma coisa? Mas não importa,  
 a verdade é que nos entendemos. Quem, quem?  
 Não estou a gostar deste texto. Ignoro o que está  
 aqui a fazer, por que irrompeu tão extemporâneo  
 neste desejo de deixar escrita a experiência  
 simples de um frente a frente entre o mundo  
 e quem escreve, que sou eu, obviamente.

A manhã é sempre um recurso de primeira  
 e última instância, mas a manhã acaba agora  
 mesmo de passar a tarde, assim num repente.  
 Que tarde nos poderá ajudar nesta tarefa, dizer  
 do mundo uma experiência, fazer da experiência  
 qualquer coisa que possa perdurar no tempo?  
 Mas não será um crime? Querer parar o tempo?  
 Então, e o fluxo? Falou-se de eternos retornos,  
 até de eternos retornos do mesmo, mas, e do outro?

Será que a pergunta é disparatada? De quem  
 não percebe nada de filosofia? É bem possível.

É possível que nada se aproveite desta fuga  
 em frente, deste fogo flamejante ousando  
 ser mais do que linguagem, é possível até  
 que a possibilidade pertença a outra dimensão  
 do real que não da língua, quem escreve  
 ignora de todo por que há qualquer coisa  
 em vez de nada. Mas quem sabe, realmente,  
 o que é o mundo? Não se procure uma resposta  
 onde não há, infelizmente, um interlocutor capaz.

Venho de um enorme silêncio  
onde tudo é interdição e parálisia.

Venho do clangor do medo  
como quem não soube onde esteve  
ou que passos deu no tempo mudo.

Venho como se o facto de vir  
não fosse um verdadeiro regresso,  
como se não tivesse havido um lá  
nem agora possa haver um aqui.

Que foi feito de quem sou?

Que é feito deste mim? Olho  
para todos os lados e reconheço  
mal o mundo que me rodeia,  
as coisas onde evoluo, a terra  
que desde sempre habito.

Venho de um enorme silêncio  
e esse silêncio veio comigo.  
Onde está a alegria de viver?  
O contentamento de continuar  
a viver cada dia que passa entre  
sóis e entre luas, acontecimentos  
cósmicos que nos iluminam?  
Que sinto? Apenas o silêncio  
da sobrevivência. Que penso?  
Apenas que sobrevivi ao medo.

O medo mágico e medular  
da morte caiu sobre meu corpo  
como se fosse um espírito.  
Não soube lidar com ele, não  
pude contê-lo ou resisti-lo,  
minha cobardia é a única coisa  
que sobressai tonitruante  
do silêncio como uma áspera  
bofetada a quem não está  
ainda preparado para morrer.

Está-lo-ei alguma vez?

Pouco a pouco, quase como uma criança,  
piso o chão da nossa comum humanidade,  
os sentidos despertos para as sensações  
do dia, o dia difluindo em encenações várias.

Sem saber porquê, não ouso ainda ouvir  
música. Mas o real que nos envolve sempre  
foi musical, basta haver ouvidos que se dêem  
ao trabalho e ao gozo da atenção auditiva.

O que estou a fazer não é um crime. Disparate,  
tê-lo dito assim. Ignoro de todo a origem  
consciente ou inconsciente dessa asserção.  
Estou a escrever. O gozo é incomensurável,  
e daí incomprensível. Estou simplesmente  
a juntar palavras a outras palavras, muito,  
mas mesmo muito naturalmente, sem receios  
nem apreensões, e o facto de as sentir vibrar  
na consciência quando nela emergem, cheias  
de uma estranhíssima emoção, é como se  
sentisse diminutos mas finíssimos orgasmos,  
se a comparação não for um despropósito!  
Eu sempre desconfiei que na escrita havia  
muito de sexualidade, só não pude imaginar  
que o vir à consciência das palavras pudesse  
ser igualado ao irromper do esperma no acto  
sexual. Este prazer da escrita deve-se, ia dizer,  
sem dúvida, mas é sempre tentativamente,  
ao facto de se estar a ver as palavras surgindo  
no suporte escolhido (papel ou écran), logo,  
e ao contrário da fala corrente, o voyerismo  
terá o seu papel nesta experiência humana.  
Não será pois por acaso dizer-se, de oradores  
famosos, que falavam como se na realidade  
estivessem a escrever. Resta agora saber  
se a satisfação visível que mostravam era  
devida à audição vaidosa das suas palavras,  
se ao prazer erótico de uma oralidade escrita.

Não vou elaborar, instigado pelo momento favónio  
da manhã, uma alegoria do sol, apetece apenas,  
como tantas vezes aconteceu outrora, trazer  
para a memória deste presente pressentido paz  
a luminosidade outonal que aflora nesta paisagem,  
senão circundante, que a janela o impede, pelo menos  
frontal, sem que o adjetivo active o sentido mais  
ou menos belicoso que entre outros contém.

Depois de uma noite vendo televisão em programas  
estrangeiros abordando temas da actualidade  
onde a condição humana é tudo menos humana,  
em que se falou do sofrimento de milhões e milhões  
de pessoas, da morte de milhões e milhões  
daqueles que nos deveriam ser os semelhantes,  
é um alívio, e talvez uma alienação, este sossego  
solar caído sobre esta parte da terra e do país,  
este céu hiulco percorrido bovinamente por nuvens  
imponderáveis, esta quase ausência de brisa  
nas copas das árvores e dos arbustos, estáticos  
verdes apontando para o alto desejos inconfessáveis.

Estase. Já foi estética. Desejo de sair do tempo  
num simulacro ou ilusão de eternidade. Tarde  
demais para quem escreve. A consciência é quase  
a história irreconhecida dos crimes cometidos  
pela humanidade ao longo dos séculos consabidos,  
às vezes irrompe a pergunta: valerá a pena ser-se  
homem? Valerá a pena viver-se num mundo  
destes? A vergonha é tão grande que deixa até  
de ser vergonha, como se a língua não suportasse  
a realidade do real, do que ainda hoje acontece,  
como se nada fosse, com o conhecimento de todos.

Mas, verdade seja dita, quantos serão os que dão  
conta desta luminosidade que agora se espraia  
sobre a terra? Quantos serão sensíveis ao sol?  
À humanidade do homem? A vida é um estranho  
fenómeno, mas a crueldade é um facto banal da vida.

Há ocasiões em que me digo, nunca mais escrever.

Quem perdeu as ilusões não possui mais ilusões.

Quem descobriu que não há salvamento nem redenção, nem talvez terapia, na escrita de um destino-obra, não tem nenhuma razão plausível para continuar a escrever como se esse gesto fosse essencial.

Por que o faço? Porque tenho necessidade de ler aquilo que não encontro nos outros: uma linguagem inaugural. Não que me assuma um adivinho arúspice no sentido em que deixo as vísceras do meu corpo dizerem o que eu próprio ignoro, mas muito

do que escrevi prorrompeu do sofrimento carnal, esses gritos triturados que de encontro à consciência se transformavam em outros tantos ecos perpassando em repercussões de sentidos completamente inusitados.

É preciso que se compreenda bem: não comprehendo o mundo. Não comprehendo as instituições em que o mundo se ilude na aparência de uma organizada e habitável civilização.

Não comprehendo os desequilíbrios globais. O norte e o sul, o este e o oeste, quando tudo é errante planeta e roda à volta de um sol. Não comprehendo sequer as paixões clubistas das gentes, as afinidades ditas ainda electivas, as classes, as distinções, os interesses.

Não me reconheço em nada do que é aparentemente real. A existência de ricos e pobres é para mim um absurdo.

Para não cair na insanidade escrevo uma língua que depois, lendo, poderei vir a reconhecer como tendo algo a ver com a minha experiência.

Sou uma ilha à deriva num mar de incomunicação.

Sou o meu próprio, ou talvez impróprio, leitor. Lendo o mundo de uma maneira diferente, vivo-o diferente para que possa sobreviver à crueldade inerente às leis das sociedades que galvanizam o espanto do globo.

A legalidade nada tem que ver com a justiça. Poucos o sabem. São aos milhões os que sofrem esta verdade.

Todos os dias lá vou eu despejar o lixo emailiano  
com que bombardeiam a minha fragilidade ontológica  
assim como a minha fraqueza ideológica.

Lixo, eis o que as sociedades contemporâneas  
têm para oferecer aos seus cidadãos desprevenidos.  
Todos os dias espero uma mensagem dos amigos,  
e são tantos os dias, às vezes as semanas,  
sem que nada me chegue na forma de um «olá!»  
que me liberte um pouco da solidão  
mitigada em que habitualmente vivo.

Claro que saio de casa, claro que tenho uma profissão,  
claro que convivo com os colegas do acaso, claro  
que durmo com a minha mulher, de que me queixo?  
Há, aqui, uma queixa implícita? Que mais quero eu?  
Não sei que a vida é assim? Assim como? Assim!  
O raciocínio pára aqui interdito numa perplexidade  
inefável, perde-se num enigma de estígmata,  
como se nada disto tivesse uma real razão de ser.  
Poder-se-á recomeçar? Mas o quê? Esse *quê* é,  
sem dúvida, o verdadeiro problema. Eu desejo  
continuar a escrever, dizer alguma coisa de relevante,  
ignoro apenas se faria sentido neste discurso percorrido  
de sobressaltos inapreensíveis à inteligência.

Gostaria de dizer quanto me é cara a conversação.  
Quanto me é benéfico abrir-me em deiscências pêrvias  
onde a linguagem procura obter da língua o cerne  
da relação entre a experiência ontológica  
e a crueza da acção dos passos no tempo histórico.

Eu que costumo ser todo ouvidos à música,  
Gostaria que houvesse um par de ouvidos  
atento à música que na contingência de mim  
poderia tocar, esse ser inviolável e imponderável,  
mas tão frágil que é difícil reconhecê-lo  
na azáfama dos dias correntes. Talvez do ser  
nos reste só o esterco, o lixo, talvez nada mais  
seja possível que reconhecê-lo!

Dá gosto ver, num sentimento em tudo bucólico  
 como já não poderá sê-lo nesta fase da civilização,  
 as ervinhas verdes subindo verticais num solo  
 de barro, tapete periclitante desafiando o futuro  
 do tempo e das estações, conforto inexorável  
 para meus olhos cansados da violência quotidiana.

Uma obra da terra. Da união da água da chuva  
 com a terra. É com pesar que piso com pés de luva  
 leve essa maciez vibrátil quando quero chegar  
 à porta da casa, mas não há nada a fazer. Volto  
 para trás e vejo quase criminosas as pegadas fundas  
 de meu corpo ancho, por ali passou um homem,  
 não deixo de pensar, mas uma tristeza inóspita  
 assalta-me como se as coisas pudessem ser ou ter  
 sido, neste caso, de maneira algo diferente.

Há, estupidamente, porque não saberia explicar,  
 um certo fascínio nesta relação estabelecida.  
 Precisaria que alguém estivesse aqui comigo  
 para podermos deslindar as implicações mais  
 do que sub-reptícias que assomam à inteligência.

Ou talvez esteja a ver sentidos perdidos na voz  
 de uma miragem ou de um delírio, fui dado (subtil  
 e estranha expressão, não é?) a arroubos sibilinos  
 mesmo quando dizia que não cria em proferições  
 oraculares, sabe-se lá o que é a distância, o alcance,  
 a demora, sabe-se lá o que é este ou esse *lá*.

Às vezes a língua prega-nos partidas, desejei-as,  
 como estarão lembrados, partos, hoje poderia  
 acrescentar mais um dado-conceito e introduzi-las  
 como partituras de sinfonias que nos levam  
 pelos espaços temporais da estesia e da realidade  
 até onde o onde se perfila como um fascínio.

Para que o círculo, hermenêutico ou não, fique  
 provisoriamente fechado. Dá gosto ver como ser  
 pela escrita é um pouco como sentir nas ervinhas  
 um tapete que não existe existindo de moto próprio.

«Escreve», diz ela, «escreve», antes de partir,  
 manhã cedo, para o emprego, como outrora  
 me perguntava: Amas-me? O beijo, sinto-o, é  
 o mesmo, a exortação corresponderá hoje ao desejo  
 já ultrapassado de uma premente confirmação  
 mais temperamental que realmente necessária?  
 Que pensa ela que eu poderei encontrar na escrita?  
 A paz? A salvação? Um mero passatempo?  
 Mundos que me estão vedados no mundo  
 dos homens e das mulheres que frequentamos?  
 Gozos excelsos e esplêndidos de êxtases  
 onde os sentidos tocam a fímbria de deleites  
 e de prazeres incomensuráveis agora que a carne  
 já não facilita apogeus de rasgos eróticos?  
 Ou então ínstases onde o pensamento desce  
 a profundidades nunca vistas nem pressentidas  
 nem ouvidas nos anais da história intelectual?  
 Conexões de ideias faiscando como descobertas  
 que procuravam apenas ao longo dos séculos  
 um ponto de sustentação e de suspensão  
 para que problemas humanos pudessem finalmente  
 ser resolvidos trazendo a felicidade procurada  
 pelas populações depauperadas da terra vigente?  
 No que escrevo escreve-se apenas a realidade  
 de haver um homem vivendo a experiência  
 do homem neste tempo, um quotidiano feliz  
 ou triste e uma rotina apressada ou lenta, tudo  
 o que poderá chamar a atenção dos sentidos,  
 a chuva que cai, a memória do presente, oferta  
 das horas à consciência desperta: a música  
 dos Willard Grant Conspiracy confrontando-se  
 com a visão da serra envolta em névoas porosas.  
 Sim, talvez haja mais qualquer coisa. Chamo-lhe,  
 falho de palavras, eu que inundei de novo léxico  
 a língua pátria, amor, como se só agora pudesse  
 responder à pergunta da minha mulher: Amas-me?

Que dizer do dia quando o dia nada quer dizer?  
Deixou de chover mas tudo é humidade à minha frente,  
no céu um cinzento esbranquiçado evolui esparsos  
como se a terra tivesse perdido o seu sol benfeitor.  
Vejo ao longe automóveis que passam entre Sintra  
e Mem Martins, a palavra azáfama explode célebre  
na minha consciência, mas é um abuso abstruso  
da catacrese, ou uma incompetente associação  
de ideias. No recreio da escola em frente, ou atrás,  
tudo depende da perspectiva, não se vê vivalma,  
os miúdos sem dúvida nas salas de aula. Espero  
que aprendendo alguma coisa. O país precisa, dizem,  
de massa crítica, pena só o terem descoberto agora.  
Já fui aluno e tenho sido durante muitos anos professor.  
Confesso, como se fosse possível a confissão estética,  
e com pesar, que não gostei nem gosto de ser uma  
e outra coisa. Nunca gostei de ser nada. E tive várias  
profissões, deste e do outro mundo, não falo do outro  
mundo como do mundo do além, no sentido evidente  
que lhe prestam aqueles que piamente acreditam nele,  
mas do mundo paralelo como quando se fala hoje  
de economia paralela. Nunca comprehendi, devo  
dizer, esta falta de vocação para qualquer coisa.  
E sofri na carne e no espírito esta ausência terrível  
de sentido e de direcção, esta deriva constante, indo  
e vindo num vaivém sem proveito nem caução. Perda  
e sofrimento esperavam-me na primeira esquina,  
não quero recordar, por que recordo? Conspiração  
inconsciente deste grupo e desta música? Não posso  
acreditar. Mas não servir para nada, não ter servido  
para nada, dá para reflectir. Tantas as profissões  
terrestres, e nenhuma capaz de me atrair, porquê?  
Porquê? Cheguei, para justificar o desaire, a inventar  
a teoria do extraterrestre que cai no planeta desconhecido:  
mitologias pessoais com que pretendi adocicar a alienação  
que me feria e fere até onde ignoro se há já homem.

Ah, mas eu sou desta terra, eu sou desta terra,  
desta música que ouço ou venho ouvindo  
desde o começo da manhã, eu sou daqui, diga  
o que disser, pense o que pensar, sugira  
o que sugerir, mesmo que este aqui por vezes  
pareça uma incógnita ou um desconhecido.  
Mesmo que não compreenda as acções ávidas  
dos homens e das mulheres, as suas políticas  
de sobrevivência, os seus gostos estéticos,  
por me parecerem tantas vezes tão primitivos,  
de mundos já desaparecidos e que eu reconheço  
porque os estudei outrora em livros de antanho.

Mas quando? E onde? Esse é o mistério.  
Não saberia explicar o que por vezes sinto.  
Ou penso que sinto. Melhor deitar o olhar fora  
sobre a paisagem que se divisa desta janela,  
melhor captar o que há de beleza na beleza,  
mas o dia chuvoso não deixa o sol iluminar  
esta parte da terra, não vou dizer que me sinto  
um órfão, só digo que não há motivos sérios  
para que a alegria se espalhe por estas palavras.  
E no entanto eu escrevo com alegria esta manhã  
cinquenta por cento real, cinquenta por cento  
literária, disjuntivo na minha identidade, triste  
e alegre ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

A chuva era precisa. Eu nunca saberei se fui  
preciso, nem se se poderá pôr este problema  
nestes termos assim tão desnudados de precisão  
filosófica como de relevância e de pertinência  
intelectuais, ou mesmo, já agora, existenciais.  
Seja ou não seja desta terra vivo neste planeta  
e nele habitarei enquanto a preciosa vida  
não me faltar. Tenho família e amigos, gente  
com quem convivo uma experiência histórica,  
tenho uma língua onde expressar dos factos  
os feitos mais singulares da estadia terrestre.

Eu que vivi em cinco países do planeta  
e passei por mais alguns, agora, quando a noite  
se adensa depois do trabalho cumprido,  
só apetece meter-me no automóvel e regressar  
o mais depressa possível ao hábito da casa.

É o que faço. Ignoro se haverá um pouco  
de depressão neste comportamento, mas a casa  
surge-me como um espaço amigável onde  
a presença da minha mulher me faz sentir bem.

Não que me sinta um menino protegido  
do mal do mundo e do mal, nem que viva  
como um casulo o que experimento então,  
mas as luzes da sala de estar dão-me quase  
a impressão de uma civilidade que não  
existe infelizmente portas fora. O país dói  
na sua monstruosidade acataléptica, nada  
foi feito nas últimas décadas para mudar  
mentalidades e comportamentos, o século  
vinte, que nunca se tinha desembaraçado  
do século dezanove, continua no século vinte  
e um como se nada fosse, indiferente  
ao tempo que passa na história da civilização.  
Dizem-me que há bolsas de contemporaneidade  
aqui e ali, neste ou naquele campo; não digo  
que não, mas sempre houve, desde sempre,  
as excepções, não será por isso que o isento  
pano de fundo deixará de permanecer em cena  
como um obsceno traumatismo da realidade.  
Claro que mesmo em casa, ouvida a música  
acmástica, se se opta pela televisão, logo  
o mundo nos invade com os seus desastres  
e as suas pestes, as suas guerras intestinas  
e os seus tumultos, paroxismo de emoções  
que nos clivam em seres improvavelmente  
humanos, já que da humanidade resta apenas  
as penas de uma visão dolorosamente paradoxal.

Estou parado diante da língua a reflectir  
 sobre o que vou tentar escrever. Quem me conhece  
 desde logo se apercebe do inusitado da situação.  
 Nunca fui homem para esperar o que quer que fosse  
 diante de qualquer muro branco, o meu gesto foi  
 sempre de me atirar em frente, era como um mergulho  
 entusiasta em águas desconhecidas, até certo ponto  
 contendo qualquer coisa de suicidário, nunca sabendo  
 se encontraria a vida procurada ou a morte como castigo.

Mudei. Mudo todos os dias. Mas esta mudança  
 sem dúvida que é mais profunda. Agora não desejaria  
 perder tempo a perder tempo. Agora cada porisma,  
 se não é fundamental, por incapacidade ou fragilidade  
 ou incompetência, reconhece intimamente, claramente,  
 que a sua disponibilidade já não é tão pletórica  
 como o foi ao longo de tantos anos desabridos.

Daí uma certa parcimónia e uma certa economia,  
 uma vontade de não explodir em feros fragmentos  
 que só dilaceravam quem se fragmentava, esta ficção  
 ou realidade eu que subsiste na língua como se o real  
 nada mais fosse do que o espelho da suposição.

Não quer dizer que os resultados sejam diferentes  
 dos de outrora. Às vezes dão-se voltas conceptuais  
 que nos parecem muito diversas de outras já escolhidas  
 e experimentadas para se chegar à desconcertante  
 conclusão que os resultados são mais ou menos  
 os mesmos. Ninguém, verdadeiramente, comanda  
 os mimetismos da língua. Ninguém é língua humana.

Já não estou parado a reflectir sobre o que estou  
 neste momento a escrever, inscrevo-me naturalmente feliz  
 no que ignorava que ia dizer, há sempre algo para ser  
 dito e escrito, há sempre um mundo onde se possa  
 colocar nossos pés, há um destino que se faz  
 pouco a pouco na imensidão de sinais que irrompem  
 na consciência das percepções, vou dentro e fora  
 da língua como se não pudesse ser de outra maneira.

Um sol, só outonal porque se está no outono,  
brilha sobre o molhado dos pavimentos onde poças  
de água denunciam as recentes chuvas.

Uma alegria ver o azul do céu, mesmo se nuvens  
brancas e fofas em tudo esporádicas  
o percorrem suavemente movidas por brisas  
ou ventos imperceptíveis aos sentidos.

A manhã ainda não é tarde mas não falta pouco.  
O que não falta são estes *blues* bem repenicados  
como eu gosto de os ouvir, em que uma guitarra  
dialoga com uma harpa de boca em sigilos  
que nos fazem atingir emoções, outros tantos ecos  
de recantos que pensávamos perdidos  
para sempre. Para sempre, só depois da morte.

Não, o sol luz sobre as superfícies verticais  
dos edifícios, reflecte-se ou refracta-se,  
é-me indiferente a propriedade da língua,  
não me é indiferente a visão que usufruo agora  
deste momento. As cores diversas alegram  
meus olhos cansados de tanta miséria humana,  
há verdes de frondes de árvores, há brancos  
de tintas que se pensam talvez imaculadas, há  
encarnados disfarçando-se de cor-de-rosa,  
como há azuis desafiando amarelos mesmo se  
Van Gogh para aqui não seja chamado.

O que é uma pena. Meio-dia. Uma nuvem  
enormíssima eclipsa por momentos a fulgurante  
luminosidade que pairava na paisagem, são  
uns minutos de suspensão, a terra parece ter  
perdido a sua fulgência, quem escreve parece  
ter perdido o seu fulgor, mas já o sol  
brilha em todo o seu (desculpem esta rima  
um pouco forçada) esplendor (que a facilidade  
foi, é e será sempre uma tentação!). Tentado  
a gozar o momento abandono aqui a língua,  
há limites para tudo, até para o testemunho.

Já não sei se é ainda possível explorar o sol, seus recursos enigmáticos e aparentemente inesgotáveis, já não sei até que ponto falar da luminosidade que penetra na superfície das coisas da terra não será um grave crime ou mesmo um desrespeito pela feliz natureza. Deveria virar-me para os homens e as mulheres e dizer, eis os meus irmãos, a minha família, eu digo-o, em estados de euforia ecuménica e de um voluntário desejo de justiça social, mas será realmente verdade o que eu digo? Dois terços ou mais do que se convencionou chamar, ao longo dos séculos ocidentais, humanidade, nada mais é que o sofrimento e a vitimização e a morte rápida ou lenta infligidos pelos outros que dela restam e que se pensam, cegos de uma outra óptica, os arautos insignes de uma civilização insana apostada apenas na sobrevivência, a todo o custo, do seu lucro e do seu proveito. A situação do homem contemporâneo tem um nome: impotência. A luz, nomeada embora, permanecerá sempre como um potencial quotidiano ou quase (exceptuando os dias de chuva) de realização e de contentamento, essa alegria que atinge nossos corpos dispostos a sentir a voz do sol em cada fibra do estar-se vivo, do ser-se vivo, do ser-se ser, ser solar. Meus olhos são todo ouvidos. Pode parecer uma brincadeira a formulação abrupta, não importa, há uma música do conúbio que há entre o sol e a terra, há um homem libertando sua consciência do mal do mundo, esse homem teve já a sua parte de sofrimento na humana impotência que lhe coube, cabe-lhe agora saber colher da luminosidade todo o bem que o cure.

Digo-me, não me imiscuir no que escrevo, descrever apenas as coisas, as paisagens, passos que se dão, passagens mais do olhar enganador do que da intuição muitas vezes incomprensível.

Não me comprometer com o real. Antes fazer de conta, ou dar a entender, que o domino. Isto é,

negar tudo o que fiz até aqui. E porquê? Ora, porque assim as coisas seriam muito mais fáceis.

Para mim e para os leitores hipotéticos. Sim, devo estar a ficar velho. Como outrora se dizia, mesmo se noutra língua, devo estar a vender-me.

Não é o destino de toda a gente que se preza?

Não. Se fosse um poeta, ainda se compreenderia, esse gesto desesperado de quem, com a minha idade, não possui um público. Mas não sou um poeta.

Ser-se homem, e escrever-se homem é muito mais difícil. Porque não há lugar para a mitificação.

Um poeta é uma figura, uma postura, um espaço, um lugar. Um homem é um tempo e uma história, um nascimento e um envelhecimento que, quer queira quer não, lhe trará a morte. Eis a diferença.

Que muita gente não comprehende. Ou finge que não comprehende. Os poetas são imortais.

Os homens não se libertam da lei da morte: são seres para a morte. E daí, são seres para a vida.

Sem nenhuma contradição. Só que a vida tem, muito naturalmente, os seus limites, e, por que não?, as suas limitações. Nada é impossível a um poeta.

Ao escrevedor, que é o homem que escreve, cada vez que utiliza a língua só lhe aparecem problemas a resolver e estranhíssimas aporias, como se caminhasse num terreno minado onde só pé ante pé, e com um cuidado extremo, pudesse avançar abrindo uma frágil passagem entre perigos. Para muitas vezes não chegar a lado nenhum. E ter, ou que recuar, ou que retomar uma nova direcção.

No automóvel, com a mulher, ouvindo *blues*  
de hoje como de ontem, mas sobretudo,  
para lá das tarefas que se cumprem no fim  
de semana, o prazer que é sentir a harmonia  
de um casal que muitas vezes não soube  
o que foi a vibração e a graça da companhia.

Tão bom sentir a mão da mulher tocar  
a mão que sou quando a agarra, a sensação  
de quentura, de uma afabilidade feminina  
que transforma o momento numa aventura  
que pode ainda ser pressentida como algo  
de excepcional, de uma amabilidade visceral.  
Elá ri-se ou sorri da expressão não só facial  
como corporal que exteriorizo na audição  
da música que me acompanha dia após dia,  
ora imitando uma guitarra destemperada,  
ora incluindo num vaivém do corpo o ritmo  
que sacoleja minha percepção do mundo,  
ora deduzindo trejeitos para palavras onde  
a versatilidade do cantor e músico parecem  
surdir como metamorfoses da voz humana.  
Assim vamos, ora tocados, ora tocando-nos,  
dentro do automóvel por mim designado, há  
muito, como máquina do tempo, pelas ruas  
e estradas da contemporaneidade pátria,  
mesmo se a música não corresponde, como  
aliás nunca correspondeu, e desde sempre,  
à cultura do país. Não há nostalgia no que há.  
Há esta quase impensável sensação de amor,  
de umas mãos afáveis tocando-se e apertando-se  
numa dimensão diferente da erótica, um para lá  
da carne e do corpo, mesmo quando é corpo  
o que se toca. Mas também não se insinua  
espiritual a experiência: a emoção de que se dá  
conta, na aflição em que se extroverte, exige  
uma palavra inexistente no léxico vigente.

Digam o que disserem, levantar-se todos os dias da semana às sete da manhã para se ir trabalhar a vinte e tal quilómetros do local onde se reside, percorridos por um comboio ensurdecedor, é, não só uma violência, como uma forma de escravidão.

E quando se faz esta vida há quase trinta anos, é um destino proscrito no que deveria ser uma afabilidade social e comunitária.

Daí o remorso que ele sente todas as manhãs quando vê a mulher sair da cama e levantar-se para ir à vida. Ir à vida é uma pura ironia.

As queixas de uma rotina nefasta mostram à evidência o sofrimento que a arrasta nessas idas e vindas em que nada mais descobre que o cansaço.

E ele no quente da cama, incapaz de dormir, de se levantar, perguntando à imaginação como é que a mulher aguenta esse ritmo, pensando na sorte que tem de só ir trabalhar, escassas horas, no fim do dia, justamente quando os outros escravos regressam a casa.

A condição ocidental é, para a grande maioria da população livre, um engano fatídico, uma prisão dourada onde escabuja e sofre com a naturalidade de quem não comprehende porquê nem como: vive-se porque se começou a viver. Mas morrer não é sinónimo de morte.

O inferno não é privilégio do outro mundo, existe e persiste sobre a terra como uma invenção da ganância, da perfídia e da insensibilidade.

O mal não é uma noção religiosa, ou é-o, no sentido etimológico que a religião encerra. Todos somos homens e mulheres, nem todos possuímos um destino propriamente nosso.

Há sempre razões e filosofias e preconceitos para justificarem o que sendo não se parece com o mal.

Digam o que disserem, esta condição não é humana.

A manhã vem perpassando de música dita contemporânea, contemporânea de quê é a incógnita, talvez dela mesma, e eu comprehendo se assim for.

Trata-se de duas peças de Pierre Boulez, *Répons* e *Dialogue de l'ombre double*, e eu confesso que estou, senão extasiado, pelo menos surpreso com o que me é dado ouvir. Música. Medicina para os sentidos. Não me perguntem quais. Faço uma espécie de lavagem da percepção, anquilosado que ando pela audição de tanto *blues* nos últimos tempos. É um prazer sentir estes sons sulcarem a carne e nela deixarem fulgências quase fulgurais, como se houvesse ainda instrumentos por descobrir nessas combinações sonoras, ou como se geometrias da sensibilidade fossem possíveis diante da viagem que se desenrola no porético desfibrar de extensões de possibilidades que se apresentam ao silêncio de um nada que atrai pela truculência do apelo.

Estou inserido numa atmosfera de dispersão, temi-a outrora como a expressão apodemiágica da loucura, agora corto as amarras e deixo-me ir numa semi-acutilância de mim mesmo, não se trata de me ferir contra os sons, outros tantos meteoritos de uma comparação escusada, trata-se mais agora de navegá-los em cada perspicuidade perspectivada, como se eu fosse uma dança de átomos na matéria de uma proporção ou mesmo de uma harmonia, procurando alcançar dentro de mim uma medida que me dê um vislumbre da realidade como está a ser vivida na sua totalidade e na sua completude. Música de um fora faço-me música de mim mesmo na dimensão inesperada de uma estranheza feliz, fecundo-me de mundo na fundura de um sol subtil, ei-los que me fazem descer e subir, esses sons sensuais salpicando de traços e requebros os ecos quase inesgotáveis de uma presença imperceptível.

Tentemos mais uma vez a sorte, a sorte da escrita.

Para dizer que ontem à tarde, diante do clarão  
do sol que se precipitava para a serra empedernida,  
senti a necessidade, tantas vezes incoercível,  
de vir imediatamente escrever o que os meus olhos  
testemunhavam. Mas não o fiz. Outras tarefas  
se impunham, mesmo se irrigórias ou mesmo adiáveis.

Fiquei-me contudo absorto na contemplação  
do branco que enodoava toda aquela parte do céu,  
um céu limpíssimo no seu azul acostumado,  
sem que uma só nuvem viesse toldar tal superfície.

Enquanto o computador e a impressora faziam  
o que tinham que fazer, eu permanecia, olhos cegos  
no além, preso ao espectáculo de um declínio  
solar justamente, da perspectiva em que me achava,  
sobre o palácio que encima a serra de Sintra.

E o próprio clarão, com a passagem dos minutos, foi  
modificando-se, até parecer que toda a energia  
de onde propalava era sugada pelo edifício altaneiro  
que se recortava deixando um halo inesperado:  
o mundo desmentia a existência da terra, a terra só  
existia como suporte de uma realidade incapaz  
de dar do mundo mais do que a sua fantasmagórica  
imagem em apogeu de ficção: um palácio raro  
assombrado pelas luzes de um sol em queda livre.

Não sei o que senti. Não foi um fim. Não foi  
um começo. Não foi nada da realidade deste mundo,  
ou, se se quiser, do real. Foi como se só a mim  
me fosse dado assistir a tal fenómeno, foi um pouco  
como se não houvesse mais ninguém na terra  
para testemunhar o ocorrido, foi como se a solidão  
em que vivo fosse realmente habitada, enquanto  
a aparente azáfama dos outros homens e das outras  
mulheres os deixassem distraídos de eventos  
tão importantes como um pôr do sol ou um pôr em  
frente do ser que nos é na iminência de se ser.

Deveria antes ter dito, «de eventos tão importantes como um pôr do sol ou um pôr do ser frente à luz que nos é na iminência de se ser.»

Passei a tarde de ontem e parte da sua noite a convulsionar-me em soluções de pensamento, a solução, porém, não é definitiva, porque temo sinceramente a analogia que se pode vir a fazer entre um pôr do sol como um fim do dia, e um pôr do ser percepcionado também nesse sentido.

Pôr do ser seria mais trazer à percepção o que se esconde na vida de todos os dias, o desvelamento da nossa presença por interpostos acontecimentos, como um pôr do sol capaz de desmascarar a ausência em que vivemos para fugir às questões cruéis que a realidade nos lança e para as quais pensamos nós, ou que não temos respostas, ou que somos impotentes para estabelecer um mundo que fosse nosso.

Porque não vivemos no nosso mundo, mas no mundo dos outros. Feito de preconceitos deixados pelos que já desapareceram, mortos na imensidão do tempo que passa.

Testemunhos de outras eras falaram em termos tão universais que os seus juízos parecem assumir um valor trans-histórico e intemporal, quando na realidade só se aplicavam à sua época.

Mas os outros do mundo que não nos pertence não são só os mortos. Também são aqueles, vivíssimos, ou talvez não, nossos contemporâneos, que decidem por nós o que deverá ser a vida que devemos viver, à socapa, por detrás do palco, já que a cena, para engano das populações ocidentais, consome-se e consuma-se nas democracias tão vigentes que nada mais vigora que o estertor pornográfico a fingir de vagido para uma civilização paralisada na sua confusão.

Saí estourado do texto anterior, uma hora e tal para escrevê-lo, concentrado no que pretendia dizer, sem dar conta da música, do sol que passa lá fora, enfim, absorto no incomensurável deslize, ia dizer, do pensamento, mas foi pensamento o que foi?

Duvido. Agora que tudo passou, agora já posso finalmente ouvir o CD *Say What You Mean* de Phil Guy, irmão de Buddy Guy, personagem que ainda ontem desconhecia de todo. As voltas que o mundo dá, se o truismo o permite. E não desgosto, embora a crítica que li, ao fazer a comparação entre os dois irmãos, não tenha sido muito favorável. Mas não haverá aí um pouco de preconceito, ou mesmo, já agora, de inconsciente *parti-pris*? Sabe-se lá, e não é para rimar que saí com esse lá, o que se passa na cabeça de um crítico, as suas motivações, a natureza profunda da fundamentação que guia as suas opiniões! Não, gosto mesmo do que estou a ouvir. Como gosto do que estou a escrever.

E já agora, como gosto do que estou a viver. Já sei, deveria talvez desconfiar de tanto gosto, já sei, deveria talvez reflectir no que está a acontecer, deveria, deveria, mas não me apetece, prefiro mil vezes gozar estes *blues* que me atravessam a carne e me devolvem à alegria do dia, ou a outra coisa qualquer, por exemplo, ao sol que faz, à luz branca que entra neste escritório como se houvesse casa num apartamento apartado da convivência humana. Divago. Que bom! Passo mãos, ou melhor, dedos, pelo teclado, Phil Guy toca guitarra e canta, eu acompanho-o com estes acordes que são acordos inesperados de uma outra estética, vivida porética quando se descobriu que abrir uma passagem era fundamental para se manter a existência: o *blues* salta-me das pontas dos dedos como saltita verbal o que do ser é saliência e desejo de descoberta.

No lusco-fusco da terra nenhuma verdade  
 do mundo se revela, cresce apenas o crepúsculo  
 num céu emudecido anunciando a noite  
 como um facto realmente indesmentível.

Na linha do horizonte céu e terra cumprem-se  
 sem rupturas numa extensão onde o olhar  
 se perde absorvido pelo espectáculo teórico  
 como contemplativo, adensa-se a sombra  
 da terra sob a sombra ainda transparente do céu,  
 mas com o tempo que passa nos seus minutos  
 e segundos a distinção esfarela-se para vir  
 só a negridão da noite colmatar o espaço vazio.

Luzes de candeeiros públicos e de edifícios  
 onde os homens se abrigam explodem agora  
 em rituais de uma cosmologia terrestre e social,  
 há uma certa beleza nesta artificialidade  
 moderna e tecnológica, há mesmo um eco  
 de uma irrealidade mais subtil que nos penetra  
 se soubermos intuir ou abstrair da rotina  
 o que de excepcional é a história de hoje.

Se juntarmos agora a esta visão, que se depara  
 desta janela escancarada e em nada mítica,  
 a música de Xenakis *Music for Strings*, talvez  
 seja possível compreender-se o halo quase  
 misterioso e fantástico que ganha a intrusão  
 desta noite, como se a sensibilidade nossa  
 e contemporânea não nos pertencesse,  
 não porque estamos sempre sujeitos à alienação,  
 mas porque qualquer coisa nos obriga a viver  
 ou a querer viver na transcendência de nós  
 mesmos, uma nostalgia do divino, explicação  
 que não sei se é exacta ou se corresponde  
 a uma verdade que possivelmente nem sequer  
 existe depois de tantas ilusões gnosiológicas.  
 Sei que a noite existe, que a música que ouço  
 existe, só não sei que verdade poderão revelar.

Até que chega a hora de deixar o apartamento.  
A mulher já chegou. Um beijo de despedida.  
«Não demores!» é sempre o que me diz. «Não,  
só tenho uma aula.» Desço as escadas sujas  
do primeiro andar (o condomínio ainda não tem  
senhora da limpeza) e enfrento uma noite fria.  
O automóvel abre-se por magia tecnológica, luzes  
que se acendem e apagam como se reconhecendo  
um proprietário, mas tem que ser minha mão,  
efectivamente, que abre a porta do veículo.  
Logo que o motor se põe a funcionar começo  
a ouvir a música do CD que está no activo,  
uma miscelânea de *blues*, como não poderia  
deixar de ser. E assim, embalado pelo som, vou  
pelas ruas um pouco labirínticas do bairro  
(nunca perceberei o urbanismo suburbano, devo  
confessá-lo), até que atinjo a enorme rotunda  
que me expelle violentamente das luzes feéricas  
da gasolineira para me lançar em direcção  
à recta que me leva à vazia Portela de Sintra.  
Nova rotunda que mal contorno, não disse, nem  
quis sugerir, que contornei mal, pois virei  
imediatamente para a direita e descii, resoluto,  
para a espessura antiga da urbanidade intricada,  
com suas ruas e seus hábitos, e onde pontifica,  
como um espaço periférico ou mesmo escondido,  
a escola secundária onde me cabe ser, como  
dizer, da profissão de professor, um exemplo  
senão acabado, pelo menos em vias de extinção.  
Estou, obviamente, a ironizar. Espero. Não vou  
descrever a sala dos professores. Seria um atentado.  
Deixo a afirmação assim enigmática. Colegas  
no intervalo, falo com alguns de nonadas. Rio  
de uma piada. Toca para o começo da aula. Saio  
para o recreio, entro num pavilhão e preparamo-me  
para mais uma aula. Não me vou demorar.

Mas hoje é hoje, apetece-me dizer, digo-o, ficou dito, e depois? Depois, como tantas vezes o disse, a vida continua, e enquanto continua até parece que faz sentido, até parece que sair de casa para se ir trabalhar é uma acção perfeitamente normal, dentro dos quadros de uma civilidade não só civilizacional como também, e isso é importante, psíquica. Viva pois a tautologia! Imagine-se pois se hoje não fosse hoje mas um outro dia qualquer, a monstruosidade temporal instalar-se-ia na sensibilidade com que percepção-nos o tempo, e tudo seria caos e desastre e fim. Hoje estou perfeitamente escatológico! Ignoro porquê, já que a terra está iluminada por um sol em nada desprezível, e depois a música é uma companhia coeva nesta manhã desprovida de qualquer manha, embora as canções que se fazem ouvir, interpretadas embora por John Hammond no CD *Wicked Grin*, de título reveladoramente inquietante, sejam de Tom Waits, o que não deixa de ser um pouco, ou mesmo muito, problemático. Deixá-lo! Há este desejo, continuar, avançar, ouvindo o que não tem voz e por isso não existe, a inexistência que deseja a todo o custo ser escrita para ficar na história da própria história, o que é um pouco estranho. Mas que sabemos nós da estranheza? O que sabemos nós do saber, e, já agora, da ignorância? Viver, que é uma saída para a aporia do discurso, irrompe sempre como uma tábua de salvação, não salva nada, mas protela e adia o que o dia não pode resolver com as suas culminâncias e os seus afazeres, viver ignora o problema do ser, é uma problemática de sempre.

Com Arvo Pärt são precisas todas as delicadezas, e eu, selvagem que sempre fui ou pensei ser, respeito idiossincrasias. *Alina* percorre a luminosidade casta da manhã como se o mundo tivesse parado para ouvir da humanidade dos homens e das mulheres a voz de uma presença que passa muitas vezes despercebida. Sigo essa música como se fosse capaz de seguir o piano, ou melhor, como se no chão de uma floresta houvesse pegadas desconhecidas e eu tentasse colocar meus pés decalcando-as numa emoção de quem caminha ignorando para onde vai, preocupando-me apenas em não cair fora da alçada de cada sulco que se me apresenta vital para a sobrevivência da minha própria vida.

Eis pois a experiência porética. Há pegadas mais fundas umas do que as outras, fáceis de ser detectadas, de ser colmatadas na jubilação de um alcance, há pegadas quase imperceptíveis onde se demora um olhar, onde dar o novo passo?, em que direcção?, até que se bispa camuflada na superfície uma pequeníssima reentrância.

Há pegadas que não distam muito umas das outras, é fácil saltitar com um denodo expedito de sentido em sentido sentindo a alegria de um avanço rápido para o reconhecimento da libertação, há outras cujas distâncias denunciam passadas largas e circunspectas, é então preciso tomar-se fôlego e quase saltar de pé em pé num voo da imaginação pensante, se se quiser não perder a possibilidade de uma pista que poderá ser um caminho, mais ou menos viável, deixado no chão.

Não é certo, como na música que agora ouço, e cujo piano me comove ao ponto de me deixar literalmente sem respiração, que se alcance a borda da floresta.

Às vezes fica-se apenas por uma clareira onde o sol penetra como se a beleza e a vida fossem realmente possíveis e desejáveis, para logo, quase sem descanso, pormo-nos a caminho, com ou sem pegadas, tentando abrir uma passagem onde não há mais do que o que há.

Depois da ablução matinal facultada pela música  
 que acabei de ouvir, só me resta deixar meus sentidos  
     nesta língua de todos os dias e fazer com ela  
     o que não posso fazer muitas vezes comigo: dar-me  
         alegria. Mas como? Dizem que a felicidade  
         não garante obras-primas nem grande literatura.  
 Que só a depressão imprime génio e transcendência.  
 Farto de sofrer aqueço-me neste sol já vesperal,  
 pois é exactamente meio-dia, e gozo com um prazer  
     inauditado o momento que passa, nem rápido  
     nem lento, antes ritmado pela fulgência ctónica  
     do que me traz à culminação da escrita acusmática.  
 Há palavras, como há sentimentos, que nunca  
 deveriam ter existido, há virtualidades ontológicas  
     que irrompem no marasmo da civilização actual  
     como crimes que desejam a todo o custo  
     receber a sua quota-parte do horror vulgívago.  
 Não estou aí. Quero que o sol me banhe com amor,  
     mesmo se impossível aos olhos da ignorância  
     humana, quero que a música, quando toca,  
     me toque com um fulgor e uma naturalidade  
     própria da carícia, quero sentir minha alma vaga  
     no meu corpo preciso, minha consciência realista  
     traduzindo o que se passa à volta, nos meandros  
     da realidade não só individual como social.  
 Desejo em mim e nos outros ser humano. Ser ser.  
 Compreender ou tentar compreender o silêncio  
 da natureza como do destino, não intelectualmente,  
     o que seria uma arrogância, mas no simulacro  
     de uma inteligência que não põe de lado nem  
     o disparate nem a disparidade exultante dos factos  
     com que deparamos na experiência de todos os dias.  
 Gostaria tanto que houvesse mais do que o amor  
     familiar nos escombros de uma civilização  
     que não se reconhece. Que o planeta fosse já  
     um dado adquirido. Não é fácil alegrar o mundo!

Indisposto por ter feito uma má accção,  
ter interrompido um telefonema impertinente  
de não sem quem sobre não sei o quê,  
mas era publicidade e um jogo e um prémio,  
não sei como enfrentar a disposição  
matinal da língua, nem o que eventualmente  
haveria hoje a dizer do manancial vivo  
da experiência humana que se acumula dia  
a dia como se houvesse uma possível  
intencionalidade ou finalidade nisto tudo.

E não saber, se nos dá uma liberdade  
capaz de arrojos e arroubos do pensamento  
como da sensibilidade, não deixa de ser,  
enquanto não se decide o que fazer e dizer,  
uma angústia infeliz e vulnífica, dor tão  
perplexa que muitas vezes não se reconhece  
a complexidade do seu profundo caos.  
Daí que se busque na música ajuda, não só  
uma companhia, mas também um guia.  
Um fio capaz de nos fazer sair do labirinto  
que é este nada onde impera o silêncio,  
não o silêncio que nos ama e constitui, elo  
de discursos e de recursos insuspeitos,  
apelo e desvelo de línguas traduzindo-se  
numa só língua, a do ser sendo. Outro  
é o silêncio que atemoriza e dói, o terror  
do mundo e o horror da solidão, o véu  
indisfarçável de uma impotênciia humana  
perante os problemas que continuam  
ao longo dos séculos a ser problemas como  
se nada mais fosse possível que se viver  
para depois se morrer num destino biológico  
em nada diferente do dos outros animais  
que habitam esta terra. Que foi já pensada,  
em ilusões passadas, como podendo ser  
poeticamente habitada pelo homem resoluto.

Pierre Boulez esmera-se nesta peça, *Sur Incises*, que conheço de um programa televisivo duplo, um em que se explicava ao público a elaboração da peça, o outro em que se a executava, embora este verbo deixe muito a desejar em qualquer língua. A modernidade é, ou deveria antes dizer, foi, isto, mostrar o detrás da cortina, o que outrora se escondia como constituindo os segredos da arte. A dessacralização teve o seu momento alto, ignoro, contudo, se fez mudar alguma coisa no mundo em que se vive. Só isso teria importância. Dizer que se mudou a música ou a arte para sempre é dizer nada, não significa absolutamente nada, se nada mudou realmente na vida das pessoas que vivem e das gerações que vão aparecendo como se fosse possível e viável pensar-se ainda em termos da existência de uma história humana. Histórias são efabulações que contam. Daí, devo dizer, as minhas reticências. Não é preciso ser-se um povo genial para se ter chegado à conclusão: «Quem conta um conto acrescenta um ponto.»

Que faço pois eu aqui? Ora, minha tarefa é, se posso exprimir-me assim, *descontar*, testemunhar evitando justamente a história, não contar sequer com a memória, ou só, diariamente, com a memória do presente, trazendo justamente à língua a escória dos dias, esses factos imperceptíveis, irremeáveis, insignificantes para o panorama que se procura oferecer numa História abarcando o mundo coevo e a humanidade na sua globalização diferenciada. Não, esta música de Pierre Boulez, *Anthèmes 2*, só interessaria ou interessará possivelmente a uma história da música contemporânea ou já do século vinte, eu integro-a porém na minha vida, e hoje, como se nada fosse, e por isso como algo de verdadeiramente essencial: incapaz de história por vivê-la original.

Tarde demais para fazer perguntas  
como: «Que vou fazer da minha vida?»

Faço-as no entanto todos os dias.

Nada está resolvido. Enquanto houver  
vida há angústia, não é o que diz  
o provérbio? E no entanto, embora frio  
o dia, um sol razoável torna a vida  
razoável, dá-lhe algum conforto, calor,

essa luz que aquece todas as vezes  
que a janela é abordada pelo olhar vivo  
que se lança ao horizonte em volta.

Vento nas copas das árvores. «Que vai  
ser de mim? Viverei muitos mais  
anos? Terei saúde? No seio da família?

Neste país para sempre pobre?»

«Sun, sun, sun!» cantou, e já foi há tanto  
tempo, Jim Morrison, também eu  
lhe repeti o gesto: «Sol, sol, sol!», não  
me lembro se regressado a Portugal  
ou então na California que ele tão bem  
conheceu. Mas que sol será capaz  
de nos ofertar a paz de espírito, que sol  
capaz de iluminar o que se oculta  
dentro de nós mesmos como escuridão  
intraduzível e incompreensível?

Não se consegue a paz, mas o corpo  
pouco a pouco sente a blandícia  
dessa mão quase maternal, um abraço  
tão íntimo do calor, do casulo, cor  
de uma mítica e argiva cora, expansão  
de quem se é no que se é, ou vice  
versa, universo abrindo-se numa obra  
em que não se reconhece a língua  
ou a consciência, tudo dança, esperança  
agora de qualquer coisa de carnal,  
de visceral, onde o animal se ignora ser.

Uma semana perdida em afazeres discutíveis  
 que não vou discutir, como recuperar o tempo  
 perdido? Não há nada a fazer. Resta-me apenas  
 continuar a viver como se houvesse em frente  
 muitas oportunidades para vir aqui, este não-lugar,  
 este não-tempo, este fragmento verbal em posição  
 muitas vezes ontológica, muitas vezes hermenêutica,  
 muitas vezes simplesmente existencial e histórica.  
 Apanhado de surpresa com o início deste porisma,  
 ignorando porquê, já que fui eu que o provoquei,  
 fico um pouco interdito diante da expectativa  
 disponível da língua e do mutismo da realidade,  
 como se tivesse perdido, com a breve semana  
 de ausência, uma relação, uma possibilidade  
 de estender agora minhas mãos ao inevitável  
 real que nos envolve de sentidos e de formas.  
 E a pergunta explode: Que dizer? Que havia  
 ou houve de tão fundamental a dizer durante  
 essa semana perdida em tarefas inessenciais?  
 A resposta honesta é só uma: Nada. Confusão  
 é a tonalidade afectiva que me toma, fará sentido  
 tudo o que escrevi até agora neste texto incoativo?  
 Se nada havia ou houve a dizer, como pude ter  
 perdido esse nada? Nada é alguma coisa que se  
 possa perder? O raciocínio parece que avança,  
 mas não tenhamos ilusões, ficou encalhado algures,  
 a aporia é plena, embora a linguagem continue, eis  
 o mistério da escrita e da fala, parecer que se diz algo  
 quando o dizer se furtá em cada palavra proferida.  
 Resta-me sugerir, estúpido, em plena apologia  
 do disparate, que o nada pode ser dito e até, mais  
 do que isso, pode mesmo ser, embora ignore  
 o alcance e as consequências de tais palavras.  
 Muito do pensamento vive desta independência  
 do real, mas também, diria eu, da impotência  
 em tocá-lo na sua contingência ultriz e indefinível.

Mas não se pode ficar paralisado diante do nada, seja o que for. A vida continua e quem escreve continua a viver como se fosse simplesmente natural o que está a acontecer. Não é assim que as coisas se passam? Não vou reflectir agora sobre a natureza desta naturalidade, é um problema interessante, mas o meu problema agora é justamente não querer reflectir. Antes permanecer fluindo na manhã como a música que se faz ouvir, sentindo e absorvendo o que há para ser sentido, para se fazer sentido, para fazer sentido, formulações que não significam a mesma coisa, espero, ou o exercício da linguagem seria uma coisa vã e, já agora, sem sentido. Aprende-se muito a escrever, apreende-se muito mais a viver, não me perguntam se isso me valeu, no meu caso, de alguma coisa. Tudo depende da perspectiva. E dos objectivos a alcançar. Eu procurei sempre a cura, a sobrevivência, o que me faz desmentir a asserção do começo, quando tratava do viver como se fosse uma coisa muito natural. Confesso, nunca o foi para mim, ainda hoje não o é. Viver é-me tão excepcional que todos os dias me admiro de estar vivo. Todos os dias é esta maravilha, acordar vivo, ter envelhecido, eu que não me dava muitos anos de vida. Porquê? Porque sempre pensei que não resistiria à crueldade do mundo. Minhas doenças, sem dúvida genéticas e carnais, sempre as senti como reflexo da agressão social, ataques à fragilidade que me caracteriza, não só física como psicológica. Percebi desde cedo, álalo de sofrimento e de espanto, que este não era o mundo onde pudesse habitar como uma casa ou um lar. Adaptei-me o melhor possível graças à companhia da língua, não porque nela haja um ser ou uma casa, mas porque nela se abre uma janela para outro mundo.

Insano de mim mesmo procuro recuperar com palavras o tempo realmente perdido, escrevendo, escrevendo, sem saber muito bem o que estou a dizer, lançando-me veloz em frente como se assim pudesse regressar atrás, o que é uma impossibilidade aceite. Fazendo avançar o livro virtual que existe no que inexiste, querendo ganhar tempo, mas tempo é coisa que se possa realmente ganhar? Ou, já agora, perder? Melhor ficar uns minutos de reflexão diante do branco do ecrã, o mesmo é dizer, de mim mesmo, tentando ouvir o que a realidade procura transmitir nesta precisa hora do lúrido dia. Passaram alguns minutos, só ouvi a música acmástica dos Tindersticks num CD duplo, *Working For The Man: The Island Years*. Lá se foi a meditação. Não o prazer. Não se pode ter tudo, reza o truísmo. Mas eu, que digo eu, que profiro eu? O desejo foi e é, continua a ser, de avançar, mas como?, se falha a inspiração e as palavras não dão ao pensamento a possibilidade de se fazer um discurso, mesmo se mínimo, mesmo se diminuto, mesmo se (e é, prolixamente, não sei se se apercebem, a utilizar a redundância que se procura preencher um vazio enorme, do tamanho do universo sem anverso nem reverso, reduzido só ao simulacro do verso) incompetente para abarcar o que de real não se deixa fixar numa amostra legível da realidade que nos conforta como coisa. Apetece pois disparatar como tantas vezes o fiz sem ser muito bem compreendido, eco de explosões ontológicas e refugo de leis onde outrora se pensou um futuro presente.

«Só mais um, só mais um!» exorto-me e exulto  
 como uma criança apaixonada com um jogo.  
 Sinto que não tenho mais idade para isto, mas  
 que fazer, abandonar a língua logo agora que sinto  
 também a urgência estupefacta de continuar  
 com ela a fazer um certo, como direi, amor?  
 Não vou virar as costas ao chamamento. Terei  
 que inventar um mundo e que despedir a terra onde  
 nasci? Não o poderia fazer. Falta-me a imaginação.  
 Apego-me pois ao real como quem se sabe absorto  
 nos sentidos do corpo e da consciência, olho  
 para todos os lados e em toda a parte vejo coisas,  
 objectos, um reconhecimento, como se hoje  
 fosse apenas uma extensão de ontem, variável  
 embora, com outros acontecimentos e outros factos,  
 mas cujo pano de fundo continua a ser a permanência.  
 Verdade que tudo muda, até a mudança, mas a serra  
 vista desta janela não deixou de ser serra, hoje  
 coberta por uma espessa neblina. Que seria  
 de mim se, ao acordar, manhã cedo, abrindo  
 as cortinas, desse com uma planície a perder  
 de vista? Diria, estou louco! Ou, onde estou?  
 E essa pergunta não seria em nada metafísica.  
 O tempo e o espaço não são para serem pensados.  
 Muitos filósofos se perderam nos seus meandros,  
 inventaram conceitos, tentaram delimitar e definir  
 situações e ocasiões, todos eles se perderam icásticos  
 em dédalos obscurecidos pelo léxico contextual.  
 Mas podem ser intuídos, isto é, sentidos pelo corpo,  
 e até mesmo pela consciência, sem o concurso  
 da língua: deiscência absoluta do real realizando-se  
 na incomensurável medida de um testemunho  
 onde a réplica ecoa de percepção em percepção  
 como toques de peles em corpos amantes expondo  
 o que neles se aproxima de uma relação tautológica:  
 o espaço advindo tempo no tempo do espaço.

Não há razão nenhuma para que esteja a ouvir o *War Requiem* de Benjamin Britten, nem espero que o facto de mencionar esse facto vá influenciar o decorrer desta experiência porética. Afinal tudo é acaso, ou quase tudo, para não ser demasiado taxativo ou dogmático em afirmações que podem ser consideradas conflituosas ou problemáticas.

Vou mesmo tentar esquecer ou abstrair-me da emoção dessas sonoridades passadas, a atenção está antes virada para a janela indiscreta onde um sol matutino, se não matuta numa prosopopeia própria da epopeia (e remeto, como sempre faço, os leitores esclarecidos para a etimologia do termo), esclarece ou elucida, com uma lucidez própria da luz, a visão que tenho do fora, uma escola em primeiro plano, casario logo depois em sucessivas manifestações suburbanas, e depois a serra toldada por uma neblina cinérea, embora fosse meu gosto desobedecer esteticamente ao real para introduzir um adjetivo como «nívea» ou mesmo «espermática», plagiando-me assim abertamente sem qualquer “anxiety of influence”. Mas o problema da verdade, depois de tantos anos de escrita e de vida e de negação, continua a ser para mim a verdade do problema: Que fazer? Nada.

Para cá da janela está-se dentro do apartamento.

Num quarto minúsculo que serve de escritório.

Minha mulher pensa que sou escritor por me ver a escrever, rodeou-me dos poucos livros acumulados ao longo dos anos, colocou uma secretária no meio do quarto onde nela pontificam os instrumentos do que me repugna chamar trabalho. Viver seria então uma mistificação. Aqui estou, um escrevedor, e a diferença com o escritor é enorme. É como se uma nova civilização tivesse começado neste gesto simples e amante. Só que ninguém dá por isso.

Mas não dar por nada não é apanágio de hoje?

Não sei, verdadeiramente, se é uma liberdade da acção verbal, mas sinto que a consciência aceita melhor as palavras que explodem na sua corrente, há mesmo uma fluênci a, a língua solta, não porque o mundo esteja solto, não porque a terra esteja liberta do mal infligido pela ganância de alguns homens, não porque o sol brilhe de um modo diferente.

Algo indubitavelmente mudou e eu ignoro o que mudou afora esta liberdade verbal que me instiga a dizer o que nem sonhava que quisesse ser dito ou pudesse vir a ser linguagem nos limites da língua quotidiana.

Eis pois o tempo do disparate. E quando, num adejo da inspiração extemporânea, me preparam para extroverter os mitos crueis da cumplicidade e da pusilanimidade coevas em derisões e irrigões incomensuráveis, eis que sinto o peso quase filosófico do disparate, como se estivesse diante de um segredo, de um sigilo, de uma importância essencial para o pensamento e a sensibilidade daqueles que se fazem mundo no enigma sem mistério da terra, ou vice versa, que o paradoxo é um paroxismo excruciantemente remetendo, num vaivém adveniente, para a oscilação do que ainda hoje se chama compreensão.

E assim, sem pretender a uma sabedoria caquéctica ou mitificada, em vez de exultar na fruição quase sexual, mas frustrada, de uma destruição das leis que governam o mal, exorto as forças da imperfeição humana, exumo as passagens nunca abertas, divulgo, como se nada fosse, o nada que quer ser, esta esperança de uma vida melhor para aqueles que vivem para a encontrar.

Passam as nuvens num céu baixo, passam como se tivessem que passar. Passa o tempo pelas nossas vidas, e agora deveria acabar a frase, dizendo, como se tivesse que passar. Não o disse mas escrevi-o, é a mesma coisa. Lembrando-me do que li ontem, ou domingo, de uma breve passagem de uma entrevista de Bob Dylan em que ele falava justamente sobre a impossibilidade de se reter o tempo. Há quem pense que uma canção, ou mesmo um poema, é um êxtase, uma saída do tempo para uma eternidade incapaz de deterioração. Uma fuga. Há quem pense que esses hiatos são fundamentais, expressões de um mundo outro, pré-existente ou pós-existente, lugar onde não há lugar para a passagem do tempo porque tudo se resume a um momento, o tal lapso ilapso, embora muita boa gente não se sinta com coragem para dizer o que lhe vai na alma, por motivos ideológicos ou outros. Compreendo-os e não estou aqui para julgá-los ou criticá-los. Só me apetece escrever: Passam as nuvens num céu baixo, passam como se tivessem que passar. Sentimentos não se discutem. Atitudes perante a morte que se aproxima com o tempo que sempre passará, com ou sem êxtases, com ou sem ilapsos, não se discutem. A vida já é muito difícil de se viver. Aceitar-se uma condição humana onde há nascimento, envelhecimento, e depois morte, não é fácil. A humanidade é, senão visceralmente, o que seria um oximoro, mas espiritualmente, mortal. Claro que não somos nuvens, mas, como elas, também nós passamos. Saber passar bem, infelizmente, nunca preocupou seriamente a humanidade.

Nada como uma sensibilidade atmosférica para se reconhecer este sol ainda matinal, o céu uma página azul onde se poderia escrever um qualquer texto capaz de dar conta do destino da humanidade e do globo. Claro que o termo «humanidade» levantará alguns problemas, não é preciso estar aqui Alberto Caeiro, que nunca esteve em parte nenhuma, senão na cabeça ideologicamente filosófica de Pessoa, para nos fazer lembrar que abstracções e generalizações são erros não só linguísticos como ilusões intelectuais. Ele diria, como tantas vezes eu disse, que há apenas um incomensurável número de homens e mulheres e crianças espalhados pela terra dividida em continentes e regiões e culturas e línguas e países, e que as diferenças entre essas comunidades, devido aos seus vitais interesses, impedem uma qualquer ideia de unidade ou mesmo de identidade no ser dos seres humanos que pensamos habitar.

O homem não é o espelho do homem. Disse mal. O homem não é a sua imagem no espelho. O corpo não basta para que se possa fazer um reconhecimento, para que alegremente se conclua dizendo: eis um semelhante. Falei, nas minhas andanças pelo mundo, com pessoas que estavam nos antípodas de mim, não eram apenas o outro com que temos de lidar, eram o outro *outro* com que nunca saberemos lidar porque nenhuma relação é na verdade possível. E no entanto, aparentemente, falava-se a mesma língua. Falso. Não havia diálogo. Há muitos planetas no planeta que há. Muitas convicções. Muitas certezas. Muita sabedoria. E por isso, muita cegueira. Compreendê-lo é que é difícil.

Um silêncio sincero sidera aliterante a manhã que desliza com a imponderável necessidade que é apanágio das coisas, eu deixo-me levar no embalo do tempo, sem pensar em nada, como se no nada não houvesse mais nada para se pensar. Pensamento um pouco, ou muito, já agora, arrevesado. Apetece-me ser como o sol, isto é, e se faz sentido, apetece-me brincar. Não que a vida seja uma brincadeira, não que se viva no melhor dos países, não, mas muito futilmente talvez, não sei porquê, e por isso ignoro, e por isso sou redundante, apetece-me repetir e dizer que realmente hoje me apetece brincar. Estou irreconhecível. Tanto melhor! A exclamação foi exclamada, só espero não perder o embalo, esta toada, estou a ir tão bem pelas linhas abaixo, estou a cair em queda livre num desses exercícios radicais, afinal quem é, no panorama cultural pátrio, mais radical do que eu no que faz e desfaz e refaz numa desobediência ultriz aos cânones e ao estabelecido do tumefacto? Quem? Só poderia ser eu. E faço-o como se nada fosse, sem um programa nem uma teoria. Claro que encontro aqui e ali um conceito, ou melhor, um termo em predisposição vaga de pensamento, aproveito-o enquanto posso, mas depois deito-o ao caixote do lixo porque a vida continua e o que interessa não é ficar fixo numa descoberta, mas andar pé ante pé pelos meandros da existência intelectual como emotiva, atravessando alegremente as passagens que se apresentam aos sentidos, sentindo que assim até vale a pena viver, ora na euforia de efusões com a realidade viva, ora confuso com a incompreensão de um fim.

Este sol depois de uma semana de chuva, este sol, repito, repito-me, este sol, este céu tão azul e tão límpido, esta manhã tão viva diante de mim, como se a vida fosse ainda possível para quem como eu já viveu tanto! Estas cores entrando no olhar, esta alegria feita não de acontecimentos que ocorrem ou ocorreram, mas das coisas que existem como se fizessem parte da nossa existência, e nos fossem por isso co-existenciais. A luz. Não a pureza ou o esplendor ou a eternidade. A luz que bate contra as fachadas num clarão acmástico e acusmático, como se reflectissem em alucinações visuais e não sonoras a fala de uma experiência terrestre, embora seja apenas uma iluminação silente o que atrai o olhar quando este se perde no pérvio fora. Sou feliz? Sou feliz. Não me importa o que de mal aconteceu antes ou poderá acontecer depois. Agora, neste preciso momento, sou feliz. Sinto o que vejo com a simplicidade de possuir sentimentos, penso o que sinto com a naturalidade de quem ainda possui uma consciência apesar do tumulto ocidental. Não há medo nem angústia no meu olhar, há apenas uma estranha descoberta, reconhecer e viver em mim um fora como se fora normal ou mesmo saudável, como se fosse possível experimentar-se tudo numa existência, até o mistério de, ao mesmo tempo, não haver mistério em se ser e não se ser ao mesmo tempo, se o pensamento aqui esboçado for bem compreendido. Deixa-me pois repeti-lo uma vez mais: este sol e este céu e esta luz. Este homem que escreve e esta terra onde felizmente se vive e onde um dia se morrerá.

Talvez seja tarde demais para vir aqui,  
 talvez vir aqui seja sempre uma impossibilidade,  
 talvez depois de uma manhã de trabalho  
 não haja mais cabeça para que haja língua capaz  
 de alguma realidade. Há música, os *blues*  
 póstumos de William Clarke nunca foram tão  
 actuais e contemporâneos, mas que fazer,  
 se me dizem que o senhor já faleceu? Dias estes  
 sem préstimo, muito trabalho, não dá sequer  
 para se prestar atenção ao ser sendo, para se gozar  
 o tempo no seu eco vibrando de encontro ao  
 encontro, sentindo-se a vibratilidade à flor da pele,  
 poro a poro, ou não fosse ela porética. Não,  
 o trabalho desvirtua as pessoas, automatiza-as,  
 transforma-as em peças de um ingente zero  
 que gira cego como um meteorito perdido no zelo  
 infinito dos céus onde dizem que há cosmos.  
 Preferia que houvesse agora uma cama ou um sofá  
 para descansar. Mas antes ainda tenho que  
 passar pelas abluções que já nem serão matinais,  
 depois pela refeição frugal, e só então a sesta  
 poderá coincidir com alguma sonolência precária,  
 pois mais tarde tenho uma reunião no local,  
 vejam lá e vejam logo a desgraça, do trabalho!  
 Um pouco de abandono na dimensão rara  
 e ontológica do nada viria mesmo a calhar, não  
 estou a falar da premonição da morte, estou  
 simplesmente a sugerir uma atmosfera de prazer  
 onde pudesse, sem regressar estupidamente  
 à infantilidade da criança e suas ígneas adjacências,  
 me prostrar como um animal saudável e vivido  
 na incomensurável perspicácia da temporalidade.  
 Sempre com a música como pano de fundo,  
 sentindo em suas harmonias e ritmos os rumos  
 que não foram ainda esboçados, as viagens  
 futuras que esperam quem as deseja percorrer.

Aqui está um fragmento que em nada dignificará a ocasião sempre precária deste livro, porquê então escrevê-lo?  
Não saberia responder. Nada me obriga a nada. E no entanto sinto que os dias têm passado sem que nada tenha passado por estas regiões da língua, ousarei dizer, do ser? Disse-o, e já estou arrependido.  
Não estou bem. Meu corpo meu maior inimigo. Fará sentido exprimir-se assim a dor física? O medo da morte próxima?  
Até minha alma reapareceu para logo me abandonar, ei-la tão baixo no chão do desespero que não consigo fazer dela um apogeu de ânimo ou de esperança. Ei-la não querendo pertencer ao corpo que também sou, e como a comprehendo! E no entanto há uma música que quase me embala (*Beyond the Missouri Sky*), e entretanto há um sol que paira no céu como se eu pudesse ser viável e vivo: que mais quer meu corpo para me deixar sossegado no remanso de uma existência onde me fosse possível dar vida à vida? Estou a ser um pouco pretensioso, certo, e por isso vou reformular o que afirmei, assim: onde pudesse testemunhar eventos ou produzir pareceres que mais nenhuma história estará interessada em reconhecer e muito menos em coligir. O poreticismo como conceptualização inovadora é mais do que um *ismo*, é um verdadeiro istmo tentando ligar o que à primeira vista pode parecer disjuntivo ou propício ao destrero da auto-exclusão: poros fazem as peles das sensibilidades que se tocam amantes.

Não, não vou cair na armadilha do sofrimento.

Seria uma vergonha. Foram tantas as vezes ao longo dos anos, ao longo de décadas, não, não vou fazer sofrer a língua só pelo facto de estar neste momento a sofrer. Foi tempo!

Estraguei milhares de versos por causa de mim, ou melhor, por causa do meu corpo. Planos que fiz foram desbaratados perante a urgência de conflitos físicos como espirituais, perdi uma arte e o sonho adolescente de uma afável carreira, só porque o aguilhão estava lá, estigma ferindo a carne até a um âmago que me fez desacreditar de mim mesmo e do próprio mundo.

Não, não, não vou cair mais nessa armadilha. O sofrimento sofro-o agora, desverbalizado, no corpo ou mesmo na consciência, nada de o trazer para o palco da linguagem escrita, foi um abuso em que me deixei iludir, não, mesmo que este texto pareça uma concessão pela denegação veemente que aqui se intenta.

E mesmo que não haja nada para dizer, vou dizer esse nada com toda a alegria do meu ser, rimando e tudo, mesmo que esteja bem longe do que já foi outrora a poesia. Há sempre o real de que se pode falar, a distância de mim a mim e de mim aos outros, há sempre um sol lá fora como há quase sempre uma música capaz de nos alagar de paz ou de ritmos insuspeitos. No ritmo da luz que penetra neste quarto vou, sem possível comparação, como quem vai pela vida porque nasceu sabendo que um dia terá que morrer disto ou daquilo. Não será do sol ou da música. Mas do simples facto de ter nascido. Assim é a vida, dirá qualquer um imbecil. A sabedoria reconhece a fraqueza, não procura esconder o mal que do mal advém!

Na cristalina translucidez da manhã fria a luz  
 que pervaga apazigua em distâncias o olhar,  
 não há mais do que uma brisa se há uma brisa,  
 tudo parece retido para uma fotografia, excepção  
 feita aos automóveis que, ao longe e num troço  
 de uma não sei se lhe chamar rua se estrada,  
 passam nos dois sentidos, único movimento  
 que se divisa desta janela virada para um sul  
 onde o sol ainda não irrompe pela força cósmica  
 das circunstâncias em que está envolvido.

Envolto nesta imanência imane do real sinto  
 que não devo perturbar a paisagem do momento,  
 ou o momento da paisagem, com qualquer tipo  
 de sentimento ou pensamento ou mesmo  
 de uma emoção uníloqua, logo, este porisma  
 não deveria estar a ser escrito, pois escrever  
 exige de quem o faz certas faculdades mentais  
 ou afectivas: pensar, sentir, comover-se.

Mas é tarde para voltar atrás, isto é, ao nada  
 de onde partiu, se partiu, este texto tecido  
 das impressões matutinas. Haverá pois sempre  
 uma contradição entre o que se diz e pensa  
 e o que se faz. É da ordem, ou da desordem,  
 já agora, das coisas. Não, não vou, prosopopeico  
 de mim mesmo na distância de que as coisas  
 não me são, propor estados de alma para isto  
 ou para aquilo do que ainda se considera parte  
 da natureza, mas referir o que quer que seja  
 de qualquer coisa é já feri-la de morte, pois  
 se comete o crime de transladar para a língua  
 o que vive no domínio do real e não da realidade.

Fazemo-lo todos os dias como se nada fosse.  
 Mas este nada é, é ver como emergiu vingativo  
 ou reivindicativo na consciência deste percalço.  
 Só que, falantes, nunca estaremos à sua altura.  
 O silêncio exigiria do mundo uma outra medida.

Encostado a uma parede da casa gozo o calor  
do sol reflectido e refractado, a tarde virada  
para o sul, o vento quase inexistente, o silêncio  
fazendo dos campos em redor a paisagem  
de um Inverno que tem contado com a chuva.  
Mas há mais de uma semana que não chove.  
Veio o frio. Mas junto à brancura desta parede  
reverberada de calor dir-se-ia que a confusão  
se instalou nos sentidos, tudo é Inverno pelo olhar,  
diz-nos porém o corpo que um mergulho na piscina  
até que seria uma boa ideia nesta tarde quente.

A parede funciona como um enorme espelho  
espalhando esta estranha sensação de conforto  
e de desequilíbrio. Sentado e silencioso vejo  
um pássaro que volita e saltita a uns escassos  
vinte metros, como se pretendesse comunicar  
comigo. Não é um pardal. Não me é de todo  
desconhecido. Desconheço-lhe o nome. Tem  
no peito uma tonalidade avermelhada, sem ser  
verdadeiramente o vermelho a cor de que se trata.  
Ensaio um assobio. Espúrio. Esvoaça sem graça  
numa precipitação incompreensível e revoluta  
como se não tivesse achado graça à tentativa  
canhestra de uma conversação. Homem e bicho.  
Harmonia do universo. Indiferença da natureza.  
Frases que irrompem na consciência. O sol está  
óptimo, penso, como pensaria de um prato,  
ou de um vinho. Não é estúpido? Será hedonismo  
ou um reflexo do consumismo? Eis o problema.  
Com que, devo dizer a verdade, não me preocupo.  
Gozar o sol, a visão do pássaro, a audição subtil  
do silêncio. Passar no tempo, respirando, minuto  
a minuto, segundo a segundo, como se nada mais  
houvesse a fazer. Que mais haverá a fazer? Viver,  
viver, suspirei tantas vezes, ignorando o que estava  
a tentar sugerir ou dizer! Saberá o sol que é sol?

Não que não queira falar de mim, quero falar de mim,  
mas de mim nenhum falar atinge a consciência  
da língua, como se não houvesse mais eu onde há  
ainda uma pessoa civil para a comunidade  
de que faço uma mínima parte como membro  
anónimo ou desconhecido. Está tudo bem.  
Às vezes deixo de pensar para melhor intuir-me,  
e o que descubro não é muito encorajador.  
Estou num beco sem saída. Não como homem, mas  
como ser. Não consigo atingir as fímbrias  
do que deveria ser um ser humano, depois de tantos  
anos de esforço e de luta. E depois, o mundo  
onde vivemos não permite que tal projecto se possa  
realizar na pessoa de uma só pessoa: remar  
contra a maré não leva nem à fonte nem à foz, fica  
quem rema contra a corrente no mesmo ponto,  
cada vez mais fraco e cansado, incapaz de avanço  
ou de uma qualquer conquista ontológica.  
Este mim de que não sei mais falar existe, mas é  
feito de um silêncio paralisado pela dor  
e pelo sofrimento, não tem mais consistência, está  
animicamente e psicologicamente desprovido  
de qualquer conteúdo, continente vagueando perdido  
pelo abandonado mericismo da derrelicção.  
Daí que a sua única tábua de salvação seja ainda  
o disparate desferido como rajada hermenêutica  
em momentos de alta tensão, o corpo desentendido  
com o espírito, a consciência aberta num hiato  
hiante que mais parece uma ferida contemporânea.  
Há mistérios onde não há mistério! Há vida  
onde parece que já a morte campeia. Incendeia dia  
e noite a presença estupefacta da uma ausência.  
Como se saber de onde a onde vai o eu de quem é  
para mim uma fala devoluta, que mim subsiste  
no que existe da língua que exige ainda consciência?  
O ser, para ser humano, teria que ser comum.

Que estou aqui a fazer? Que vim aqui fazer?  
 Que há aqui de vida ou de mundo que me possa  
 reter? Retido na perplexidade das perguntas  
 fico-me abismado sem saber responder, terei  
 que passar, ainda e sempre, por este processo  
 todas as vezes que o desejo me atar (prevista  
 a cacofonia) a uma escrita imprevisível e futura?  
 Na iminência de uma reticência arco com a reflexão  
 de uma responsabilidade, imiscuo-me na língua  
 como se fora nos arcanos da realidade, realizo  
 um sonho longínquo e incomensurável, ser caos  
 por entre os sons que soam elícitos da peça  
*Le Triomphe de Bacchus*, de Claude Debussy.  
 Nada resiste ao furor com que autentico a dor  
 que queima, sou desgaste e resgate, dislates  
 onde a inteligência razoável não se pode rever  
 porque lhe falta uma forma e um conteúdo, nó  
 de uma materialidade inconcebível, pó parco  
 dos dias que passam perdidos em embaraçados  
 limites da frustração percebida ontologicamente.  
 Onde não há pensamento não poderá haver  
 nem loucura nem soltura, há apenas esta música  
 onde sinais deslizam como segundos seduzidos  
 pela abstracção enganadora do tempo, dicções  
 confundindo-se com dições, épocas com ápocas,  
 estruturas desfiguradas pelo inebriamento culto  
 do conhecimento da história das línguas, surtos  
 de apogeus em apotegmas apostemosos: queda!  
 Que faço pois aqui, implícito e desbaratado?  
 Quem me desfiz? O que me levantei? Que *que*  
 é este *quem*? Ou vice versa? Perversa e diversa  
 a língua escorre pela futura página do futuro  
 livro como se houvesse ainda uma liberdade,  
 mas é mentira, só existe esta possibilidade tão  
 exígua como exacial, esta sobrevivência ténue,  
 passar despercebido na fricção da passagem.

O clarão níveo do sol já não cai sobre a serra.  
 O dia mais pequeno do ano aproxima-se.  
 O solstício de Inverno há muito é comemorado,  
 no ocidente, com o Natal. Ignoro de todo  
 o me que faz escrever estes truismos desavindos.  
 Na ignorância do sol poderei dizer que ignoro  
 quem escreve um clarão desaparecendo  
 no horizonte como se a terra fosse realmente  
 redonda? Poderei dizer que o fogo ígneo  
 e redundante é uma bola e um halo de luz branca  
 culminando na sua extinção? Poder-se-á  
 ainda dizer alguma coisa, ou o que quer que seja?  
 Haverá língua para isso? E uma relação?  
 Minimamente plausível? Desaparece, está agora  
 mesmo desaparecendo o sol, a luz foi-se,  
 foi-se o calor, é impressionante, tenho que me  
 levantar para correr as cortinas e mesmo  
 assim preciso já de acender o candeeiro elegante  
 que pontifica sobre a secretaria onde, onde,  
 dizer trabalho será um perjúrio, uma falsidade,  
 que dizer? A aporia. Não contava com ela.  
 Pelo menos agora, e muito menos neste porisma  
 um pouco desleixado, abandonado a si outro,  
 que é uma maneira para evitar o chavão do «si  
 mesmo», mas não só, dadas as sugestões  
 filosóficas subitamente aí contidas, como por  
 acaso, que é sempre o sinal da mestria  
 da genialidade. Não, não, estou a brincar. Nada  
 de provocações ou de inúteis megalomanias.  
 Dir-se-ia que o clarão do sol me fez mal. Agora  
 nada mais me resta que falar do crepúsculo,  
 uma silhueta negra contra um céu ainda visível,  
 alguns lampiões já acesos ao longo da rua  
 ou da estrada (que sei eu do que sei?) que vai  
 de Mem Martins para a Portela de Sintra,  
 alguém fazendo de conta que está a escrever.

Céu limpo onde nenhum arrebol ousou  
 entontecer os sentidos do homem que sou,  
 limitando-se a ganhar a tonalidade da escuridão  
 que lhe é normal, sem que estrelas possam ser  
 vistas no preciso momento em que escrevo.

Luzes acesas e titilantes na espessura negra  
 da terra, pontos de suspensão alertando alegres  
 para um espaço onde não se vislumbram mapas,  
 mas apenas a ilusão de distâncias geométricas.

Fundo sem pano nem papel, nenhuma escrita  
 é possível nessa superfície tauxiada mais no real  
 do que na realidade, nenhuma comunicação,  
 nenhuma informação, apenas um frente a frente  
 onde está ausente uma voz, mesmo que haja sentido  
 no que se sente como um imponderável eco.

Claro que se pode inventar. Que se pode atirar  
 palavras contra o mutismo do silêncio, e depois  
 dizer que se atingiu o âmago das coisas, a verdade  
 onde elas existem como acontecimentos.

Até se pode traduzir os acontecimentos vividos  
 em factos (mas, conhecendo a etimologia, fica-se  
 com o logro da mentira a descoberto), pode-se  
 mesmo sugerir que se desceu aos infernos  
 para deles subirmos iluminados numa orgia  
 que dura há séculos. Só nos custa afirmar que nada,  
 mas mesmo nada, se pode dizer do que se sente,  
 desse frente a frente onde nenhuma realidade  
 é possível por ser possível o confronto com o real.  
 Apareceu, como por encanto, no céu escurecido,  
 um ponto luminoso: estrela ou planeta?

Brilha sem pestanejar, será Vénus? Deixo o olhar  
 perder-se pelo firmamento, não procuro  
 porém a analogia nem o símbolo. Basta-me sentir  
 que estou a sentir, mesmo não sabendo o quê:  
 será qualquer coisa, será um nada, será apenas  
 um sentido perdido na constelação dos sentidos.

Janeiro poder ser o primeiro mês do ano,  
não digo que não seja, pois não quero  
que pensem que o meu pensamento é  
monstruoso ao não acreditá-lo, isto é,  
ao não lhe dar crédito, como sendo, mas  
para mim Janeiro é desde há alguns anos  
um mês final, conclusivo, irremeável.

Nele desapareceu minha mãe e nela,  
até certo ponto, desapareci eu, eu cujo  
egotismo era causa de desequilíbrios raros  
nos anais da história da mitologia pessoal.

Perdi-me na sua perda. Há quatro anos  
que duro sem durar, que atravesso o tempo  
como se não me reconhecesse no espaço,  
que a procuro num não sei o quê fatal,  
talvez pela primeira vez filho, eu que fui  
em sua vida tão avesso a familiaridades  
do convívio, sempre em paragens mais  
ou menos longínquas, sempre em viagens  
que não me assinalavam, paradoxalmente,  
nenhuma distância nem nenhuma saudade.

Porque sabia, intimamente, que poderia,  
a qualquer hora, regressar. Agora não há  
um onde que me faça um outro Ulisses,  
só há o sol dardejando ausência no fulgor  
e na fulgência da sua luz, a casa onde  
um pai ainda resiste à certeza da morte,  
um filho que junto ao pai não encontra  
nem poderia encontrar a presença da mãe.

Janeiro não me traz nada de novo. Nem  
de velho. Antes levou-me quem pensava  
que não tinha que sentir como emoção  
de uma falta ou de uma falha, falhanço  
terrível para um homem da minha idade.  
Um silêncio suspicaz fere a feliz facúndia  
do sol, ousarei alguma vez ser só vazio?

Tenho que continuar, tenho que continuar,  
não posso ficar aqui perdido no clarão do sol,  
não posso deixar o tempo passar por mim  
como se eu fosse uma pedra ou um monumento,  
tenho que continuar o caminho iniciado há  
muito, numa outra terra e num outro tempo.  
Ficar aqui parado seria consentir a morte viva  
que me quer viver para melhor ser de mim  
o que eu nunca ousei ser de nenhum destino.  
Tenho que continuar, tenho que continuar.  
Um sol de Inverno invade-me em incitações  
celulares e misteriosas e quase biológicas,  
deseja-me boquiaberto perante a beleza  
icástica da sua imensidão sideral. Siderado  
fujo da sua injunção e recomeço o caminho,  
sem saber que direcção tomar, mas sabendo,  
contudo, que onde quer que eu vá haverá  
certamente um lugar para me acolher do frio  
e da ilusão terrestre com que se nasce: ir  
é a decisão, uma cisão de há muito, sempre  
em frente, seja qual for o horizonte, mas ir,  
avançando nem que seja um parco milímetro  
de consciência, da consciência humana que  
se quer adquirir na travessia da vida, da era,  
da experiência que ficará como uma outra  
história dentro da história que geralmente  
conquista o poder pela crueldade cúmplice  
dos seus meios na sabedoria das nações.  
O mundo precisa de ser emundado: quem  
o fará, senão aqueles, poucos ou muitos,  
que se negarem à exploração do trabalho?  
A vida na terra não suporta mais a ganância  
dos que pretendem dirigir a ilusão mundo.  
Temos vivido de ilusão em ilusão, quando  
se viverá da humanidade que nos espera  
desde sempre como um futuro já passado?

Mergulhado em *blues* não me sinto afogado ou naufragado, sinto-me apenas de outras paragens, de outros sóis, de outras passagens onde a vida não só é possível como também eclode sem que a alienação seja temida.

As fronteiras foram-se. Suas cinzas sujas fumegam em indistintos preconceitos de eras e de séculos, tudo agora é casa e música, este incomensurável aqui habitado e habitável.

Há quem pense que se pode voltar atrás. Há quem procure através do silêncio fazer de conta que o mundo é uma língua materna ou um hábito. Há quem, apesar de tudo, dos ecos que soam nos escaninhos ditos outrora pátrios ou mátrios, tente convencer os desatentos da tribo que esses são e serão sempre os primordiais: expressões da raça.

Com outras palavras, para não serem escorraçados. E têm êxito. É fácil ir-se aos meios de comunicação e comunicar-se. É muito mais difícil fazer com que qualquer coisa se ponha a significar ou a adquirir sentido. É dificílimo ser-se tempo, isto é, fazer-se o tempo contar uma outra história, ou fazer-se uma obra capaz de exprimir um outro tempo abrindo-se em história.

Mergulhado em palavras e em música mergulho na vida que recebo todos os dias como se fosse o primeiro dia, balbuciando acontecimentos e peripécias, impressões da língua que atravessa minha consciência.

Ciente de que sou um corpo à deriva nesta terra inclemente onde civilizações não sabem mais o que fazer para seguirem um padrão ou um rumo entre tantos e tantos interesses desencontrados e sem interesse.

O vulto vago da serra avoluma-se contra o céu num esforço de inspiração, seu palácio altaneiro um artifício que se perde na natureza silenciosa, como se tivesse havido perda de tempo tentar deixar uma impressão humana na sua indiferença.

A serra achatada sobressai sob o fulgor do sol, mas chega de descrição. Não haveria aliás muito mais a dizer. A realidade dos homens de hoje não se compadece mais com serras ou palácios, há sempre o problema social algures escondido na consciência de quem escreve, modo prosaico de se falar do desemprego (que grassa – dir-se-ia outrora, e que outrora seria esse?), da situação geral em que se encontra o país: endividamento das famílias e, depois, a já proverbial pobreza. Chegar a este apartamento de automóvel é feito a não menosprezar: com as chuvas o pavimento desvelou, como diria Heidegger, se fosse dado à facécia, os buracos, não os orçamentais, mas os buracos *tout court*, como diriam, já agora, os economistas mais habituados a frequentar expressões estrangeiras. Tenho a certeza, quase absoluta, que a Câmara não teve culpa da caída das chuvas, tenho quase a certeza que o dinheiro que dispõe não poderá contemplar os estragos efectuados pela invernia que se fez aqui sentir. Aqui, os moradores deste bairro, só têm agora duas opções: ou contemplar o castelo altaneiro no cimo da serra de Sintra, ficando extasiados com a paisagem que se divisa dos seus lares hipotecados à banca, e pensando que a vida é bela (e a vida é bela, digo-o sem qualquer tipo de cinismo); ou contemplar os buracos evidentes com muito cuidado quando vêm nos seus caros automóveis (deixo a ambiguidade ser ambígua) para o conforto dos seus apartamentos putativos.

Sei que há qualquer coisa que deve ser dita,  
só não sei o quê. Sinto o desejo de escrever,  
só não sei o quê. Sinto que devo estar aqui,  
estupidamente aqui, mas que aqui pode ser,  
ou existir, se não contar com as palavras  
da língua? Onde estarão essas palavras?

Não sei. Perdi-as. Ignoro como. Não faço  
a mínima ideia do que aconteceu ou tenha  
acontecido para que tal facto seja um facto.

Resta-me olhar para todos os lados e ver  
o que posso divisar e chamar-lhe realidade  
como se fosse possível ainda nomear as coisas  
que existem à volta num mutismo ensurdecedor.

Devo indulgenciar em paradoxos? O tempo  
da inclemência intelectual foi-se, deixou-me  
perdido neste achado de mim mesmo, um quê  
quase desumano da tanta humanidade que quis  
implantar na monstruosidade neutra do real.

A voz, que talvez nunca tenha existido, não  
mais fala, nada mais diz. Atroz o pensamento  
esgueira-se de qualquer tentativa de emoção,  
onde há aí um mundo capaz de fazer vibrar  
uma sensibilidade, onde há aí um bem capaz  
de redimir as horas de perdição diante do mal,  
onde haverá no futuro um sol que não seja  
só um astro percorrendo os céus do azul frio?

A língua está muda e nada sussurra ou diz.  
A língua não prediz. A fala não fala. O ser  
não é assim tão evidente como parecia ser.  
Que aconteceu para que este isto esteja agora  
a acontecer? Envelhecimento? Será a chave  
do enigma? Não haver mais a possibilidade  
de irromperem ilusões amínticas ou epulóticas,  
não haver mais haver? Não sei, ignoro. Moro  
nesta demora de mim mesmo como se fosse  
assim que uma vida possa ser ainda vivida.

Não, digo-me sub-repticiamente, a estranheza  
que sinto perante o mundo não tem nada  
que ver com estados de ansiedade (e se tem  
e eu não os quero reconhecer?), a estranheza  
que sinto dessente-me nesta incapacidade  
para poder viver uma vida comum, como se  
a normalidade me estivesse vedada. Mas que sei  
eu da normalidade e dos outros que a revestem?

Não se tratará só de arrogância intelectual  
da minha parte? Um pouco como Pessoa,  
como quando falava da pobre ceifeira? Que  
sabia ele da pobre ceifeira? E da inconsciência,  
ainda por cima alegre, dela? Nada. Serviu-se  
do outro, não para se outrar, mas justamente  
para se eutrar ou egotar, se me permitem, já  
agora, os neologismos apressados. A crueldade  
que se inflige nos processos ditos intelectuais  
do pensamento! A falta de respeito! O poder!  
Que eu procuro, tenho procurado, ao longo  
dos anos, evitar como o maior dos males.  
Não, a estranheza que se entranha em mim  
é um processo incompreensível, é como se  
o mundo não quisesse ser mais mundo, não  
pudesse ser mais mundo, é como se eu agora  
nada mais fosse do que uma consciência  
e um corpo, faltando-me tudo o mais que faz  
geralmente um homem. Minto. Tenho ainda  
o amor que sinto pelo amor que recebo daqueles  
que me amam (também eu sou digno, de vez  
em quando, de uma cacofonia!), tenho ainda  
a memória daqueles com quem vivi partes  
da vida numa família ou em partes da terra,  
estranghas presenças que são outras tantas  
ausências insinuando-se no meu caminho  
para me dizerem que está tudo bem, que sou  
apenas o que sou, um homem de todos os dias.

É claro que, se quisesse, sempre poderia deixar o raciocínio entregue a si mesma num delírio de formas e de processos, no fim qualquer coisa apareceria, teria que surgir, um porisma, um texto, um conteúdo, mesmo se informe ou disforme.

Onde pudesse respirar. Habitar. Onde parte do mundo e da terra ousasse uma presença. Onde coisas da experiência humana tivessem sido sugadas para depois permanecerem, tais monumentos dispostos diante da eternidade, em fileiras de um museu estagnado no tempo.

E não quero? A pergunta deixa-me perplexo de embaraço. E não desejaria que assim fosse?

Que faço eu aqui? Nada. E há tanta coisa a fazer. Mudar o mundo. Mudar o mundo. Não me esqueço de repetir sempre que posso. Sei, iria dizer, como outrora o disse, ninguém quer mudar o mundo. Muitos falam, muitos vociferam, muitos barafustam, mas no fundo, no fundo, ninguém deseja mudar o mundo. Todos têm medo do futuro, do que pode advir, do que poderá acontecer se... O imprevisível aterra.

A experiência do futuro nunca será um presente.

Muito menos uma oferta que se possa fazer a uma geração. A iniquidade é-nos tanto alma que nem a sentimos. Faz parte da natureza.

Talvez por isso eu esteja muito cobardemente ainda aqui, escrevendo, sem nada ter feito para mudar o mundo, como milhões e milhões de homens e mulheres que vieram ao mundo e nada mais fizeram que existir suas existências.

Sem dúvida, sofrendo isto ou aquilo, uns mais do que outros, que a vida não é fácil. Nunca se escreveu, que eu saiba, a história mundial da impotência. Talvez porque nunca tenha havido mundo. Talvez porque não há realmente história.

Não sei o que se passa entre mim e o real,  
 mas é como se o real não me permitisse mais  
 aproximar, através da língua, do seu mutismo,  
 da sua impenetrabilidade, do seu alcance,  
 deixando-me incapaz de trazer ao mundo  
 uma realidade que pudesse ser minimamente  
 compreendida pelas faculdades intelectuais  
 ou emocionais que caracterizam a humanidade  
 dos homens e das mulheres que habitam  
 ainda esta terra concutida pelas contradições.  
 Como se fosse obrigado a utilizar a imaginação,  
 o que me repugnaria enormemente. Não sei  
 o que fazer. Desta ignorância avanço sempre  
 que posso em direcção ao que me rodeia,  
 tento derrubar as barreiras, ir mais longe  
 que este perto onde asfixio, procuro mesmo  
 uma certa distância para achar a perspectiva.

Não sei se consigo dar conta do único  
 que cada momento é por definição, gozo  
 e sofrimento esperam-me a cada esquina  
 da percepção, descobrir um ponto de contacto  
 com o que flui resulta quase numa desmedida  
 que me obriga a passar não muitas vezes  
 pela verdade ou pelo simulacro da loucura.  
 Mas dizer o que da vida é tempo parece-me  
 fundamental. Mais ninguém o faz. Escrever  
 uma história do que passa e é passagem  
 não é tarefa para todos. A história comum  
 só se importa com factos. Aqui tenta-se dar  
 a efluência contingente dos acontecimentos,  
 do que não pode ser apreendido em documentos  
 nem fica escrito sabiamente para a posteridade.  
 O real de que se fala não quer existir porque é!  
 E porque é furta-se à palavra como um riso  
 ou uma feliz gargalhada que se evola no ar  
 sem pretensões a uma divulgação pelo saber.

Manhã solar, os *blues* fluindo e pervagando em assunções de uma presença humanizada, estar aqui entre o sol e a música é um bem, um privilégio. Ter uma janela escancarada dando para uma serra petrificada também não é mau. Devo pois queixar-me? Seria pura ingratidão. A sorte, se já não é grega, não é mesmo assim para se deitar fora. Estarei fora de mim? Acho que não. Estou sentado diante da janela e ouço Guitar Shorty neste momento. Coitado, preocupado no seu *I Wonder Who's Sleeping in My Bed*, o melodrama existe em toda a parte, atrai as populações da terra, alguma vez a natureza do homem poderá ser mudada? Dizem até que o homem não possui uma natureza, é só uma condição, dizem, mas a pergunta permanece, o homem terá alguma vez a oportunidade de mudar de ser? Vá-se lá saber! E seria bom? Quem ganharia com isso? A humanidade? Isto é, os homens e as mulheres e as crianças? Mutações, é a ciência que nos propõe a ideia de híbridos, de monstros, de clones. Mas que nos propõe, já agora, a miséria e o sofrimento de milhões e milhões de homens e mulheres e crianças? Nada. Nada? Nada. Um silêncio nem sequer sideral alaga o mundo daqueles que não possuem uma voz e não é pela audição que se fazem realidade: são factos reais nos noticiários, visões de mortes esfomeadas ou epidémicas, filmes de uma ficção ocorrendo algures no planeta redondo e errante onde os erros que permitem tais factos não são assacados a ninguém, porque ninguém é deus. E é assim. Guitar Shorty continua a encher a manhã de *blues*: a sorte de quem o ouve!

Não sei como estou. Significa isso que não sei como ser? Ou ser nada tem que ver como se está?

Sei que cada vez mais o corpo me é estranho, uma presença incompreensível, sombra perdida que se arrasta atrás de mim como um peso que nem ficaria mal a Sísifo, se a mitologia fosse ainda viável. Não é. Todo o mal é meu. Mas este *meu* não é verdadeiramente um possessivo, é uma obsessiva manifestação do que se impõe à minha dorida consciência como uma identidade que repudio pela falta que não me faz. Ser só, sem imagem no espelho ou nos olhos dos outros, é uma possibilidade de existência que me assiste ou deveria assistir, tal porém não acontece.

Prisioneiro de quem não sou sou obrigado a conviver com o sofrimento diário, castigo talvez da humanidade a que pertenço, condição explícita de uma intimidade com a dor que vem desde que me conheço, e são já tantos os anos! Quando terei um pouco de paz? De descanso?

Eu que posso sentir a linguagem da alegria como mais ninguém, para quem um raio de sol é mais do que suficiente para abrir meus lábios num sorriso incomensurável, por que terei que estar sujeito a esta adjacência ignóbil, a este mutismo febril de um destino que odeio ou em que não acredito, a esta falsidade talvez, quem sabe, verdadeira, uma vez reduzido a cadáver no absurdo apagamento do tempo?

Não, não sei como estou. Se bem, se mal. Mais mal do que bem, possivelmente. Enquanto o sol me acaricia e me chama, enquanto a luz ilumina a manhã com uma serenidade infinda, convidando-me à passagem. À incógnita.

Mas não estou preparado para ter coragem. Antes sorrio na expectativa de uma mudança.

Nunca pensei que pudesse ser possível o que está a acontecer: escrever quase que obrigado por um imperativo inglório ou mesmo ridículo: fazer anos há muito que passou à história, sobretudo à minha! E nada mais há a dizer, se alguma coisa foi realmente ou verdadeiramente dita. A vida... Não, não vou, em efabulações do desgaste, deslindar sucessos anímicos ou factuais, não porque tudo já tenha sido dito, mas porque agora, mais do que nunca, a vida que vivo não precisa mais da língua para continuar a ser o que é: uma vida! Deixei de escrever? Falso. É com gestos, com acções, com emoções e pensamentos desverbalizados que componho dia a dia meu corpo e meu caminho de homem envelhecendo e já envelhecido, ver-me ao espelho é sentir-me um mistério onde nenhuma língua consegue penetrar, como se houvesse em mim mais do que aquele que sou, um horizonte de expectativas, ou uma arqueologia que não deixou sinais. Estar pois a usar palavras é uma concessão que me faço neste dia que só tem de raro por me fazer lembrar que há ainda datas que se vão acumulando nas rugas do rosto ou no silêncio sideral do humano cansaço. Mas não sinto mais o impulso ou o alor para vir até aqui e aqui ficar. Acho até que é uma perda de tempo. A língua como a usei nunca foi uma linguagem, quero dizer, nunca foi arte. Chamei-lhe porética e linguagem porque quem se serve de signos estará sempre sujeito a uma escravidão: ser para mim é agora uma liberdade afável.

Que sentido faz pois estar-se aqui escrevendo?  
 Nenhum. Nenhum desejo, nenhum prazer,  
 nada de nada, que faço pois aqui? Responder  
 não me daria uma resposta. Melhor ficar  
 calado e continuar este trabalho, juntar sons  
 a sons numa composição que nem sequer  
 é música, que nem sequer é um poema, mas  
 que é, apesar de tudo, ontologicamente,  
 qualquer coisa. A coisa de que não sei falar  
 abre-se perante mim como se estivesse  
 diante de mim e me quisesse questionar, eis  
 o que me diz: Que tens contra a língua?  
 Que mal te fez a língua? Que catástrofe vês  
 ou sentes nela para a aborreceres agora?  
 Estou interdito. Ignoro como responder. Vou  
 de mim a mim como quem se expande  
 em pensamentos ou em alguma meditação,  
 mas não há tempo para reflectir, não era  
 nada disto o que esperava, eu que justamente  
 nada esperava, ou que esperava apenas  
 da vida, não o nada, não a morte desesperada,  
 mas uma habitabilidade consensual,  
 direi mesmo, não escandalizando os puristas,  
 ainda sensual, na companhia querida  
 dos entes ditos queridos como diz a própria  
 língua nos seus truismos mais comuns.  
 Mas que dizer? A língua já não me é mais  
 necessidade nem prazer, as palavras são  
 o que são, mas não me fazem vibrar arrepios  
 de outrora em assunções de fundos  
 onde pensava ter atingido a voz feliz e genial  
 da matéria muda onde escabujamos  
 desde que, inatos, lançamos o primeiro vagido.  
 Como se a língua não fosse mais mundo.  
 Como se só restasse a terra a ser vivida, chão  
 onde nossos pés talvez escrevam um destino.

Quem pois de mim se escreve que não circunscrevo num tácito acordo ou numa bonomia? Um hábito, uma rotina? Uma máquina contemporânea debitando os zelos dos sentimentos e dos factos recentes, como se não houvesse em mim vontade para ser ou não ser o que o contrário implica do paradoxo e da contradição? A verdade é esta: impus-me como tarefa escrever este livro, este livro terá que ser escrito quer eu queira quer não! À força? Se for caso disso! Não, nenhum contrato me obriga a tal desmedida, nenhuns leitores sentiriam a falta deste projecto que cresce como um cogumelo na sua estranheza quase venenosa e atómica, se me é permitida tanta imaginação para tão pouco! Não vou insinuar uma clivagem do eu. Foi tempo! Nem falar da civilização ocidental para explicar o facto deste feito no efeito que está a ter em mim! Há coisas que acontecem porque têm que acontecer. Chamem-lhe fatalismo. Não o é, mas não me importo de ser mal interpretado. Há coisas, direi já agora, e numa nova formulação, que têm que acontecer porque lhes acontece serem coisas e não simples factos. Acontecido este percalço, continua-se. Como?, será o problema do momento. (Eis, mais uma vez, o processo porético, em plena urgência.) Regressando-se atrás. Ao começo. Relendo aquele: Quem pois de mim se escreve que não circunscrevo num tácito acordo ou numa bonomia? (Mas não deveria ficar escrito o que se pretende apenas exemplificar: deseja-se apenas mostrar o gesto, o movimento, o funcionamento da consciência perante a aporia.) A complexidade é tanta que é difícil agora retomar o que quer que seja do que é ou poderia ser um esboço de meditação ou mesmo de pensamento. Falhada embora a tentativa sente-se contudo que não falhou a tentação de se dizer algo!

Fim de semana que parecia mais do fim do que da semana, com ventos atingindo velocidades inauditas mas perfeitamente audíveis mesmo para quem estivesse, pela noite fora, entretido a ver televisão. Várias vezes, com a intensidade da chuva batendo na parabólica, se perdeu o sinal, ficando minha mulher e eu às escuras de uma qualquer imagem, se me posso exprimir assim. Coibi-me de gravar, como geralmente o faço aos sábados à noite, programas de jazz de canais austríacos ou alemães, a noite cerzida de sibilantes deslizes do som e de barulhos da chapa de metal que protege a larga portada. Felizmente que, junto ao recuperador, dançava em ilusões de óptica o calor, não foi por acaso que esta rima surgiu assim tão fácil. Às vezes a realidade até que coincide com a língua, e quando isso acontece é um prazer dizer e escrever, pois ficamos com a impressão de termos realizado qualquer coisa de essencial. Poderá ser uma ilusão, mas isso importa? O que importa é que haja ou continue a haver esse impulso que nos arremessa até aqui, este aqui podendo ser não só um lugar como também um tempo, não só uma acção como também a emoção de uma alegria, seja ela de viver, como de se estar vivo, se não for o mesmo o que é, mudando apenas a expressão. Nunca me importei muito, confesso-o, com a expressão. A vida esteve sempre em primeiro lugar, e se falei da intempérie foi só para trazer até mim o que me fala.

Sem luz em casa, sábado de manhã,  
visto-me com a sensação de haver mais  
do que um corpo em mim, como se  
a falta do banho diário tomasse quase  
proporções civilizacionais. Na casa  
do campo, não havendo luz, a bomba  
não funciona, a água não é então mais  
do que uma quimera. Abro mesmo  
assim uma torneira para lavar os olhos  
da remela nocturna, a barba de um dia  
embranquece ligeiramente meu rosto  
já encanecido pelos poucos cabelos  
que a calvície ainda consente: ver algo  
como um homem, no espelho que nos fita,  
não traduz nenhuma dor ou nostalgia.  
A velhice só dói em certos momentos  
privilegiados, ou melhor, fragilizados  
ou mesmo infernais, quando de repente  
a consciência é um segundo de vida  
ou de tempo ou de consciência ou, já  
agora, de um profundo sentimento, não  
de morte, mas de ausência, de quem  
se é em quem se é, oco terrível vivido  
como um insulto ou um aviso, eco  
de nenhum mundo que se conheça  
ou de que se possa falar com certeza.  
Não é agora o caso. O velho que se é  
passa quase despercebido, suas rugas  
não são sulcos de sofrimento, apenas  
carne percorrida pelo tempo, anos,  
dias, minutos, segundos, sucessão  
de nadas edificando um nada, um corpo  
que recolhe experiências mas incapaz,  
depois, de transmitir pela memória  
o que quer que seja do que se passou:  
uma histórica para sempre mal contada.

Enquanto vou ouvindo de Esa-Pekka Salonen,  
*LA Variations*, não posso deixar de mencionar  
 a coincidência entre o conteúdo do porisma  
 anterior, escrito ontem, e o facto de ir festejar,  
 no começo de Março, os noventa anos  
 que faz meu pai. Passei toda a noite  
 a pensar na velhice, a sentir o envelhecimento,  
 a escrever na consciência desperta  
 dezenas de textos, perdi-os sem nenhuma pena,  
 já que a perdição faz parte da vida como da morte.  
 Às vezes, estupidamente, fica-se com a sensação  
 de que algo nos governa, um destino  
 que foi há muito repudiado, uma força incógnita  
 agindo em percalços que nos deixam  
 abismados em perguntas que mal sabemos formular.

Mas desde que casei, há mais de trinta anos,  
 nunca mais pude realmente sentir-me só,  
 pois sabia, bem no íntimo, que alguém me esperava,  
 ou não fosse eu um Ulisses mitigado  
 que se ignorava, descontadas as diferenças  
 entre o real e a mitologia de povos anacrónicos.

O que não quer dizer que. Por exemplo,  
 agora mesmo ouço, cantadas pela Dawn Upshaw,  
 estas *Five Images After Sappho*, de Salonen,  
 sem sentir nenhum anacronismo, mas também,  
 para dizer a verdade, sem pressentir  
 nenhuma comprovada contemporaneidade:  
 a música só é histórica, e é uma concessão que faço,  
 para quem comprehende a música.

Para quem se limita a ouvi-la é quase intemporal:  
 que estou pois a ouvir? A Grécia ou o Capital?  
 Perdi-me. Não sei onde queria chegar.  
 Não sei de onde parti. Faz mal? Não.  
 Quase com sessenta anos só quero ter  
 a oportunidade de festejar o próximo aniversário  
 do meu pai na companhia da família.

Ei-los, esse crepúsculo, essa serra, esse céu,  
 enquanto a música devasta várias áreas  
 da emoção e do silêncio, *Gambit*, são oito  
 minutos e tal de uma experiência avassaladora.

Dizem que Salonen é um novo Mozart,  
 não acredito que alguém possa ser alguém,  
 mas enfim, para que existem os críticos  
 senão para proferirem dislates e algumas asneiras?

Não, não há sinônimos. Há abusos verbais  
 ou de linguagem, mas sinônimos não há.  
 Há uma nuvem que passa num céu que vai  
 escurecendo como se soubesse o que é  
 um crepúsculo, há um certo frio neste quarto  
 que até serve de escritório, já não há,  
 é uma pena, a música que acabou assim  
 tão intempestivamente que fiquei de repente  
 num sobressalto do repente. Estranho texto este,  
 hora estranha a deste crepúsculo, divisa-se a serra  
 como uma escuridão que não faz medo,  
 algumas luzes de candeeiros aparecem, poeiras  
 e galáxias de uma imaginação bruxuleante,  
 pontos iluminados de uma constelação  
 que sobrevive sobre a própria terra. Não,  
 não estou a compreender o que estou a escrever.

Algo se passa. O quê, ignoro. E não se trata,  
 penso eu, de um filme policial, nem de um drama  
 nem de uma tragédia. Será uma comédia?

Comedido no que digo sinto apenas sons  
 que querem subir ao palco, à consciência intuitiva,  
 como se estivesse a reformular uma estética  
 mais ou menos simbolista, mas onde o símbolo,  
 metamorfoseado numa outra assunção  
 conceptual e emocional não fosse nem pudesse  
 ser devorado pela voracidade da música,  
 como aconteceu num passado recente.

O símbolo do presente terá que ser porético!

Deixei passar uma semana para chegar aqui curado do que aconteceu. Dei tempo à emoção, ou, neste caso, ao trauma. No entanto aproximo-me ainda do que tenho a dizer com uma timidez que dificilmente reconheço. Reconheço o silêncio, o apartamento perdido numa ausência histórica, postulando sentidos que às vezes até parecem não fazerem parte deste mundo e desta terra. Que aconteceu? Sábado passado, manhã cedo, não morremos por um acaso, ou muita sorte. Eu, minha mulher e minha filha. Num espectacular desastre de viação. Íamos a caminho do norte, festejar os noventa anos do meu pai. Chovia, o piso encharcado, a visibilidade pouca. Súbito, perco o controlo do automóvel e despisto-me, a não mais de dois quilómetros da portagem da auto-estrada, guinando o veículo para a direita e galgando a valeta para percorrer num infinito de tempo e de medo e de impotência e de gritos e de solavancos e de vórtice e de suspensão diante da morte iminente a inclinação do terreno que o trouxe novamente para o pavimento, vindo a estacionar na faixa que fica junto ao separador central de um betão que poderia ser o final fim.

Não foi. Ilesos, sem um beliscão, concutidos pela experiência acabada de viver, ficámos surpreendidos por não sermos imediatamente abalroados pelas outras viaturas que vinham na mesma direcção. Felizmente, ó acaso, havia ainda uma distância comensurável entre nós e quem se aproximava. Com os quatro piscas a funcionar, decisão da minha filha, com ela fora do automóvel fazendo sinais aos demais condutores, consegui, mesmo assim, pôr o motor a trabalhar do carro sinistrado onde viajávamos para passarmos para a berma da auto-estrada.

Saído do automóvel, a chuva implacável caindo  
como se nada tivesse acontecido, contemplo  
a extensão do desastre. Destruição é o nome  
da coisa, e fez-me sempre aflição, não esse nome,  
mas essa realidade. Não estou nervoso, penso  
que devido à medicamentação que tomo há anos,  
desde que estive na clínica, e que serve, penso  
eu, para me manter num certo equilíbrio  
emocional. Sinto-me apenas triste. Triste  
e com alguns remorsos por ter posto em perigo  
a vida da minha mulher e da minha filha,  
e triste por falhar ao aniversário de meu pai.  
Não se fazem noventa anos todos os dias!  
Não comprehendi o desastre. O que aconteceu.  
Embora sinta que foi minha a culpa. Não  
deveria ter querido abrandar a velocidade  
carregando, ligeiramente que fosse, nos travões.  
Os cem quilómetros a que conduzia talvez  
fosse demasiada velocidade para aquela chuva.  
Sinto, ao mesmo tempo, supersticiosamente,  
que se estou vivo o devo à presença da mulher  
e da filha. Sozinho, pensei, teria perecido.  
Não era a hora delas. Talvez fosse a minha.  
E elas me tenham salvo por estarem comigo.  
Passam-me estas ideias pela cabeça. Triste,  
deveras triste, por não poder estar com meu pai,  
meus irmãos, o resto da escassa família.  
Mulher e filha, protegidas da chuva que cai,  
estão dentro do automóvel. Quem está no comando,  
telefonando para diversas entidades, segura,  
eficaz e com sangue frio, é a minha filha.  
Não sinto a chuva que me bate no rosto cerzido  
de nada ou de estupefacção, sinto que tudo  
perdeu um tempo e se transformou na morte  
do que poderia ter sido. Não foi. Insentido,  
fui para dentro do automóvel procurar companhia.

Mudam as estações, não mudou a posição da minha janela. A Primavera trouxe aos dias mais dia, levou-me o clarão do sol que descia sobre a serra como uma fatalidade cósmica.

Tudo agora neste escritório deixou de ser frontal para se tornar enviesado, bate agora o sol sobre os livros da estante que me fica à esquerda, é um clamor agradável eclodindo dos livros, são chamas chamando ou tentando reter a atenção de quem se espanta com o real.

Ainda estou vivo, surpreendo-me a pensar. Continuo vivo, é a surpresa que me ascende à consciência, como se aqui já não houvesse lugar para uma presença que não a do sol, como se eu fosse, em certo sentido, sentido como o fantasma de mim mesmo passando por uma estranha ausência, este silêncio quase ontológico onde não se vislumbra nenhuma lógica nem nenhuma relevância humanas, ou deveria antes dizer, corporais e carnais? Que é viver? Que significa estar-se vivo? Que é morrer? Estou aqui a viver como alguém que está aqui a escrever, estou a ser? Não vejo o sol que existe e que está neste preciso momento a preparar-se para se deitar nas águas do mar, o Atlântico tão certo como haver memória e até uma geografia. Há uma memória de mim? Mais importante do que isso: há uma presença de mim? Aqui, agora? Onde é este aqui? Onde demora este agora? Se eu soubesse responder não faria perguntas estúpidas. Há sempre um paradoxo onde menos se espera. Espero estar à altura da vida que me resta viver. Não sofrendo o eco desta aguda impressão de fantasma sobrevivido, mas como homem capaz de levar a cabo o fim.

Diria, se fosse ingênuo, e por que não sê-lo?,  
que uma paz quase material se divisa  
desta janela virada para um sul verdadeiro,  
as árvores neste crepúsculo prazenteiro  
são percorridas por ténues brisas que fazem  
mover as suas frondes em devaneios  
verdes e ondulados, ignoro se posso chamar  
harmonia ao que parece ser uma harmonia.  
Nem tudo está bem no mundo das notícias  
televisivas e globais, mas frente a esta janela  
o mundo comporta-se como se soubesse  
que depende da terra, e a terra assiste quase  
maravilhada à indiferença do pôr-do-sol.  
Ao fundo e longe há automóveis que passam,  
o capital não deixou de governar a acção  
da humanidade, aqui como em qualquer outra  
parte há sempre afazeres, tarefas a cumprir.  
A escola deserta deixa-se sucumbir ao marasmo  
do silêncio, as férias da Páscoa são um facto.  
É um facto que não sei onde ir, isto é, não sei  
o que escrever. Mas não foi sempre assim?  
Minha mulher chama-me. Vou ter, agora  
mesmo, que abandonar este porisma aqui,  
náufrago de uma contingência e de acidentes  
com que não previa. Afinal a distância entre  
um porisma e um aporismo é mínima, façam  
o favor de a sentir, que me dizem do percalço?  
E, se tiverem alguma sensibilidade, ou, se  
forem conscientes do que aqui realmente  
se passa, que me dizem deste actual abismo?  
Nem tudo são ultrapassagens. Há problemas  
que pareciam resolvidos na civilização  
e que, de repente, metamorfoseados, ei-los,  
como se nada fosse, instigando-nos a peste  
e a imaginação, partos e partidas sem fim  
para vidas que ignoram onde houve origem.

Nada como uma pequena e fugaz dor de cabeça  
 para me trazer à praxis deste fazer, e se sorrio  
 não é mais por um declarado ceticismo, antes  
 é por uma certa bonomia que me dança  
 e alcança enquanto escrevo o que não sei  
 se sinto ou se penso, a penúria dos verbos mais  
 uma amostra desta pobreza que assalta agora  
 minha inteligência dada aos sinais exteriores  
 da misteriosa e perfuntória estupidez.

Ah, aqui estou eu esbracejando em plena  
 dicotomia, de nada valeu a segunda metade  
 do século vinte, nada se aprendeu, cai-se  
 sempre nas mesmas armadilhas, já que cair  
 tem que ver etimologicamente com cadênciа,  
 e cadênciа com música, e música com musas.

Peço desculpa pela erudição descabida.  
 Não me digam que não estão a ver a relação  
 implícita (apesar desta rima maldita) entre  
 as musas e a inspiração, e o oráculo, e, já  
 agora, a proferição sibilina? A culpa  
 de tudo isto, se há culpa, foi aquele *fazer*  
 no começo deste tresloucado porisma  
 que deseja a todo o custo ser um poema.

É vê-lo, esbracejando, para não sair  
 de uma periferia, para se conter bem junto  
 a um centro, como se só no círculo houvesse  
 uma protecção, um halo, um nó, uma luz,  
 não do sol que nos ilumina, mas das coisas,  
 como diriam os que dizem quando fazem.

Mas eu só continuo a escrever, não faço  
 nada, ou quando faço só faço o nada, outra  
 maneira de sugerir que nasço para o dia  
 sabendo que é só mais um dia e não um ápice  
 do absoluto, consciente de que será sempre  
 uma duração, uma temporalidade aberta  
 ao mundo e aos que vivem, passando, na terra.

Caio em mim de não haver nada em mim,  
 ou de só haver quem sou, esta presença plena,  
 este corpo, esta consciência, este tempo  
 que passa neste lugar da terra, este sol agora  
 ligeiramente toldado pelas nuvens brancas  
 que passam como se tivessem um encontro  
 marcado algures no azul do céu obstupefacto.

Oscilações de tonalidades, todo o quarto  
 parece ondular numa vibratilidade ignorada  
 da sensibilidade, que homem para esta ágil  
 atmosfera? Que experiência ainda humana?  
 Uma estranha alegria parece querer irromper  
 do acontecimento, não há infelizmente música  
 para esta dança, não há um ventre de mulher  
 protagonizando sensualidades míticas, só há  
 variações de luz enquanto as nuvens passam  
 e escondem provisoriamente o sol que bafeja  
 a terra numa personificação descomunal.

Parece, mas não irrompe. É como se agora  
 o tempo estivesse a viver uma aceleração,  
 não há tempo nem espaço para sentimentos,  
 o inevitável percorre o seu caminho e nada  
 se suspende em permanência para que possa  
 eclodir um sorriso ou uma lágrima: ser abre  
 um abismo enorme entre a queda e a ascensão,  
 ignora-se se se sobe ou se se desce, sibila  
 um vento de perdição, onde está o sol, onde  
 estão as nuvens, onde está o homem que escreve,  
 onde há um onde capaz de conter o que há?

Não há. Nada de ilusões. Há apenas o sol  
 que reaparece intermitentemente, as nuvens  
 que passam velozes, eu que me levanto e vou  
 colocar um CD no seu leitor. Começo muito  
 lentamente a ouvir do morto Morton Feldman  
*Rothko Chapel*, sentindo, talvez estupidamente,  
 que a vida é como uma queda em ascensão.

Maio mantém-se um mês previsível, embora me pareça um absurdo dizê-lo assim, como se houvesse algures no dito um preconceito, uma falta de respeito, um traço que pensava não fazer parte da minha idiossincrasia. Mudei assim tanto? Eu sei que neste processo célebre de embrutecimento a que me entreguei desde que regressei ao país seria quase inevitável que tal acontecesse, mas é um pouco triste ver-se ou observar-se o preço que se paga para se ser comum. A imbecilização não é tarefa fácil. Há sempre rasgos e traços da personalidade que persistem em sobreviver, violência é o que tenho a oferecer ao corpo que me alberga. E dói. Mas a vida foi sempre para mim um sáfio sofrimento.

Neste processo mitridático procuro apenas que os sentidos tantas vezes nefastos não sintam mais que a média comummente estabelecida pela vaga sensibilidade dos outros, pertencer é um dever da consciência democrática, quando a comunidade é medíocre nada mais há a fazer do que comungar álacre e feliz essa mediocridade redentora... Outros, de quem me convenci ser fiel herdeiro, sofreram pior sorte. Outros não resistiram a tarefa tão descomunal.

Perdoo-me pois ter dito o que disse sobre Maio. Mas fui sincero? Estou realmente a ser sincero na deliberação de me confundir com o lugar comum? Que outros o decidam. Às vezes penso que perdi, algures na vida, a alternativa.

Não poderei dizer, honestamente, se me faz falta,  
como outrora me fazia, a prática da escrita.

Esse encantamento e esse fascínio, vir aqui  
depositar algumas palavras da língua que apareciam  
na consciência com a urgência do que exige  
vida, existência, divulgação, amizade mesmo.  
O inebriamento sensual que era senti-las vibrar  
a essas palavras palpitantes e depois a tensão  
quase sexual que era ter que colocá-las em sintaxes  
capazes de difundi-las em sentidos capazes  
de traduzirem sensações e ideias, testemunhos  
fáceis ou difíceis de experiências vividas entre  
um apogeu e uma queda, entre um lapso de tempo  
e uma contemplação sobrevivida na demora.

Agora tudo é diferente. Como se tivesse perdido  
a língua, a fala, o desejo de dizer, o que quer  
que fosse, como se estivesse perdido num silêncio  
de mim mesmo incapaz de dar conta da terra  
e do mundo, das coisas que nos cercam,  
dos acontecimentos que se fazem história,  
e nem sequer falo, como nunca falei, da História  
que as instituições propagam e propalam  
como necessária para o bem dos cidadãos  
deste planeta dividido ainda em nações inatas.

Quando escrevo faço-o na consciência, as palavras  
surgindo para logo se perderem, meditações  
inalcançáveis e imponderáveis, arrazoados  
talvez obsessivos de uma sanidade mental  
que procura a todo o custo manter as distâncias  
entre o real e a realidade, quando isso é possível.  
Nem sempre é possível. Escrever o preto no branco  
foi uma necessidade, uma artimanha, um pouco  
de arte, um pouco de manha, uma terapia piedosa  
onde se procurava um equilíbrio e uma harmonia,  
mas hoje, sem me sentir curado, sinto que já  
nem a escrita me pode valer neste vale de nada.

Tanta coisa que se pode dizer sobre a vida,  
um leque infinito de casos e acontecimentos,  
e aqui estou eu como se diante de mim  
se perfilasse um deserto de sentimentos  
ou de sensações, um esquálido vazio agora  
que o tempo poderia ser de meditação  
ou mesmo de profunda contemplação do ido  
como memória de um tempo em passagem.

Não que não haja eventos e peripécias  
no dia a dia da rotina quotidiana, mas agora  
sinto que esses factos se recusam a ser  
linguagem para vir povoar textos ou livros  
que ninguém ousará perscrutar com olhos  
de ver, que ninguém se dará ao trabalho  
ou ao prazer de ler em horas sossegadas.  
É como se minha vida adivinhasse, depois  
de tantos anos de falhanço, que não terá  
leitores, e da inutilidade do gesto teimoso  
em querê-la fazer vibrar na frialdade triste  
de um livro fechado numa qualquer estante  
de um amigo a quem se enviou a oferta.  
Verdade que uma vida nunca poderia ser  
literatura, mas haveria sempre, mesmo  
se fictícia, a possibilidade de uma ilusão  
ou de um simulacro, que é o que se pode  
exigir à arte, seja ela poética ou qualquer  
outra. Que faço pois aqui? A resposta é  
simples. O mesmo que faço na vida: vivo.  
Não porque enquanto houver vida também  
haverá esperança. Mas porque enquanto  
viver não há morte. E assim terei que vir  
ver, através da língua, o que há ou não há  
dentro ou fora de mim, o que subsiste ainda  
como mundo nesta terra, o que me emunda  
do sarro dos dias, o que me aflige de dores,  
indiferente a qualquer existência de leitores.

Que dizer das rosas nessa platabanda construída  
este Inverno? Fico estupefacto perante a incapacidade  
de dizer, só me apetece contemplá-las como se nelas  
houvesse mais do que o facto de serem rosas  
e plantas, como se nelas a ideia de beleza, perdida  
nos anais da história estética, pudesse reaparecer,  
não para vir novamente exigir um *dever ser* jussivo,  
mas simplesmente para acompanhar a fruição sedosa  
de um olhar quase votivo, de uma manifestação  
de tal maneira humana que o humano se perderia  
na efusão de uma alegria sem exigências racionais.

Não é pois estúpido este sentimento de orgulho  
que quase aflora a consciência? Usei, mais uma vez,  
a catacrese, para o que não sei descrever. As rosas  
balançam ao vento na tarde onde o sol impera,  
já disse, não sei o que dizer, como pois continuar  
a escrever um porisma que contenha da contemplação  
das rosas a emoção desconhecida de uma quase  
nostalgia? Outra catacrese. A língua não me ajuda,  
talvez porque eu não me ajude mais a ser linguagem,  
talvez algo se tenha perdido entretanto, quero dizer,  
com o passar dos anos, talvez uma relação não seja  
mais possível, sabe-se lá porquê, quando a vida  
está cheia de porquês, como estará cheia de rosas.  
Só que as rosas são belas. Os porquês não são mais  
do que enigmáticos. Que homem contemporâneo  
estará à altura de um enigma? A Grécia está morta.  
Nenhum ocidente vive mais do que de acidentes,  
sobretudo de percurso, e foi tão pouco para o sonho  
que galvanizou tentativas de civilização humana.  
Rosas, ei-las, balouçando ao pouco vento da grande  
tarde de Primavera, essas formas e essas cores,  
essas pétalas que subitamente me fazem lembrar  
petalismos, uma condição humana, um sorriso já  
posterior ao da esfinge, um silêncio solar, a beleza  
surdindo surda de si mesma na eclosão do destino.

É quase com uma certa ingenuidade despropositada que me abeiro deste súbito precipício, escrever deixou de significar uma aventura, é antes agora uma calculada crueldade que me inflijo sem saber muito bem porquê, eu que sempre detestei qualquer espécie de masoquismo: estar aqui não me dá nenhum conforto nem me abre, como tentas vezes pensei, nenhuma porta, nem sequer é um hábito, é um dever que me obrigo a cumprir. Nada tenho a dizer e o dizer nada diz. Não, não se trata de nenhuma depressão, as depressões até se tratam, confesso que não sei o que estou a fazer neste lugar tornado com o tempo totalmente desconhecido ou estranho para a pessoa que hoje sou ou tento ser. Algo me diz: Pára já e apaga o que escreveste. Algo me diz: Tem a coragem de continuar o que começaste. Nesta quase dor argiva (nesta quase *algos*) oscilo sem saber que decisão tomar, indecidível como nunca o fui, paralisado pelo horror de um avanço prematuro ou pela cobardia de um recuo avassalador, esperando que o tempo que passa me ajude a resolver este problema, esta aporia, contente por ver que mesmo assim, ó paradoxo, o discurso avança sem que eu encontre uma saída, o poro, a passagem que me leve para outros horizontes do pensamento como da emoção perscrutadora. E a pergunta inóspita salta: Mas toda a relação que mantemos com a linguagem não será sempre assim? Ingénuo procuro não confundir o céptico desmembramento do scepticismo com razões desrazoáveis, que dever me obriga a ser portador de considerações extemporâneas, que masoquismo me cerca ainda de língua? A vida como é e passa não chega? Que confusão se instalou na eclosão do que outrora até perecia ser um feito da cultura?

Eu, que amo a música como mais ninguém,  
não posso dizer que não amo também este silêncio  
que avança pela tarde. Seria uma mentira.

É bom sentirmos com um outro verbo a vida ser  
vida e mansamente passar pelas irrigos  
horas dos dias, é bom compartilharmos o tempo  
com o silêncio das coisas em volta, a casa  
só não dorme porque não quero usar a estafada  
personificação, mas a casa transparece asa  
de um assombro, ser uma presença na presença  
que nos envolve como protecção benfazeja.  
Percorrer as dependências da casa, vidas vivem  
nestes recantos da harmonia, deixar a vista  
percorrer o que o ouvido não alcança, alcançar  
esse longe íntimo e ínfimo onde destinos  
coetâneos ousam merecer a sorte da contingência.

E depois regressar às janelas, à luz e ao sol  
das janelas, nelas perder-se o corpo no súbito  
calor que aquece a carne, nelas achar-se  
talvez um sonho, talvez partir, talvez ficar, vez  
de um tempo que não desliza como a tarde,  
um tempo sem horas nem horários, um tempo  
onde se perde a terra e o mundo, onde  
o próprio onde deixa de ser um lugar visível  
para se transformar no que de mais ser  
é um ser humano quando regressa ao nada.

Eu que escrevo este porisma não posso  
deixar de dizer quanto vai aqui de manifesta  
ilusão. Pedindo desde já desculpa, aos  
leitores incautos, da desmedida mistificação.

Não foi por mal. É como se a linguagem  
Exigisse, de quem a usa para outros fins que  
não a informação, um voo e um arroubo,  
a imaginação, o surto do imponderável indo  
até onde as asas ousarem um Ícaro veloz,  
a voz da miséria vingando-se do irrealizável.

E se for tudo mentira o que penso sobre mim  
 e o mundo? E se há um engano, mítico,  
 e eu me perco nesse engano? E se nada,  
 mas mesmo nada, corresponde a nada, e tudo  
 não passa de disparates que se dizem convictos  
 de que possuímos convicções? Sendo total  
 a liberdade. De quê? Desse mesmo *quê*,  
 se me faço compreender. Para dizer a verdade  
 eu, muito pessoalmente, não me faço  
 nem me fiz compreender com a maneira  
 como finalizei o raciocínio, se é que houve,  
 já agora, algum raciocínio, onde houve, já  
 agora, apenas algumas palavras. Isto é,  
 isto está feio! Nunca vi nada assim!  
 E confesso que não estou muito contente  
 com os resultados obtidos. Ora vejamos.  
 Se há um engano, e se nada corresponde  
 a nada, estamos perdidos. Ou achados.  
 Quero dizer, ou salvos. A vida não vai  
 deixar de ser vida pelo mero facto de eu  
 não saber pensar a vida. E logo, voraz,  
 a pergunta: O que é que isso tem a ver  
 comigo? Sinto que estou a cair, só ignoro  
 onde. É uma queda, uma queda lenta,  
 é uma escuridão. Nada disto faz sentido,  
 pois não? Não seria melhor abandonar  
 aqui mesmo este porisma, inalcançável,  
 diria uma qualquer pessoa de bom senso,  
 e passarmos a outra coisa? Concordo.  
 Destroço dele mesmo fica a boiar isento  
 como uma catástrofe neste livro, passo  
 de uma experiência falhada, testemunho  
 de uma tentativa gorada. Mas, inaudito  
 e inédito nos anais da história literária,  
 sem vergonha. A monstruosidade coeva  
 ou a deficiência também exige uma voz!

Espero como quem espera um acontecimento.

Tenho todo o tempo. Não estou atrasado nem estou adiantado, estou em pleno meio, contemporâneo de mim mesmo. O que vier será bem-vindo. O que acontecer será um acontecimento. Assim tão simples. Viver já foi mais difícil. A vida muito mais complicada.

Muito naturalmente, descubro que esperar é o que me está a acontecer. O que advém está sempre a advir. O que acontece está sempre a acontecer. Viver é viver. A tautologia faz parte do mais lídimo pensamento. É o pensar do pensamento. Espero pois sabendo até que ponto esperar é um acontecimento. Resta agora saber o que espero para que tudo se defina, se clarifique. Aí surge o problema.

O que acabei de escrever, sendo língua, não é pensamento. Ou, sendo pensamento, não será língua? Estou confuso. Poderá haver um não-haver? Ou, inversamente, poderá não haver um haver? Como sair do imbróglio?

O mesmo é dizer, desta língua? Que real haverá aí que me possa conceder apenas a realidade? Isto é, a relação com as coisas, em que a língua só valha pelo seu uso? Especulações escusadas escudam-se usadas em especulações, outros tantos espelhos espalhando o caos em infinitas reflexões. Não, devo dizer imediatamente, não espero nada da língua, senão o seu nada, e espero deveras que o pensamento não seja demasiado especioso. Especialmente agora que o texto parece estar quase acabado, embora digam da ilusão que é todo o acabamento. Eu não me importo nem com começos nem com fins, o que mais desejo é ficar sempre no meio!

Nada como uma dor de cabeça para se saber que se possui uma cabeça e se tem uma dor. Estúpida asserção! O que um homem não tem que escrever para escrever um livro porético! Que, com certeza, até já não o é! Porque tudo muda, mundo terrível das formas, das coisas, das vicissitudes, das circunstâncias. Precisarei de mais palavras para dizer o que, no fundo, não sei se quero ou desejo dizer? Pressinto a redundância que me rodeia incomensurável, vou deixar-me levar pela facilidade? Haverá mal? Quero dizer, estilístico? Afinal a cabeça e a sua dor não poderão justificar esta falha, esta complacência tão humana? Para quê, é só uma pergunta, escrever livros imaculados que não interessarão a ninguém, senão à baba da futura estética? E mesmo assim, e mesmo assim, com muitas dúvidas, já que a história literária tem muito que se lhe diga. É, muitas vezes, cega. Ou surda. Ou lenta. Ou injusta. Melhor mesmo é regressar à dor, da cabeça ou de outra parte qualquer do corpo. Tarde demais! Não me apetece chafurdar no algor de uma meditação acabrunhada onde o erro psicossomático seria esquartejado ao vivo. Que fazer então? Nada mais nos resta, caro Leitor, caríssima Leitora, que conversar. Eu comprehendo a impossibilidade, ninguém está aqui, nem sequer eu, que escrevo, mas fingir até já foi uma estética, vocês certamente que se lembram: o Leitor é um fingidor, finge tão completamente que lê no poema entrevisto o que o autor nunca escreveu, e etc. Façam o mesmo com este porisma, reescrevam-no onde ele falha, não movidos pelo desejo vil de perfeição, mas pelo desejo verbal de ser.

Os nomes que estes *bluesmen* têm! Quem agora me acompanha pela tarde adentro, pela tarde afora, chama-se Watermelon Slim, um branco que sabe do que toca e canta. *Up Close & Personal* é o nome do CD, para que um dia possam adquiri-lo, se forem curiosos, ou se tiverem alguma pachorra. Eu sinto-me, ao ouvi-lo, *elated*, enlevado. A maior parte das canções é a solo e são acústicas, vindas supostamente de um mítico Delta por onde eu passei quando passar foi um projecto de viagem. Louisiana e Mississippi não me são estranhos. Agora, encalhado em Sintra, não deixo de ouvir esses sons que me enchem de uma infância única e possivelmente a mais verdadeira, porque foi aquela que se escolheu como ponto de referência para uma ontologia de um tempo acmástico. Se o mundo me é estranho nada mais faço que reconhecer meu ser no *blues*, um facto deveras incompreensível e que foge de todo à inteligência que se procura ter das coisas e dos eventos. Não que não me disperse por outras paragens musicais, os horizontes são fantásticos, efusivos, em todos me perco como quem se procura, ou melhor, em todos me abismo na atenção de uma sucessão de sons que são iminências de vida, em todos levito como se o corpo fosse mais do que um espírito, mas a casa, o lar onde sempre regresso é esta música que agora ouço, o *blues* inaudito, ritmos viscerais onde respiro um nascimento como, com certeza, exercito um estertor fictício que me prepare para a morte que mais dia menos dia sobrevirá. Não ser uma guitarra para dar um som! Ser apenas um homem que tentou há muitos anos a música, em vão! Se as mãos não souberam ser instrumento, os ouvidos são o que são os sons!

Finjo que não sou quem sou para poder continuar a escrever o que os dias não me dizem, ou deveria antes dizer que finjo que sou quem sou para poder continuar a escrever o que do dia não me atinge? Vai tudo dar no mesmo. Quando se chega ao acme da língua e não se encontra nada, nem sequer o som de uma música que tanto se amou, mais vale deixar para o outro de mim a tarefa de continuar a fingir que escrever é uma possibilidade, e que isso, se não basta, já é bom dada a natureza das coisas. Coisa terrível ter-se que falar do que não se quer falar, quem me exige passar por aqui?, quem me obriga a sofrer este castigo?, esta inofismável solidão?, são as perguntas que já nem faço porque sei que não há ninguém aqui ou aí para responder, ou que não há muito simplesmente resposta. O texto finge-se texto para nenhuma leitura, cresce monstruosamente, vale a pena tanto denodo da sua parte? Faz-me pena! Faço-me pena. Poderia estar lá fora a passear, o sol convidativo, ainda ontem o prometi a mim mesmo, e em vez disso estou aqui fechado nesta abreviatura do ser, tentando mais uma vez a tentativa vivida como tentação, mas tentação de quê? Este quê foi e tem sido a minha perdição, fere-me no imo, quem existe aí para acreditar no que estou a dizer? Todos cínicos, todos petrificados em dissimulações ávidas, quem se preocupa com o semelhante? E haverá aqui um semelhante? É um outro problema. Não menos grave. Se fingir fosse ao menos uma atitude estética! Quem é quem explode ignorando se é pergunta ou se já responde implicitamente à cobardia de quem não tem coragem de passar por aqui. Este aqui há-de ser sempre uma incógnita. Um desconhecimento quase total apaga as palavras da língua deixando-a num descalabro sem memória. Quem ousará agora escrever a história deste presente tão dissidente?

Posso estar estirado na espreguiçadeira de lona,  
 junto à piscina de azuis líquidos, posso ser  
 um homem meditativo vendo as canas balouçando  
 em remoinhos inexplicáveis, posso sentir  
 a tarde tergiversando pelas horas que passam,  
 posso até pensar que sou num instante  
 feliz, só não posso dizer que estou em mim, só  
 não posso dizer que posso até certo ponto  
 mentir. Seria pedir demasiado de mim. Vivo  
 agora numa dimensão que me é totalmente  
 desconhecida, não me reconheço no que faço  
 ou digo, alguém se apossa da minha pele  
 e do meu corpo desvirtuando-me um qualquer  
 passado. É uma vingança do destino,  
 penso. Por ter vivido sempre o dia a dia, fora  
 ou longe de qualquer ideia que não  
 fosse o agora ou o instante. Não tenho amarras.  
 Não possuo memória. Leio os livros  
 que escrevi e reescrevo-me outra personagem  
 para a possibilidade de ter existido.  
 Gozei da história e agora não há história capaz  
 de me conter. Olho-me ao espelho  
 e descubro-me um súbito pai de mim mesmo,  
 encanecido. Mas onde está o jovem?  
 Morto. Desaparecido. Sem traço nessa areia  
 mitológica onde se contam fábulas  
 e peripécias. Posso estar estirado na cadeira  
 estarrecida, posso ver as andorinhas  
 voando por quanto é céu em dia de canícula,  
 posso ver a família atarefada nisto  
 ou naquilo, posso até parecer um homem vivo  
 meditando sobre a vida e a morte,  
 só não posso dizer que eu seja eu, que eu  
 possua uma espessura ontológica.  
 Poderei pois dizer, verdadeiramente, que posso  
 ser o que o ser me nega como poder?

A música de Wim Mertens não colide com o meu pensamento, antes pelo contrário, fá-lo espevitar-se quando as sensações das coisas do mundo o desviam capciosas para detalhes que não têm nenhuma importância.

A tarde vai no seu meio, mas as tardes são em Maio não só intensas como imensas, duram horas de um tempo intraduzível. Escrevo. Não é um segredo. Não é nada de novo. O novo não precisa deste nada para surgir inopinadamente no porisma, o novo é capaz até de ser uma ideia velha, ou completamente ultrapassada. Não acho. Quero dizer, não concordo, não quis dizer que me era difícil encontrar o novo. Embora a novidade seja sempre difícil de alcançar.

Encontra-se onde menos se espera. Não vale a pena grandes buscas ou procuras, o novo emerge como se nada fosse, é, aliás, um nada que se transforma em qualquer coisa, a tal inexistência que exige ser existência, como tantas vezes o disse. Nem sempre se dá pelo que é novo. Às vezes é preciso anos ou décadas para que a sua evidência seja evidente. O novo vive da velhice da mediocridade histórica. Expliquei-me mal. Só quando a mediocridade ressalta como velha ou morta é que se percebe mesmo ao lado, despercebido até então, como reserva, o novo. Daí o problema da contemporaneidade e do tempo. O novo nunca é contemporâneo de nada, é eterno.

Não sei se a música de Wim Mertens é nova ou velha. Mas está a ser pela tarde que passa contemporânea de mim, fazendo da apatia onde caíra um ápice de meditação.

Especado diante deste nada que tanto poderá ser  
 o tempo como o nada como o próprio ser,  
 espero que as palavras irrompam na consciência  
 para poderem irromper na escrita onde  
 balbucio uma existência em tudo periclitante.

Que me dirão de fundamental? Que nada  
 mais se funda na possibilidade de um pensamento,  
 que cada vez mais é o acaso que lidera  
 a sorte onde prospera uma vida incapaz de destino?

Que compreender é desvirtuar a ação  
 do que acontece, e que só acontece o quer que seja  
 quando se sente como presença a falta  
 de uma ausência vibrando palavras de outra língua?

Será isto um círculo? Onde estarei eu  
 agora? Este *onde* arde como uma antiga memória,  
 perdeu-se na história do ocidente, ocaso  
 não é só uma necessidade da interpretação óbvia,  
 é a saída, a passagem, a aragem no rosto  
 de quem perdeu o rasto quando se descobriu só,  
 sem passado nem futuro. Resta, a quem  
 deseja viver, viver o que resta do sol, o que resta  
 da língua, o que resta da vida. Demasiado  
 tarde para se fundar um lar, para se permanecer  
 como uma luz no ser. A viagem traduz-se  
 pela procura da passagem, avançar sempre passo  
 a passo e sempre em frente, em direcção  
 à abertura, à deiscência: a ciência só será futura  
 quando tiver descoberto o que a envolve:  
 o medo de se libertar na libertação dos homens  
 e das mulheres e das crianças que viajam  
 pelo planeta errante à procura de uma solaz cura.

Fico estupefacto ao ouvir o que me dizem  
 as palavras que surdem na consciência aturdida.

Tratou-se de uma revelação ou é simples  
 ideologia o que acaba de ser escrito? Incapaz  
 de responder não respondo pelo que é!

Dias assim tão desmedidos de presença (onde teria lido este verso?), dias assim tão despidos de qualquer sentido, dias apenas passando e passando por dias, como se fosse natural haver dias, como se fosse natural escrever o que se está a escrever nesta tarde quente de Junho. E depois? E depois um infinito depois colmata o tempo da vida colmatado já com o tempo da escrita, numa sucessão de depois mais ou menos infinitos, ou mesmo finitos, já que esta linguagem não tem um referente onde possa achar a verdade ou mesmo a verosimilhança. A referência ficou nessa tarde quente de Junho, que até existe, que é do dia de hoje, mas aquele «E depois?» veio e estragou tudo: um desastre ecológico! Sim, sim, do eco que se fez, das réplicas do som, de sons chocalhando em sons numa cacofonia um pouco abominável. A experiência tem destas coisas. Falhava-se muitas vezes uma tentativa de forma, há conteúdos incipientes que, por vezes, nunca chegam a encontrar os seus reais continentes, perdidos em tergiversações mais ou menos anódinas e prematuras. Mas se não se experimenta não se vai a lado nenhum, não se encontra a saída, a solução. Uma estética do problema, é sabido, preocupa-se e ocupa-se não só com a problematização da vida, como procura resolver na prática da sua acção verbal todos os percalços que enfrenta, sabendo que a diferença é nula entre escrever um porisma e viver uma vida.

Aturdido pelo simples facto de ser  
procuro concentrar-me na escrita,  
as palavras são pedras de um edifício,  
a sintaxe é um corredor que me leva  
a quartos predispostos a serem  
habitados pelos sentidos do corpo.  
Onde estou? Onde sou já nada soa  
a nada, quiseram que a canção fosse  
niilista, mas a canção traduz apenas  
as peripécias e os eventos da alegria  
que não se reconhece porque a língua  
sofreu mutações extraordinárias  
sem que ninguém desse por isso.  
Parece até que não se está a dizer  
nada. Mas este nada diz-se, existe,  
é, evolui, culmina, floresce, nasce,  
transparece em cada frase ou dito  
que se debita quando se procura  
um abrigo, um porto, uma porta.  
Mas não tenham ilusões. Não há  
mais um centro capaz de segurar  
o mundo com decisões ontológicas,  
e os centros de decisão espalhados  
pela terra não sabem o que decidir  
do mundo nem do planeta. Todos  
andam aturdidos e confusos, onde  
porém uma língua que os abra?, é  
a insidiosa pergunta que ousa saltar  
do anonimato para tornar este raro  
documento inexplicável à luz da razão  
moderna. Afinal de contas, a sorte  
que tenho, apesar de tudo, por poder  
vir até aqui, a este não-lugar, e aqui  
viver abertamente uma vida que nem  
o ocidente nem o oriente me deixariam  
ser na verdadeira acepção da palavra.

Não há música, não há silêncio, há a presença de quem sou como uma companhia que me faço neste abandono da tarde, e não sinto nenhuma solidão na luz que entra pela janela escancarada.

Há um céu azul abissal de distância, há a vida que nunca alcança um saber ou uma sabedoria, há deveres que se têm de cumprir, tarefas taras imperfeitas da ambiguidade e da indefinição, há já uma memória esparsa do haver incapaz porém de se constituir em história talvez porque não há uma língua nem quem saiba inventar um mundo. A companhia tem que bastar. O eco de um mim a mim eclodindo numa vibração tentacular, voz afogando-se na voz, vez culminando na vez, luz repercutindo-se na luz, impacto de um acto, mais do que energia e menos do que ilapso, leniente lapso de tempo, nascimento, vida e morte: cena terrestre de uma estranheza onde o conceito vai ser incapaz de advir uma mistificação da mente, da inteligência, do pensamento: companhia, ser e estar, ser e estar. Uma grande paz sobreveem, a tarde entardece tão epuloticamente que não é miragem ou um falso alarme o que se sente: soa este silêncio a uma música, sente-se a presença de quem se é, não como entidades diferenciadas e distintas, mas como a mesma coisa. Felicidade.

Há palavras que não remetem para nada, ou só para o nada que existe nelas ou no próprio mundo.

Há palavras que aspiram a ser felizes. Homens e mulheres habitamos um planeta desmesurado. Já se procurou uma medida. Não a acharam. Já se tentaram todas as artimanhas para se vencer o mal. Há quem o negue. Há quem o confirme. O sofrimento é planetário. Mas a companhia, vê se comprehedes, para ser verdadeira e eficaz, só poderá ser solitária como um dito paradoxal!

Chove como se não fosse possível em meados  
 de Junho. As trovoadas de Maio perderam  
 o tempo, como às vezes eu penso que perdi  
 um certo tempo de vida. É apenas uma sensação,  
 às vezes nem isso, uma sombra que passa  
 num deslize de nada onde os sentidos sentem  
 que houve algo onde nada poderia haver.  
 É certo, religioso ou não, o homem é um animal  
 metafísico. A realidade nunca lhe é o real,  
 o concreto, a objectividade, há sempre um mais  
 algures apontando para uma outra dimensão.  
 Às vezes sente-se à volta de nós uma presença,  
 há quem acredite que seja Deus, que sejam  
 Anjos, que sejam até os espíritos dos Mortos,  
 nada sei, mas não posso ignorar a presença.  
 É como uma humidade no ar sem que se preveja  
 chuva ou sol, é como se a atmosfera fosse  
 portadora de uma estranha fala incapaz de dizer  
 ou de se fazer ouvir, mas não de se fazer  
 sentir. É tão aborrecido estar a dar conta disto.  
 Nunca me vi com apetrechos místicos ou dado  
 a sensibilidades extra-sensoriais, mas vou  
 negar o que me acontece só para manter a fria  
 máscara de um racionalismo irrazoável?  
 Anunciaram, os filósofos, o fim da metafísica.  
 Para mim, pelos vistos, é o começo. Ando  
 sempre ao contrário. Nunca faço parte da moda  
 nem do modo de se conceber um mundo. Já  
 não falo da terra. Molhada como ela está dá-me  
 agora estranhos odores e esperadas rosas  
 na casa de campo onde tenho vivido o mês  
 de Junho com a minha mulher que está de férias.  
 Estou a passar por uma terrível ausência,  
 mas disso não desejo falar. Chega de tanta  
 dor escrita ao longo dos anos. Chegar-me-á  
 a presença que se faz sentir, e nela haverá paz?

Regresso a quem não regressa, mas é bom pensar uma frase paradoxal, sobretudo agora que o sol sulca a tarde de saltos luminosos, variações de tonalidades onde as nuvens jogam efeitos perspicazes, enquanto o vento sacode as copas das árvores e a música corresponde aos *blues* de “Philadelphia” Jerry Ricks no CD Deep In The Well, que é, no fundo, onde estou!

Não, não se trata da velha depressão que até se trata e tem tratamento, nem da melancolia que lambeu o ocidente, trata-se de fazer horas, esse lugar comum extraordinário que a língua averbou como se nada fosse: o nada também se faz com as horas que passam, embora pareça que tudo é sensação, coisa atrás de coisa, algo com que se preenche uma vida e até um destino.

Regresso como se fosse possível regressar, não é, é sempre em frente até um voltar atrás, mas às vezes não há coincidência entre o real e a língua que pretende dar conta do que está acontecendo. Acontece que estou perdido onde por acaso me encontro, estes encontros nem sempre são benéficos: tempo, disse-o, digo, quem me diz a mim que tenha acertado no veredicto? Não, não tenho medo do medo, nem destes *blues*, nem desta tarde, nem, já agora, das nuvens que passam voláteis e fofas e brancas com uma determinação inaudita, terei razão para ter medo do tempo? Fazer horas é a mesma coisa que envelhecer? Não haverá, em fazer, qualquer coisa que contradiz a degradação da senescência? Ou trata-se apenas de um problema linguístico? Regresso é que nunca há. Ninguém tem o poder de parar o tempo porque ninguém sabe o que é ser tempo para lá do corpo que se é ao passar.

Não poderei falar de alegria como falava outrora,  
 mas ver as palavras emergirem à superfície da água  
 é um prazer icástico, brando, como se um outro  
 homem me habitasse depois de tantos anos de jogo  
 da catacrese. É como se eu próprio não fosse mais  
 próprio nem fosse o mesmo, como se tivesse mudado  
 sem ter dado por isso, como se me tivessem tirado  
 ou arrancado de mim durante o sono para colocarem  
 no meu corpo um eu totalmente desconhecido: ido  
 que sou, quem sou agora neste silêncio embevecido?

É sempre como se, se me faço compreender. Eu  
 não me faço compreender, eu não se faz apreender,  
 é como se eu fosse finalmente um ele, logo, a bem  
 dizer, ninguém, um fantasma sem aquém nem além,  
 uma passagem sentiente subindo pelo tempo o fio  
 de uma vida talvez esquecida nas margens de um rio.

É como se as palavras que vejo surdir cantassem  
 uma estranha canção, ousassem alertar a consciência  
 para a fulgêncio do que vive e respira, incapazes  
 porém de arquitectarem uma história com princípio,  
 meio e fim. É como se a memória tão louvada agora  
 e sempre no ocidente não existisse, e só houvesse  
 instantes de fulgor seguindo outros instantes, plexo  
 calmo do que passa e passando nada deixa. É como  
 se a contradição não fosse mais paradoxal, um mal  
 assinalado em todos os livros bem pensantes, antes  
 coincidissem com uma sensibilidade recente e nova  
 querendo dar conta da complexidade do icónico real.

Ei-las que sobem à tona, as palavras, que estarão  
 agora a dizer? Talvez tudo, talvez nada. Sinto-me  
 subitamente um grande lago, penso-me uma forma,  
 que humanidade é esta que me afasta subitamente  
 do ser humano como tenho sido, coeso ou dividido?  
 Amálgama de língua e de vida deixo-me evaporar  
 até que a voz de alguém alcance o que aqui se diz:  
 o ar que se respira poderá ser sopro de alguma coisa?

Como o sol pálido desta manhã entro nesta coisa  
que ignoro com a alegria de saber de antemão  
que não vou encontrar nada, contente pelo passeio  
que me proponho pela natureza das palavras.

A inocência perdida, que a idade é muita, fico  
interdito, que caminho tomar, que passos deixar  
sobre esta terra incógnita? Ou devo permanecer  
pairando como o sol sem ousar uma pegada funda  
na substância dos dias, apenas roçando a pele  
do mundo e dos acontecimentos com a luz pérvia  
que projecto como um dado adquirido e fatal?

Mergulhar nas coisas já foi meu fito e minha perda,  
não ganhei nada com isso, nem sequer a legenda  
de um feito na contemporaneidade das estéticas  
que procuraram vincular ao tempo uma imagem  
capaz de história e da subsequente memória.

Nunca ninguém deu pela minha breve existência.  
Talvez porque o fluxo do que desejava ser coisa,  
parte do mundo, o inexistente, como lhe chamava,  
trouxessem uma violência ou uma monstruosidade  
que afastou o olhar de quem se habituara à forma,  
menos complexa e perplexa, da rotina e do saber  
testado pela convenção que fornece uma medida.  
O medo do impredizível, em certas comunidades,  
é mais forte que a curiosidade pelo que quer advir.  
Nem eu próprio sei, reflectindo bem, o que se fez  
ser de todo esse tumulto e de toda essa vivência,  
já que certas palavras vividas como dicotomias  
perderam elas próprias as propriedades vigentes  
em que vinham embrulhadas ao longo de séculos.

Não é pois por acaso que estou interdito. Relido  
o que ficou escrito, pergunto-me: estarei? O fim  
nunca é o começo. As palavras oriundas sabe-se  
lá de onde estão sempre a abrir passagens ágeis  
e sentidos onde menos se espera, dizer qualquer  
coisa tem que contar com a porosa contingência.

Dizer o sol, dizer o sol, e depois paro, aflito,  
 como se fosse surpreendido numa ingenuidade  
 a despropósito, ou então prestes a cometer  
 um crime. Ninguém pode dizer o sol, nem sequer  
 os poetas, para quê mais mistificações? Olho  
 da janela que não me dá o mundo, mas parte  
 de uma paisagem suburbana, os prédios acesos  
 pelo sol mortiço de uma manhã enclausurada  
 numa indefinição quase ontológica, vejo ao longe  
 sobre a serra verde um palácio solitário, cores  
 esbatidas por uma espécie de bruma incapaz  
 de incluir qualquer memória histórica ou outra.

Julho é sem dúvida mês, mas mês de quê?  
 Será que a pergunta é descabida? Será que  
 estar à janela já não faz mais sentido? E estar  
 em casa muito menos? Que se espera do homem  
 contemporâneo? Que seja apenas um produtor  
 e um consumidor de produtos? Nos países  
 do ocidente, é claro, que em vastas regiões  
 da terra, ou do globo, como se diz há vinte  
 ou trinta anos, nem sequer há a possibilidade  
 de se consumar qualquer tipo de consumo:  
 a pobreza é um facto indesmentível. Meu olhar  
 também não deixa de ser pobre. Não sei até  
 que ponto haverá uma relação de causa e efeito  
 entre estas pobrezas, mas o realismo do real  
 não me permite divagações fantasiosas: perdi,  
 ou nunca possuí, para ser mais exacto, o condão  
 de transfigurar o real, num toque de pura magia  
 em que as palavras apagariam a fealdade  
 e a estranheza do mundo para que pudesse  
 reaparecer em todo o seu esplendor a beleza,  
 a beleza que, dizem extasiados os poetas  
 sobrevidentes, dá um sentido à vida, à vida  
 de quem opreme os milhões e milhões de homens  
 e mulheres perdidos na ignomínia de existirem.

Às vezes penso que há idades para tudo.  
Até para escrever. Irrupções e fragmentos.  
Êxtases e ínstases. Experiências do ser.  
E depois, a partir de certa altura, nada mais  
nos resta que viver o que advém e chega  
no silêncio de um abandono resignado,  
como se a vida já não fosse mais a vida,  
como se o mundo não soubesse mais dizer  
ou sugerir ou ecoar uma língua audível  
capaz de se fazer escrita com a conivência  
que lhe prestamos em horas inaugurais.

O verdadeiro exílio não é viver longe  
da terra amada. Antes é perder o tempo  
em que aparentemente os outros habitam,  
antes é não reconhecer os sinais do fora  
que desfraldam às consciências saberes  
que nos são desconhecidos ou interditos.  
Ou que não nos interessam. Os senhores  
que governam o mundo não melhoraram  
as suas leis. E as leis nada têm que ver  
com a justiça. As democracias são hoje  
armadilhas para contentarem os escravos  
de ontem, tudo aparentemente mudou  
para que nada mudasse. E quem parece  
governar não é quem governa. O capital  
ordena. Tudo o mais anda à roda, títeres  
que não deixaram de ser seres humanos,  
e daí a tragédia: trabalhadores e patrões.  
Envelheci neste contexto. Que texto foi  
capaz de destruir tal ordem? Nenhum!  
Homens e mulheres continuam, sabe-se  
lá como, a procriarem-se segundo leis  
biológicas de que são sujeitos, a força  
da natureza será uma aliada inesperada  
do capital? Confuso com tais reflexões  
remeto-me ao silêncio, longe do mundo.

Planto pois roseiras para as ver plantadas,  
 ser jardineiro foi uma vocação antiga,  
 é agora um prazer ver as rosas de várias  
 cores subirem ao céu numa platabanda  
 por mim construída no Inverno passado.

Não vou sugerir que caio em êxtases  
 de uma sensibilidade melindrada, não  
 quero mesmo que se fique com a breve  
 impressão de uma baba estética perante  
 a beleza alcançada pelo acaso da natureza,  
 nada de excessos ou de arroubos, o raro  
 sublime vivido outrora não necessita mais  
 de mim nem possivelmente de sobreviver  
 se já estiver historicamente ultrapassado.

Mas é bom pressentir nas comissuras  
 dos lábios um esboço de sorriso, é bom  
 ousar sentir o corpo de maneira diferente,  
 isto é, onde não haja dor ou sofrimento,  
 é bom ser-se corpo para a alegria feliz  
 do que é, é bom sentir no olhar a visão  
 dessas rosas que balouçam à brisa suave  
 como acenos de mãos floridas augurando  
 uma vida de um profundo amor viável.  
 Enquanto o sol matinal realça as cores,  
 enquanto me aproximo num atrevimento  
 seduzido para cheirar odores existentes  
 ou inexistentes, tudo é grande surpresa,  
 até os espinhos que pontuam as hastes,  
 tudo aconteceu assim e agora nada mais  
 faço do que transcrever o facto sucedido  
 neste fim de semana passado na casa  
 do campo. Há quem diga, amigos, que  
 não me posso queixar da vida. Pelo facto  
 de possuir duas casas. Há quem diga que,  
 dada a miséria que grassa pelo mundo,  
 eu tenho a estrita obrigação de ser feliz.

Talvez porque seja manhã de um dia que vai ser quente, é um prazer sentir esta frescura quase primeva e prística nas palavras que surgem no porisma, como se fosse ainda possível existir começo onde só há tempo e duração. É bom o sentimento, é boa a emoção, sempre foi bom poder-se sentir o quer que seja, desde que não se trate da dor ou do sofrimento convulso que assola por vezes nosso corpo desprotegido ou nossa consciência carcomida pelo medo ou pelas aflições da preocupação. A vida continua afónica e impredizível, há quem pense ouvir sinais que dela eclodem como manifestações normais da existência, confesso que não tenho esse poder. As vozes que ouço são dos seres mais ou menos humanos que habitam o planeta, e para dizer a verdade nada dizem de novo: paz e guerra é a dicotomia, mas a guerra é o que prevalece abertamente ou, subterrânea, sob várias roupagens que às vezes são difíceis de detectar. Que sentido pois faz falar da manhã que agora perpassa pelas palavras que vou escrevendo, desta frescura que infelizmente não cura os males do mundo nem dos homens que não sabem viver um mundo porque são apenas filhos da terra incivilizada? Talvez nenhum sentido. Às vezes penso sinceramente que é um crime escrever o que quer que seja, ou deixar uma esperança que ninguém espera.

Outrora mergulhava no magma linguístico e emocional à procura de poemas, agora encontro-me numa situação em que tenho de levar à língua a substância do porisma, sem ter que nadar no nada da dispersão como tantas vezes o fiz pensando perder a vida quando o fito era alcançá-la e retê-la no instantâneo de uma fixação pensada poética ou verbal ou mesmo filosófica. Nunca, posso dizê-lo agora, retive a vida por um segundo que fosse, mas a ilusão trabalhava nesse sentido, de que conseguira dar do momento o momento, a totalidade de uma essência que hoje sei ter sido apenas mais uma ficção. Artefactos são artefactos, artifícios são artifícios. Neles perdemos realmente a nossa vida, ousando dar consistência à sucessão de tempos, pensando encontrar um homem no fluxo irremeável ou mesmo uma identidade capaz de nos confortar com uma história. Coisas aconteceram, factos passaram-se, acontecimentos tiveram lugar, tudo isso é verdade, nada disso é completamente verdadeiro. A língua não substitui o que foi ou é. Traduz apenas toscamente o dado visado ou ocorrido na esperança de fazer sentido dentro das suas regras. Não é o real. O real não tem regras nem funciona pois como um sistema que possa ser detectado. Nenhum presente traz em si o futuro. Só o presente passa por aquilo que não é: a ponte entre o passado e o futuro. Passar, porém, não deixa rastos. E se a passagem é porética é porque deixou marcas acesas no passado que se pensava presença futura.

Tarde toldada por uma digestão difícil, a cabeça não acerta com o real, antes procura a todo o custo devolver-me ao sono de uma sesta que pretendo evitar. Afinal o que é um homem? Afinal o que é a vontade? Bem, a vontade já não me prende a nenhuma escrita, nem acredito, sinceramente, que o escrito venha a ter importância na minha ou em qualquer outra vida. Por que não ser sensato e desistir desta empresa, escrever? Mas chega a senhora da limpeza, doméstica nos seus afazeres, nem sequer me posso deitar nesse sofá sublime que me permitiria, com a ajuda da música, atingir estados que, desvendando, não deixariam por isso de ser menos inefáveis. Estou pois preso à língua, sem saída nem remissão. É a minha sorte. Desde sempre. Aceitemos as circunstâncias. Que haverá a dizer e faça parte da história contemporânea?

Tanta coisa! Guerras que não deixam de ser guerras em orientes médios mediáticos, férias para muita gente nos países ricamente ocidentais, e uma profusão de coisas que nos são ocultas porque não têm interesse, dirá o chefe de redacção, de ser noticiadas pelos meios de comunicação, dada a sua banalidade: são aos milhares aqueles que morrem por isto ou por aquilo em mortes indevidas porque suas vidas não tiveram a sorte de pertencerem ao ocidente de onde eu escrevo.

Com tudo isto ocorrendo já não há mais lugar para a manifestação do ser nem para o cultivo da alma, o homem perdeu-se no seu humanismo, a humanidade não sabe onde se há-de encontrar. Ninguém é de ninguém uma imagem no espelho. E se há ainda especulação é só para se evidenciar argumentos a favor de interesses: o *outro* como conceito perdeu-se no amálgama das conquistas teóricas, ficaram os despojos das vítimas reais.

Mas não vou desaninar. Não vou ficar depressivo.

Conheço a doença como as minhas mãos, terei que cortá-las para me libertar do sofrimento? Não. Terei que sugerir a mim mesmo que esses homens que se matam não são homens, não são como eu?

Eu que fui tão dado ao ódio em épocas da vida mal vivida, eu que poderia ter destruído o mundo se tivesse tido a oportunidade de o fazer: a loucura também me viveu. Tive sorte. Curei-me, apesar de tudo, da doença social, que das outras ainda sofre suas garras como transposições do inconsciente.

Ou nem sequer, neles, se trata de ódio, uma emoção, mas apenas do cálculo político, da medida de forças, de jogos de poder (mas isso não é a outra face da loucura, talvez até a mais perigosa para o destino das nações?) Que sei eu daquilo que pensam que é o mundo? A humanidade? A história contemporânea?

Isolado neste escritório nem sequer posso dizer, como outrora o disse, que vivo o que escrevo: uma disjunção incomensurável, desumana, separa-me sem saber do quê e de onde a onde e como, sinto só um rompimento, uma clivagem, como se o mundo não fosse mais do que uma palavra, não chegasse a ser coisa, acontecimento. Como se a crueldade das guerras e de outros factos afins não pudesse ser possível depois de séculos de uma educação humanista numa civilização que prega aos ventos, com um orgulho desmedido, os direitos do homem, todas essas conquistas reduzidas a pó de desertos onde homens e mulheres não conseguem ainda ser ser humanos com alguns direitos, como o simples direito à vida. Como pois não desaninar? Se só resta a impotência quando resta alguma coisa, mais o sentido da injustiça que é a sorte de se estar vivo porque se vive ao lado dos privilegiados que muito possivelmente pensam que merecem a sorte que têm!

Onde pois a beleza do mundo? Em que rosa?  
Em que encontro? Em que mulher? Em que sol?

Só o esquecimento do mal, essa alienação,  
nos permite sentir que por vezes passa quase  
uma vibração epulótica por onde o nosso olhar  
alcança uma distância, não digo não à ilusão  
de que a terra é habitada de outras dimensões,  
não digo não à periferia do sonho desde que  
um real alívio possa ser sentido pelos sentidos.  
Afinal andamos todos a enganarmo-nos. Quem  
deseja a verdade diz-se filósofo, não se diz  
apaziguador ou enfermeiro ou curandeiro: paz  
é o que desejamos, sentirmo-nos bem na pele  
em que nascemos e vamos morrer, passando  
pelas metamorfoses do acaso e da história  
pessoal como colectiva. Este pôr-do-sol solta  
quem se é do que é a realidade e realiza em nós  
uma voz onde o silêncio se faz ouvir, encanto,  
maravilha, não há dor nem sofrimento, o corpo  
respira brandamente como se uma criança  
quisesse ainda habitar na nossa memória, ora  
indo ora vindo, refluxo de uma maré anímica,  
enquanto um sorriso dá profundidade ao tempo.  
Nunca é tarde demais para se ser vivo. Viver  
transforma qualquer ser num mosaico quente,  
quem não desejaría de estar presente diante  
de um mistério, quem não gostaria de ser  
mistério na ausência súbita do mundo, imo  
de um inesperado hino à terra, às coisas belas  
que acontecem quando menos se espera, eis  
a alegria e o contentamento, abraço dado,  
corrida por entre o verde do campo florido,  
as flores sentimentos que se acham depois  
de perdas e os odores emoções reaparecidas  
depois de quedas em abismos inconfessáveis.  
Confessemos-lo: a beleza tem que ser reinventada!

Escrevo na penumbra. É manhã. É talvez a primeira vez  
 que escrevo nesta casa, se a memória não me falha.  
 Agosto, e o calor faz-se sentir. Não me sinto numa Grécia  
 mítica, mas sei que algures o mito quer interferir invicto  
 com a realidade de hoje. Preciso de estar atento, de ter  
 muito cuidado. Muitos foram aqueles que caíram, felizes  
 de um oráculo ou de uma revelação, na armadilha metafísica.  
 Espero ter melhor sorte. Sou um homem do século XXI.  
 É, pelo menos, o que diz a história pessoal. Ou, para ser  
 mais preciso, já que muita da vida foi vivida, vivendo  
 agora no início do século XXI. Este *agora* não tem nada  
 que se lhe diga, por isso nada acrescentarei. Mas se não disser  
 mais nada, se não acrescentar uma palavra que seja ao ser  
 deste discurso, como poderei continuar a viver enquanto  
 manifestação verbal? Haverá vida no estético, ou só a ilusão  
 de que algo fica no que fica, neste caso nas palavras? Hum!,  
 suspeito que escorrego, ou escorregava para outra ratoeira,  
 todo o campo do ocidente está minado de luzes e de vozes  
 e de histórias, será possível uma nudez que seja só do corpo,  
 pois que até a nudez foi mitificada? Dizer traz em si o peso  
 de milhares de anos de uma experiência ctónica, só mesmo  
 uma linguagem performativa, do género, «vem para aqui,  
 leva-me contigo, não me abandones» poderá furtar-se ao zelo  
 do simbólico, e mesmo assim com muitas reservas. Sim, é  
 verdade, escrevo na penumbra porque faz tanto calor lá fora  
 que pretendo evitá-lo com este estratagema, consegui-lo-ei?  
 Os resultados dos últimos dias são irrigários. Os tectos altos  
 não são tão altos como nas velhas casas que conheci em Goa.  
 Melhor é mesmo abandonar a penumbra e enfrentar o sol.  
 Dentro da piscina, claro está. A água não me permitirá  
 nenhuma língua, nem a do corpo sulcando-a, mas outrora  
 já não comparei certa navegação com a linguagem porética?  
 Figuras de figuras, nada mais seremos do que linguagens  
 buscando uma humanidade perdida ou nunca alcançada?  
 Ou será que mesmo a humanidade é mais uma figura, face  
 de um tempo nunca havido e que, com certeza, nunca será!

Tanta coisa para se acabar com a caça nesta região,  
 acabou-se, e agora são as perdizes que, em vez  
 de se espalharem pelos sete mil metros quadrados  
 do terreno, ou escolherem outros locais nas fartas  
 redondezas, vêm justamente espojar-se na platabanda  
 que construí no Inverno passado para as roseiras.  
 A destruição é-me de tal maneira penosa que até  
 me apetece fazer renascer a expressão traduzida  
 do francês e utilizada pelo Sartre num dos seus livros:  
 estou com a morte na alma. Moral da história: Há  
 certos equilíbrios que são necessários. E não fico mais  
 feliz por chegar a essa conclusão. A vida contém  
 sempre uma componente de crueldade: essa morte  
 que é o alimento daqueles que pretendem sobreviver  
 a todo o custo e indiferentes a qualquer moral.  
 Já era tempo, para mim, de deixar de falar da vida  
 ou de a trazer para o palco das meditações sóbrias,  
 nunca soube nada sobre a vida, viver não cessa  
 de me espantar. Que posso fazer para afastar agora  
 as perdizes das minhas rosas? Nada. Compreendo  
 por que, de tanto chão em volta, elas escolham  
 ou tenham escolhido justamente aquilo que em inglês  
 eu chamava, com carinho, o meu *rose garden*?  
 Pode-se amar o que quer que seja? Não haverá  
 logo a corrupção, a malignidade, a arbitrariedade  
 do real? Eu estava deitado no sofá a ouvir um senhor  
 que por acaso até já morreu, John Campbell, foi logo  
 depois do almoço, há pouco, a última canção ainda  
 retinia aos meus ouvidos, *One Believer*, e depois  
 quando se fez silêncio comecei a ouvir um restolho  
 lá fora, será gente, gente não é certamente (brinco  
 com a súbita recordação), levanto-me e abro a porta:  
 ei-las, as perdizes, em debandada, tomando um voo  
 caótico em direcção ao sul, os buracos bem visíveis  
 na terra despida da casca de pinheiro. Poderei crer  
 que alguém possa aceitar a natureza da natureza?

Ter paciência, é o que me digo, ter paciência,  
 há coisas pior no mundo, fomes aviltadas,  
 guerras estarrecidas, sofrimentos desprezados,  
 que são algumas rosas danificadas ou feridas?

Entro para a penumbra do salão e ouço  
 um relógio de parede a tentar emparedar  
 o tempo, em vão, penso para comigo, mas  
 não deixa de ser uma estranha sonoridade  
 ecoando na passagem da tarde, o tempo  
 esvaindo-se em categorias do tempo, a tarde,  
 mas depois a noite, e depois a manhã, os dias  
 passando sem que eu possa passar nos dias.

Só a eternidade mo permitiria. Eu vou dia  
 a dia envelhecendo, o meu tempo não tem nada  
 que ver com o do relógio que está na parede.

Eu passeio uma vida entre o nascimento  
 e a futura morte, como se desse uma volta,  
 como se regressasse de onde vim: ao nada.

Sem a ajuda de uma mãe. Dizer-se *mother earth*,  
 só como imagem retórica, o planeta erra  
 pelos céus infinitos e não sabe muito bem  
 o que anda a fazer na confusão das galáxias.  
 O tempo do relógio, esse continua sem saber  
 como parar, mesmo que se avarie ou se perca  
 para sempre danificado no seu mistério:  
 a tecnologia ao serviço da flente metafísica.

É nesta descoincidência que se vive, uns  
 melhor do que outros, sem pensarem muito  
 no que é o tempo, outros escrevendo livros  
 e tratados à procura de desvendar o enigma.

De qualquer maneira, lendo esses livros  
 escritos ao longo dos séculos, ficamos quase  
 sempre com a impressão de que só disparates  
 foram ditos, pois cada época sendo cada homem,  
 e algumas mais do que um, diferentes sensibilidades  
 gizaram diferentes explicações para o ser do tempo.

Já há muito não me acontecia que efervescências de palavras explodissem em forma de forma nos mais diversos momentos do dia, quer na acção que se perpetra a qualquer momento, quer no descanso sobre um sofá durante o decurso da tarde ou mesmo na cama esperando que o sono advenha como um bálsamo para finalizar provisoriamente as vivências de mais um dia.

Não sei explicar tanta agitação da consciência em desejo e prazer formais, mas escrever assim, porque se trata de escrever sem qualquer suporte material, é um facto indesmentível.

A pergunta impõe-se: estarei ainda vivo? Mas logo pressinto que a sua formulação não tem razão de ser. Estou apenas a decalcar passos antigos. Não é a escrita, nem escrever, que me faz viver. Seria injusto para tudo o mais que faço em rotinas do quotidiano, e uma estúpida idealização, pensar que só o momento da escrita coincide com a ideia nobre da vida como vale a pena ser vida. O encontro do imenso com o intenso.

Já é tempo de ter juízo. Mas não deixa de ser agradável sentir novamente esse formigueiro verbal escalonando-se ao longo de linhas e de ritmos e de sonoridades expelindo sentidos ora visíveis ora obscuros, estranhas línguas que emergem sabe-se lá de onde, estranhos sinais sinalizando sabe-se lá que mundos inexistentes ou escondidos da língua que utilizamos todos os dias quando pretendemos comunicar com os outros o que há de comunicável nas relações humanas.

Claro, todos esses apogeus de textos outros se perdem sem testemunho na desmemória, o importante é a excitação da experiência vivida, arrumar cada palavra que surge num fundo que não existindo se confunde com o próprio tempo.

No apartamento, quando escrevo no escritório, tenho apenas a janela que me dá a serra e o seu vulto. Aqui, na casa de campo, tenho toda a profundidade do salão, mais de dez metros juncados de móveis onde posso poussar meus olhos quando fico cansado de os ter perdido na luz do monitor. Umas vezes deixo a música soar a sua ternura companheira, outras vezes, como agora, manhã, prefiro o silêncio a reverberar no silêncio em empatias do absoluto, embora confesse desde já que não comprehendo de todo o significado daquelas «empatias do absoluto».

Coisas que se dizem, ou que irrompem nos textos como se exigissem também um lugar ao sol, à vida, embora suspeite que se trata mais do piroso que paira como uma obsolescência na consciência desprevenida. Poderia, numa ablação funesta, cortar esses dejectos, mas acho que até a mediocridade tem um papel importante a desempenhar na urdidura da estética que venho inaugurando sucessivamente ao longo do tempo, isto é, da minha vida enquanto escrevedor. Uma estética da inclusão, não da exclusão, mesmo se coroada da imperfeição, e não do rigor da pureza. Mas estou em plena deriva. Não sabia o que queria escrever, o que este porisma iria ser, mas sei, isso posso garantir, que não era um tratado teórico explicitando meus passos na aventura languageira. Estou farto. Seria para mim muito mais interessante falar desta penumbra que procura evitar o calor que já faz e vai fazer com maior violência durante a tarde, e, talvez, porque mencionei algures o termo profundidade, penso que do salão, brincar, sério embora, empregando uma antítese, dizer que nada, mesmo nada, desta cena interior e doméstica, dá ou justifica tal sugestão. Às vezes basta passar-se de um plano para o outro para que o simbólico se introduza com todo o esplendor da mistificação!

É muito frequente, manhã cedo, ou no crepúsculo, ver passar alguns coelhos pelo terreiro da casa, para já não falar das cobras rateiras que infestam a região, e das perdizes que devem fazer os ninhos ao longo do terreno. Quanto à passarada, seria incapaz de dizer quais são as espécies que voam sobre a minha cabeça, reconhecendo apenas o pardal, as andorinhas, os melros, as rolas e o milhafre, este o nome que dou a qualquer coisa que se parece com uma águia em ponto pequeno. A *wildlife* é pois um facto a uns bons vinte e cinco quilómetros da capital do país. Se emprego o termo estrangeiro foi porque eu conheci a natureza nos Estados Unidos. Há quem me diga, embora eu seja céptico, que eu tenha vivido outras vidas em outras encarnações, e que justamente um desses sítios foi a América. Explicando aliás esta minha vida como uma parca peregrinação aos locais das vidas precedentes: Paris, Londres, América, Goa, etc. Eu ouço, faço de conta que há alguma plausibilidade na explicação, um sorriso ábдito no incomensurável da alma isenta.

Mas a verdade é que ainda outro dia, ao chegar a casa à noite e deparar com dois pequenos coelhos saltitando aflitos junto ao portão, senti num repelão como se estivesse a viver num desses estados ainda mais ou menos ecológicos dos Estados Unidos, senti que vivia por interposta experiência outra experiência e por interposto país um outro país, reconhecendo nesse sentimento ou nessa sensação a alegria de ser reconhecido, e, ao mesmo tempo, inexplicavelmente, de continuar vivo. Para ser honesto não vou agora especular sobre a natureza daquele «continuar».

Só posso dizer que não o tendo percebido como um significado unívoco, também não deslindei nele uma duplicidade de sentidos: mas algo de confuso coincidiu com aquele momento: uma fusão de visões.

A canícula continua, continuam os banhos na piscina, férias até certo ponto solitárias, pois minha mulher trabalha e só a vejo quando se despede para o trabalho com um beijo e quando dele regressa para passarmos a noite juntos. Todo o dia é esta companhia de mim comigo, fazendo isto ou aquilo, isto é, não fazendo nada.

Sempre leio livros mais que relidos, sempre ouço alguma música, como o estou a fazer agora, mesmo escrevendo, sempre vou ao supermercado comprar o que é necessário, às vezes mesmo ao apartamento, para ver se há correspondência ou *emails* importantes, mas a maior parte do tempo deito-me num destes dois sofás, que só não são míticos porque não pertencem a nenhuma narrativa nem a nenhuma epopeia, e faço de conta que passo pelas brasas, incapaz que sou de dormir, e por isso de uma sesta que seria essencial.

Em que penso? Em tantas coisas. Que uma vida foi vivida sem ter dado por isso (e o pensamento não é original, o que me agrada pela comunidade oferecida assim tão subitamente à humanidade onde tantas vezes me senti um estranho), que nada fiz de relevante, e já nem sequer me refiro a essa Obra das aspirações juvenis e canhestras, mas que nada fiz para mudar o mundo, o que é muito pior, que foi um erro estético falar tanto da vida quando dela nada se pode dizer, que deveria ater-me mais às coisas da realidade, quer na experiência existencial como no devaneio verbal, que perdi muito tempo e muita energia com fenómenos que explodiam em mim sem causa aparente, acenos de uma inexistência que buscavam a certeza do real e para isso precisavam da língua e de quem fosse até à fímbria do delírio etimológico ou do perigo catacrético para poder finalmente ver a luz do dia e da história. Não sei se o consegui. Acho que não. O silêncio cruel do redor ou a indiferença cultural só poderão querer dizer que as metas não foram atingidas. Foi pena.

Resta-me, com a idade, deitar-me nas águas da piscina e fazer-me do que sou, um mamífero, mesmo se não uma baleia ou um golfinho, cortando com o meu corpo o líquido nem tão morno como isso, no prazer célebre de flutuar ou de descer às profundezas abissais (dois metros, nada de exageros poéticos!), fazendo estranhos barulhos com uma voz que não é minha, uma voz saída da colisão entre a solidez do corpo e a liquidez da água, enquanto meus braços e minhas pernas se movimentam em movimentos ora coordenados de quem sabe nadar ora se deixando inertes suspender num balouço boiado. Enquanto o sol brilha e se reflecte em sucessivos ecos aquáticos de um azul benfazejo e molhado, ôndulas vão de encontro às paredes da piscina onde insectos jazem já mortos ou prestes a morrer. Este ano a epidemia são as vespas. Lançam-se sedentas sobre as águas e ficam presas na armadilha. Ainda procuro, quando as vejo aflitas tentarem sobreviver, tirá-las da superfície letal. Com uma mão côncava lanço-as para a borda segura e seca da piscina, sobreviverão? Confesso que nunca perdi tempo a ver se recuperavam do susto, novamente voando. Alguém me disse que perdia o meu tempo, pois mais tarde ou mais cedo viriam a ser atraídas pela água. Faz-se o que se pode, mesmo que pareça ridícula tanta preocupação. É quando me dizem, é a vida, e eu fico, sempre fiquei, remoído por dentro. Ou, as coisas são mesmo assim. Confesso que se estivesse em África, eu vendo, não haveria leão ou leoa que se aproximasse de uma gazela. Embora comprehenda racionalmente que nessa relação de caça não há poder. Só equilíbrio ecológico, uma cadeia em que os mais fracos são pasto dos mais fortes. Mas mesmo assim não é por acaso que evito esses programas sobre a natureza: a crueldade social em que vivemos neste planeta impôs-se-me de tal maneira que dificilmente consigo abstrair os factos da natureza dos acontecimentos da esfera da política.

Anos atrás estaria agora preocupado com o que poderia ainda escrever neste seguimento de textos, hoje sorrio e deixo que as coisas se resolvam por si, o quer que isso possa significar. A manhã, e é o recurso de sempre, passou a ser tarde, a hora chama-me clara e quente para um mergulho na piscina que foi limpa há pouco, dou-me mais alguns minutos para levantar este edifício de palavras. Um edifício vazio, oco, não terá que dizer nada, apenas um eco de outros edifícios, palavras remetendo-nos ou remetendo-se vivíssimas para outras palavras numa música inaudita e inolvidável, que mais esperar da escrita de hoje quando dizem que esperar é já um verbo que levanta algumas suspeitas?

Os tempos não estão para flostria. E se a poesia passa mal, a linguagem porética ainda pior, pois, pelos vistos, nem sequer existe. Não, o que atrai as vastas multidões passou para outros significantes (um maldoso diria logo, insignificantes, mas seria só um inefável sinal de inveja), que me coíbo de mencionar para não fazer propaganda ao que dela não necessita. Os pãezinhos quentes nunca precisaram de anúncios publicitários. O povo adora-os. Não sei se alguma vez o povo se interessou pelas palavras. E se não será mais uma ilusão pensar-se que poderá vir a interessar-se num futuro qualquer. Ler é uma chatice. Por mais que digam que não, ler é uma chatice. Talvez não os livros licenciosos, ditos hoje pornográficos, mas quando há filmes do género, vale a pena ler o que pode ser visto? Não é preciso ser-se um filósofo para se saber que à sociedade do espectáculo corresponde um mundo da facilidade. Sentir gozo nas palavras, nos sons de alguma música clássica, seja erudita ou popular, é para meia dúzia de pervertidos, só pelo facto de serem uma minoria, nada de confusões. Para alguma coisa a palavra elite existe. É porque essa realidade também existe. Tenhamos coragem, digo eu, em assumir o que é óbvio e ainda não é um crime.

Bocejando, abeiro-me deste nada na expectativa de o inundar com palavras, não sou tão optimista para poder falar de ideias ou de acções ou de coisas capazes de se organizarem na aparência de um mundo. Não é que com as palavras, às vezes, não se consiga transmitir uma emoção ou o acaso de um conceito, ou mesmo acontecimentos que ocorreram ou ocorrem na periferia ou no imo da vida, mas é preciso ter alguma sorte para se captar a verdade do que é.

E eu confesso, dados os falhanços ao longo dos anos na reprodução da verdade, deixei de me interessar com tão grande e sério objectivo. Não que me tenha virado, rancoroso e impotente, para a ficção melíflua onde a imaginação se sente à vontade para ser livre, que me interessaria uma liberdade que não tenha os seus pés assentes naquilo que se chama o real?

Contento-me pois com este pouco: tentar as palavras em acessos de linguagem onde por vezes excessos são cometidos como experiências que se fazem, provando que a linguagem porética é uma ciência a seu modo um pouco estranha e inaudita e recente. Nunca sei verdadeiramente o que procuro. Encontro por vezes o que não esperava, a perplexidade verbal apontando para inconcessos escaninhos ontológicos, como se houvesse ainda ser no que há de língua para se dizer ou escrever, como se fosse possível, apesar de todo o scepticismo e de todo o pessimismo que grassam no mundo dos homens e das mulheres, um insuspeito caminho, um chamamento, uma via, em total contradição com as guerras que despovoam as comunidades humanas, com a falta de justiça que prevalece nas cimeiras dos interesses fulcrais. Sabendo, de antemão, que de nada serve esta frágil empresa. Ninguém ousará ler o que o desejo rejeita. A sobrevivência é o maior crime da humanidade. Justifica o mal como uma necessidade vital: tu ou eu!

Depois de uma semana insuportável de calor, esta quase frescura, segunda-feira de manhã e já se desvaneceu o nevoeiro, ficou um sol e alguma brisa para que possa ver, a portada finalmente aberta, as canas balouçando junto à piscina que não posso divisar deste ponto do salão onde se encontra a secretária sólida. Comprei em Fontanelas, sábado passado, em segunda mão, dez livros, numa feira que fazem todos os anos por esta altura. Terei leitura, já agora, para o tempo de férias, vou já, devo dizê-lo, no segundo, em francês, uma história da filosofia ocidental. Quantas histórias não li da filosofia ocidental, de diversos autores? Como não tenho memória, poderia dizer que é sempre tudo de novo, mas não é verdade. Se não leio, não me lembro. Ao ler, é um *déjà vu* que me deixa um pouco desesperado: há alguma coisa a fazer? Não há. Por isso leio e releio quando tenho pachorra, mas o mesmo me acontece com os filmes que estão sempre a passar nos canais da televisão. Sei que os vi, mas não me lembro de nada. Apenas, por vezes, uma cena me desperta ou se desperta dentro de mim, sem razão especial, a menos que seja mau psicólogo e não possa ou queira reconhecer o sentido profundo de tal cena. Com as canas que balouçam junto à piscina não tenho desses problemas. Sei que são as mesmas canas dos dias anteriores, mas tudo é diferente: a brisa ou o vento que as faz balouçar, e o próprio movimento diante de mim quando me sento na espreguiçadeira. Não admira que passe horas a contemplá-las, a essas canas: são como pensamentos meus agitando-se no despertar que então alcançó.

Um interregno de três dias com aguaceiros e temperaturas mais baixas, e de repente Agosto, não deixando de ser o que é, transforma-se em algo de estranho, como se uma descoincidência se tivesse instalado, uma anormalidade da natureza, um clima que dá para pensar, embora não se chegue infelizmente a nenhuma conclusão depois de ponderados os sinais que se apresentam à consciência que procura reter do que acontece um traço capaz de dar conta do real. Fica-se apenas com a sensação de que um fim surgiu antes do tempo, mas o que significa tal asserção? Como se no meio de qualquer coisa emergisse súbito uma premonição, mas a tentativa de explicação é demasiado psicológica. Não é nada disso. Não consigo dizer o que sinto. Não faz mal. Quantas e quantas vezes, ao longo dos anos, me esforcei para ser preciso, para delimitar o problema ou o caso em questão, debalde? Quantas e quantas vezes não fiquei estarrecido perante um sentimento incapaz de ser traduzido em palavras, como um menino balbuciando inanidades inexpressivas, para já não dizer inexistências, pois que não acediam à língua? Vou-me culpar? Considerar-me um falhado? Não. A estética da imperfeição já recobre esses falhanços, comprehende não só a incompletude e o inacabado como também a incapacidade e a incompetência, é uma estética à medida do homem que não possui a técnica nem a arte nem o poder do excepcional artista que subsiste ainda nas amorfas contorções agónicas da contemporaneidade. Como se a mim, homem vulgar que sou, me coubesse apenas o direito de dizer a estranheza que vai pelo mundo, mas não o ensejo de explicitar o que deveras sinto, como se me estivesse vedado pensar, como se sentir fosse um pouco ser-se mais do que se é, uma excrescência que só é verdadeira com a conivência do pensamento.

Ah, mas por que não perder-me nas coisas, diluir-me nas coisas, extravasar-me no que acontece à volta, referindo-me declarativamente como se eu próprio fosse possível e tudo o mais nada mais fosse que um suporte para a manutenção da língua que deseja ser uma manifestação viva e, logo, linguagem? Por que não ser o que sou? Assim, como se nada fosse? Sem dar muita atenção às palavras, aos sentidos ocultos e desvelados das palavras, com a irresponsabilidade de quem sabe de antemão que nenhum crime será cometido pela manipulação da língua, desta ou de outra forma.

Que lógica poderá interferir com este momento? E que momento é este que mereça o esforço grave de qualquer lógica ou mesmo de qualquer sentido? Sentido é o que se sente. Que estou a sentir? Nada.

Que este ou esse nada possa surgir agora e aqui com a força e o esplendor de uma evidência, nada de truques, a simplicidade é exigida, dizer entre o frio da manhã e o horror do próprio dizer que tudo está bem, que tudo está mal, e que, no fundo, disse-se a mesma coisa, pois que nada mudou pelo facto de ter profanado a realidade com tal disparate! Disparo-me para mecanismos verbais como há muito não o fazia, pensava que estava mais calmo, que tinha envelhecido, que não cairia mais nesta armadilha, e de repetente, zás, ei-lo, zás, o que quer que seja, nem auge nem abismo, nada, uma impossibilidade de língua numa impossibilidade de mundo, e eu escrevendo e rindo-me nada apreensivo, como se soubesse desde sempre que dentro de mim não há dentro nem mim mas há qualquer coisa, talvez esse nada, talvez esta manhã, talvez este impulso, ou, contemporizando com a metafísica que detesto, esta luz, mesmo se do sol, esta vida, mesmo se vivida numa ignorância que desafia qualquer humano saber!

O que faço, durante horas e horas, junto à piscina?  
 Essas canas que resguardam o recinto não são míticas  
 e por isso não narram nenhuma história. Que faço,  
 sentado na espreguiçadeira, o olhar perdido na oscilação  
 rítmica dessa vegetação que dança bailados inefáveis?  
 Às vezes tenho um livro no regaço. Às vezes até leo.  
 Distraidamente. Mas a maior parte do tempo, talvez  
 distraidamente, meus olhos seguem aqueles requebros  
 de nenhum corpo de mulher, como se estivesse hipnotizado.  
 O que me vai pela cabeça? Tudo e nada. A consciência  
 parece que sempre foi a consciência de alguma coisa,  
 que coisas passam por mim? Cenas do passado? Algo  
 de muito parecido com pensamentos? Alguma coisa deve  
 acontecer no que acontece quando me perco no tempo  
 da contemplação. Sou, para todo os efeitos, um ser humano.  
 Não sou uma cana balançando ao sabor da brisa ou do vento,  
 tenho sentimentos, uma memória, mesmo se parca, não sou  
 por isso uma cana reflectindo-se nas águas azuis da piscina  
 reflectindo as outras canas do outro lado reflectindo-me.  
 Há gente que acredita em lugares cósmicos. Cada pessoa  
 teria o seu. Não acredito nem deixo de acreditar. A ser  
 verdade, será possível que o meu é junto à piscina, frente  
 às canas que baloiçam como se acenando estranhos  
 acenos que não sou capaz de interpretar ou de entender?  
 Poderei dizer que ganho alguma coisa com essas horas  
 perdidas? Que um sentimento de paz me invade, ou então  
 que uma transcendência me alaga abrindo-me horizontes  
 perceptivos capazes de me darem uma visão da existência  
 como nunca alcancei? Não. E no entanto... Há, em estar  
 diante daquelas canas em movimento ou imóveis, um certo  
 fascínio, como se, não compreendendo o que é o tempo,  
 eu pudesse, de certa maneira, vivê-lo como um espaço  
 material, como se, e espero que o disparate não seja fatal,  
 eu estivesse já a viver a minha morte, ou, se quiserem,  
 a morrer a minha vida, de uma maneira talvez consciente  
 ou inconsciente, mas certamente física e até ao corpo.

Estase. Um nevoeiro espesso abateu-se sobre a colina mínima, silêncio, nem pássaros nem coelhos fugindo no alvor da manhã, apenas esta aparência da realidade de uma paragem, como se o tempo deixasse de ser, como se o ser pudesse agora ser descrito, fotografado, escrito neste espaço medular, estático, inexpressivo. Mas um homem anda de cá para lá, estando imerso nessa atmosfera feérica e esbranquiçada tem tarefas para cumprir, plantas para regar. Pode-se pois dizer que seus passos sobre as lajes junto à piscina são quase uma profanação do silêncio que não se fazia ouvir? Esse homem, que sou eu, olha mesmo para o toldado céu sem temor, divisa um sol perfeitamente habitável, um disco incapaz de ferir ou cegar os olhos, uma lua quase, mas incapaz de transmitir um qualquer romântico luar. Acabadas as tarefas, o homem abre a torneira de uma mangueira que, entre muitas coisas para que serve, também alimenta o volume da água da piscina. A água cai em jacto na superfície líquida com o ruído que todos conhecem, água batendo em água, e agora o momento é excepcional. Sentado na espreguiçadeira esse homem (que sou eu, não se esqueçam, peço) fica extático no silêncio circundante da manhã enevoada a ouvir e a ver e talvez, se não for um grande abuso da minha parte, a sentir o tempo que passa na água que corre e cai para a água morna formando enciclias que se expandem em sucessivas circularidades até que a ondulação breve desapareça no lugar comum da superfície das águas. Não, não vou dizer, poético como não sou, que a minha vida tem sido enciclias após enciclias. Não é pelo facto de gostar de sentir essa água caindo na água e dos seus efeitos, e sentir é já um verbo discutível, porque na realidade se trata apenas de ouvir e de ver, que vou extrapolar num gesto simbólico para a minha vida o que nada tem a ver com a sua experiência: viver arrasa qualquer analogia.

Quando agora desço estes sete mil metros quadrados até ao fim do terreno, por mais desprendido que diga que estou ou que procure estar, sinto sempre a tristeza por ver que não fui capaz de dominar a natureza: tanto trabalho à força de braços e de canseira, parecia quase um homem antigo, mas os resultados estão à vista: nada do que idealizei se concretizou. Ou por falta de dinheiro, ou por desorganização, ou por ter dividido de tal forma o terreno que agora nenhuma máquina consegue vir limpar o que muito naturalmente a natureza oferece quando se conduz como terra que é, longe da presença do homem. Eu estive sempre perto, mas a natureza foi e é mais forte do que eu. Enchi o espaço de vegetação, árvores disto e daquilo, canas a protegê-las do vento, agora tenho toda a bicharada a conspurcar-me o chão com dejectos, como se o paraíso deles fosse, no fundo, o meu inferno ou o meu sarilho. Engraçado, porque, e é sempre assim, os males de uns são percebidos muitas vezes como um bem. Quando, por acaso, alguém vem resolver um problema relacionado com a casa, operário de uma qualquer profissão, nos cinco minutos da fugaz contemplação do redor, acaba sempre por dizer: «Que espectáculo! Aqui até dá gosto viver!» Não posso dizer que fico orgulhoso. Não fui eu que fiz a paisagem. Não fui eu, tão-pouco, quem degradou os espaços urbanos onde muitas dessas pessoas moram. A minha política é e sempre foi a da fuga para muito longe da insanidade política das sociedades contemporâneas. Porque pude. Por que razão me afogo em música? Ou nisto? Nisto, quero dizer, na escrita. Não é uma fuga? Alguns dirão que é uma forma de sabedoria, eu posso retorquir: é uma cobardia. Mas quem não soube resolver, como eu não soube, os problemas deste terreno, que poderia fazer para resolver os problemas da região, de um país, de um continente, do mundo? Demasiada bicharada, é o que penso, mas não teremos todos o direito à vida?

O sol, numa boa linguagem poética, incendiou o céu,  
foi-se a neblina matinal, que virá de mais um dia?  
Impossível a resposta para quem não é adivinho.  
Nada pois como viver mais um dia, esperando dia  
a dia que algo aconteça e modifique de vez a vida.

Já foi tempo de pensar assim. Uma estupidez.

Só quem se sente mal quer a mudança. Sinto-me  
mal? Não. Sinto-me bem? Seria incapaz de responder.

Sinto-me sem me sentir, o que não é nada mau.

Até é mesmo capaz de ser isto o que se chama  
de sentir-se bem. Olho pela portada e vejo, não  
o sol, mas a presença do sol nas canas esvoaçando,  
é toda uma alegria e leveza do olhar, ou melhor,  
da realidade das canas, ou melhor, da minha realidade.

Não vou dizer, a vida poderia ser sempre assim.

Seria uma chatice. Mas o sentimento da vida, esse,  
poderia ser sempre mais ou menos assim, neste  
ou outro cenário, nesta ou noutra situação. Não  
haver dor, que bom! Não haver sofrimento! Há  
quem diga: mas também não haveria depois prazer.  
Eu digo, muito baixinho, para que todos me ouçam:  
este sentimento de alegria é um prazer. É música  
aos meus olhos e aos meus ouvidos, e falo como se  
de repente até não tivesse corpo, ou como se, se  
fosse possível, não estivesse num corpo, ou como  
se eu não fosse eu, nem uma outra pessoa.

É como se fosse a alegria a fazer-se prazer por  
interposta língua, e eu fosse de súbito essa língua  
que soa na imponderabilidade desta percepção:  
um bem-estar que dura no tempo e ocupa espaço.

Por que sou dado a estes derrames da sensação  
que só contradizem as ideologias que por vezes  
emergem na minha consciência como se fossem  
minhas e tivessem o direito de pertencer ao mundo?

Não é de hoje que vivo na contradição. Aceito-a  
como um presente do presente, dividido em ninguém.

O dia nasceu desesperado, não só imbuído de neblina  
como também percorrido por um vento frio. Saí,  
senti o arrepi no corpo, e entrei. Minha intenção era  
regar as roseiras e o relvado. O que realmente fiz  
foi buscar um CD de Arvo Pärt, chamado *Tabula Rasa*,  
e pôr-me a ouvi-lo enquanto lia o segundo capítulo  
de um livro de Robert Scholes, *Protocolos de Leitura*,  
traduzido e comprado em segunda mão outro dia,  
um sábado, numa pequena feira no largo de Fontanelas.  
Imerso no passado recente deitava olhos para fora  
através da portada, do sol nada, da minha vida o prazer  
inauditado de uma suspensão sulcada de sons férteis  
e de informações intelectualizadas, embora o livro nada  
mais fosse que um relembrar dos problemas inúteis  
que assolavam os anos oitenta. Vivia e ensinava então  
na California, li milhares de livros, tirei centenas  
de cópias, hoje perdidas nas arrecadações húmidas  
de apartamentos que nem sabem ser construídos.  
De que me serviram, de que valeu? Ao menos a música  
abre uma certa perspectiva de ser, deixa-nos sempre  
em estado de transcendência na imanência dolorosa  
que nos cabe, fica sempre como uma impressão  
ou uma memória de um momento excepcional vivido  
entre dois tempos desconhecidos: o real e o irreal.  
Dos livros, nada. Como nesta fria manhã, do sol, nada.  
As palavras comunicam, exigem uma interpretação,  
uma compreensão. A música faz-se ouvir como a água  
da piscina se faz ver quando para ela lanço o olhar.  
Não preciso de compreender a água, a música, o sol.  
Que estupidez, ter dito, o dia nasceu desesperado.  
Não há desespero nem no dia nem em mim, só há  
o nevoeiro que persiste como marca registada  
destes últimos dias nesta região costeira, mais o frio  
indecoroso e extravagante que foge de todo ao ser  
da estação. Mas logo mais haverá um sol e um calor  
para que possa, feliz, dar um mergulho na piscina.

Mas a verdade é que são onze horas e nada. Começo a ficar preocupado. Já não há música que me salve nem livro que me entretenha. O que há então? Há o simples facto de estar aqui a escrever e a dizer o que estou a dizer, mas isto é vida? Não quis fazer uma pergunta metafísica. Pelo contrário, a pergunta vinha tingida de toda uma banalidade. Nada, espero, de grandes arquitecturas especulativas, por lá passei e dei-me mal. Ou nem sequer me dei, se me faço compreender. Com certeza não me faço. Não importa. Não vou ser explícito para poder ser completamente compreendido. Ou vou? Tempo para decisões. Não, o leitor tem que ser inteligente, é o mínimo, penso eu, que se pode exigir. Que me interessaria a mim ser lido por milhões de leitores que realmente não estariam a ler o que escrevi, só imbuídos, sabe-se lá porquê ou como, de uma sedução mítica? De um engano hermenêutico? Antes a solidão. Que é agora. Se não fosse mentira. Verdade que estou sozinho em casa, verdade que o sol ainda não apareceu e são já onze horas e onze minutos, é tudo verdade, mas é relevante essa verdade? Mexe com alguma coisa? Há verdades inúteis. A tentação veio quase de repente de me perguntar se eu não seria também um inútil, mas não caio mais nessas ratoeiras retóricas. Foi tempo. Tudo é tempo, tudo é espaço, tudo é ser e não-ser, concordo, mas estou um pouco cansado: é que não se pode viver na eclosão insciente de generalidades. O que me preocupa está, ou não está, bem à vista, é o sol que não sai para a transparência da manhã. Sem sol, é já do conhecimento comum, estarei perdido.

Haveria pois, apesar de tudo, até da denegação,  
 uma razão obscura para aquele desesperado  
 atribuído ao dia no porisma precedente? Sei mais  
 do que realmente sei, pergunta que plagio e reitero?

Ou só há, como traço característico do ser  
 humano que sou, esta impaciência, esta falta  
 de calma, este pânico quando as coisas não correm  
 como deveriam correr? Onde está a sabedoria  
 da velhice? O sorriso dos lábios de quem sabe mais  
 do mundo do que o próprio mundo na sua confusão  
 e na sua insensatez? Que sei eu de mim,  
 que nada sei? Ou que saber é este, talvez  
 ctónico, talvez profundo, que não me ajuda  
 em nada na vida, que não me resolve os problemas  
 a resolver? Olho para o relógio e penso: hoje  
 não está a acontecer como ontem. Mas isso,  
 reflectindo com calma, não é normal? Porquê,  
 pois, esta ansiedade, que colapso, que queda, que fim  
 nos arredores de uma alma em que nem sequer  
 se acredita em momentos de maior racionalidade?

Nada mudou e tudo mudou. Serei eu? Algo  
 em mim? Algum produto químico faltando  
 ou a mais? Não, não estou a sofrer, isto não é  
 ainda dor, mas já não é prazer, ou a alegria de estar  
 a escrever um texto que me preenchesse o dia  
 com a sensação de que tinha feito alguma coisa.  
 Não, não estou perdido. Com ou sem sol, viverei.

Que se lixe o sol, se não conseguir furar  
 o espesso nevoeiro que paira como uma nódoa  
 ou mesmo uma escusada antecipação indevida  
 de uma catástrofe. Não vou sucumbir à sua falta.  
 Sou um homem. Sou um homem. Sou um homem.

Vou lavar-me e vestir-me. Preparar-me  
 para o dia, para a tarde. Deitado num dos sofás  
 lerei um dos livros que juncam as mesinhas  
 do salão enquanto a música me cobrirá de tempo.

Agosto agudiza-se em devaneios extemporâneos,  
 como se não quisesse ser mais mês, indiferente  
 à ideia que as pessoas possam fazer do que deveria  
 ser. Ou porque talvez ache que já é tempo de dar  
 lugar a Setembro, não se importando de não cumprir  
 com o seu dever: assumir, infalivelmente, os trinta  
 e um dias que lhe cabe, e de que é tributário.

Estou triste? Não nego que ao sol mortiço que faz  
 preferiria uma fornalha ardente que me abrisse  
 o corpo em disposições de água, não nego também  
 que um azul do céu é muito mais edificante que ver  
 este branco sujo esfarrapando-se em intermitências  
 que não levam a nada. E depois o vento deliberado  
 não é uma concomitância da consciência, real  
 como é infesta as paragens trazendo a sensação de frio  
 a uma estação que deveria ser traduzida pelo calor.

Sempre soube que havia más traduções. Para não  
 dizer que todas as traduções são más, embora, muito  
 compreensivelmente, se tenha de viver com elas.

Não é um problema. O problema é que as férias  
 passam sem corroborarem a sua etimologia: onde  
 a festa que deveria haver? Verdade que houve já  
 o aniversário da pessoa amada, não o posso olvidar  
 neste preciso momento de reflexão, mas o mês  
 não se limita a um só dia. Um dia, um amigo,  
 por brincadeira, ou talvez não, fazendo-me solícito  
 o horóscopo, avisou-me: cuidado com tal astro  
 (não me recordo de todo qual seria), vai trazer-te  
 muita privação. Que sei eu do destino ou mesmo  
 se o há ou não? Que sei eu do que possuo ou deveria  
 possuir? Sei que há muito tempo, para não dizer  
 nunca, não aspergia um texto com tantos «deveria».

Haverá aqui, ou nisso, uma significação oculta?

Ou trata-se simplesmente do acaso? Por acaso  
 este Agosto já trouxe uma semana quentíssima,  
 e com certeza só por acaso esta semana adveio fria.

Deixo pois que Benjamin Britten em peças cujo nome ignoro, porque o CD pirateado há já alguns anos não as menciona, invada a manhã e o salão aberto até onde a luz se faz visão dos objectos que existem espalhados numa ordem que até faz sentido.

Quero dizer, houve sem dúvida uma mão humana na disposição dos móveis, no sentido de uma prática da convivência, embora não possa dizer se na disposição há qualquer espécie de harmonia. Há-a na música que estou precisamente agora a ouvir, violoncelos e violinos transcendem-se numa deiscência que me incorpora, todo eu sou vibratilidade, corpo sensível sentindo o sulco da sonoridade como se houvesse um hiato em mim, como se subisse e descesse e entrasse e saísse numa fenda onde o mundo se identificaria com a presença feliz de uma alegria que geralmente nos está vedada.

Disparates. Sigo, sigo, mas não passo a passo, antes impulso a impulso, como se em frente não houvesse possibilidade de voltar atrás. Mas já a peça é outra, um coro. Quando os ouço fico sempre com a sensação de que são crianças que cantam, outrora diriam anjos quando a ideologia estética o permitia e ousava, ou então são mulheres, cantos religiosos pelo latim que comprehendo, enfim, as peças devem ser minúsculas porque mudam muito rapidamente e eu confesso que não estou com pachorra para dar um relato impressionista do que está a acontecer. É música o que estou a ouvir, será música o que estou a ser? Isso é que seria bom! Não, eu escrevo como se tudo fosse, desfazendo ao mesmo tempo o truísmo a que a língua nos habituou culturalmente.

Ganhou alguma coisa o mundo com isso? Nada. Ganhei alguma coisa com isso? Bem, pelo menos não segui um trilho já pisado, o que não deixa de ser desejável em tempos de ávida massificação.

Há muito da minha consciência que por deliberação  
estética não atinge a forma de um porisma.  
Muito do que penso ou sinto guardo-o para mim.  
Há quem pense que as palavras ajudam a clarificar  
as ideias e os sentimentos, e que só escrevendo  
se descobre o que quer aparecer à consciência.  
Não preciso de escrever para pensar ou para sentir.  
Se escrevo é para trazer à consciência, através  
do tactear da língua, o que não posso nem sei pensar  
nem sentir, essa parte de mim que me é fora  
ou mundo, isso que pretende vir à tona por interposta  
pessoa e cujo veículo me faço num desfibrar  
agónico de sentidos relutantes em serem sentidos  
ou advirem significados no mundo desvendado.  
Muitas vezes disse: o inexistente exige existência.  
Não sei até que ponto isso não foi um crime  
ou uma inóspita violência. Para quê trazer ser  
ao que todos os dias é desbaratado como comércio  
ou apenas razão de uma tecnologia capitalista?  
Porque em mim havia, bem no fundo, a ideia infeliz  
de progresso. De que assim estaria a avançar,  
mas avançar para onde? A história literária está  
cheia de aberrações. E de histórias muito mal  
contadas. De interesses da última hora que é sempre  
a contemporaneidade que julga o passado. Não  
é génio quem quer. Mas quem convém ao sistema  
de valores que rege uma certa época. Melhor  
tivesse ficado na mediocridade dos dias pensando  
na felicidade que deve ser por se ser medíocre.  
Não haveria ao menos uma clivagem, uma ferida  
entre a realidade do mundo e a presença do eu.  
Para o que me deu! Dar, no nosso tempo, ao mundo,  
novos mundos, embora em termos completamente  
irreconhecíveis. Não há gestos repetíveis. Gestos há  
que do mundo nunca serão reconhecidos: ser é  
um mistério que dura sem que ninguém dê conta.

Ou deveria dizer: ser é uma evidência que dura sem que ninguém dê conta? Quando se trata de falar do ser, porque justamente não se pode falar nisso, fico sempre atrapalhado. É como se tentasse falar uma língua estrangeira. E não é? Melhor sair desse charco, melhor ouvir o redor, o vento que zurze e zumbe este dia de Verão, embora não seja agradável a sensação de quase abandono com que se fica. Ninguém por aqui. O mundo cheio de biliões de pessoas, e ninguém por aqui. Este isolamento provisório é sinónimo de solidão? Espero que não. Nada como a rima para uma pessoa animar, eis o segredo secreto das canções, repetir os sons em certos refrões, a ansiedade transformando-se em esperança, de que algo vai acontecer, se vai repetir, e tanta certeza, não podendo ser filosófica, é popular.

É por isso que se vendem milhões de discos: «dá-me a ilusão de que se domina o tempo, isso, é isso o que eu quero», diz quem ouve em êxtase as rimas caindo como se puxando para a frente o tempo, como se fosse impossível entretanto sobrevir a morte, essa inefável máscara muda. Não, ela não canta, a morte, parece que dança ou dançava em rituais antigos, mas isso agora importa? Importa, muito seriamente, abandonar este porisma o mais depressa possível, a fadiga, se não é um traço estilístico, deveria também constar nas possibilidades retóricas. Penso eu que Valéry, num gesto surpreendentemente antimetafísico e pouco simbolista, falou nisso, a propósito de como se acabavam os poemas, mas quem se importa hoje com Valéry? Eu. Que não sou simbolista, e detesto essa estética. «A ironia do destino. As voltas que o mundo dá.» Os preconceitos que ainda subsistem!

Será possível que ainda seja possível este desejo  
de escrita, ou já não se trata de desejo? Trata-se  
então de quê? De um compromisso? De uma obrigação?  
Mas como explicá-la se ninguém espera a conclusão  
deste ou de qualquer outro livro que eu escreva?  
Terei que reformular a pergunta? Que estou aqui  
a fazer? Posso dizer, verdadeiramente, que colho,  
qual adolescente imberbe, um prazer neste alinhavar  
de palavras? Que procuro um momento muito especial?  
Fora da rotina, longe das multidões, longe de mim,  
frente a frente com o mistério vital da existência?  
Não seria uma mentira se respondesse que sim?  
Que faço pois aqui? Não sei. E não sei engendrar  
um discurso capaz de justificar a minha presença  
nesta estúpida ausência, porque estar aqui é,  
bem vistas as coisas, não estar, como se a morte  
não tivesse lugar, e como se toda a escrita fosse,  
em última análise, a fala de uma morte vivida  
nos meandros inefáveis do tempo concomitante.  
Sei apenas que a expressão falha onde falho, sei  
o gozo desse falhanço, um sucesso extraordinário.  
Palavra após palavra a sucessão faz-se, faz-me,  
será por isso que venho... não quero mais dizer  
aqui, mas onde um espaço se funde e confunde  
com um tempo, e onde, de repente, mas também  
muito lentamente, começa a aparecer uma figura  
humana, daquelas que não existem nem no mundo  
nem na terra, alguém respirando como se tivesse  
acabado de nascer, nem homem nem mulher, só  
humano como a humanidade concreta e histórica  
nunca soube sonhar que fosse possível ou mesmo,  
desejável. Quanto dura em quem sou? O lapso raro  
de um segundo, de uma fascinação. Porém, tudo  
isto pode ser só ilusão. Até a alegria conspícuia  
que depois me dança nos lábios como se alguém  
tivesse descoberto que um dia poderá vir a ser.

Vento, vento, e nem o sol apazigua nesta manhã  
ainda um pouco fria. A nortada é uma maneira de ser.

Já deveria sabê-lo. Tantas coisas para fazer, até  
uma viagem ao norte, e eu aqui, não a ganhar tempo,  
mas a ganhar livro, se não for demasiadamente  
arrojada a imagem. Tenho prazos como qualquer  
um trabalhador. E o tempo voa. É o que dizem.

Quando não se tem nada a dizer, preencher a página  
ou o livro com o que os outros dizem, opiniões  
e convicções e pareceres não faltam, as pessoas  
não vivem neste mundo em vão, têm um peso  
e uma medida, só não escrevem porque nada há  
a ganhar com isso, a concorrência desenfreada.  
Vento, vento, diria uma voz que dissesse, e sinto  
que estou a caricaturar alguém, só não sei quem  
é esse alguém, serei eu? Já não digo nada! Quero  
dizer, vou continuar este porisma, mas se utilizei  
aquela expressão coloquial foi para ser unicamente  
coloquial. Os imbróglios em que nos metemos!  
Os alçapões! Terei porém a coragem de repetir:  
Vento, vento, sem que o leitor ou a leitora fique  
melindrado? Onde é que tudo isto nos vai levar?  
Não me sabia dado ao humor, ignoro se isto é algo  
que se possa minimamente aproximar do humor.  
Parece-me mais uma infração tautológica, talvez  
mesmo anfigúrica, revistos estes velhos termos  
pela capacidade catacrética. O que há do que há  
e é vida? Calma! Agora até parece que estou a ser  
profundo, mas o contexto viabiliza tal leitura? Eis  
o problema. Uma *estética do problema* foi já  
uma preocupação minha, nunca soube ou pude  
desenvolver os seus escaninhos, a faculdade  
especulativa nunca foi um dos meus fortes, mas  
também para quê trazer ao mundo intelectual  
mais uma visão, o mesmo é dizer, uma teoria? Não  
é mais fácil escrever-se: Vento, vento, e só isso?

Fim de semana em Vila do Conde, a terra onde nasci,  
 onde ainda vive meu pai, uma tia, e onde encontro  
 meus irmãos quando vou ao norte. Vou ao norte, tal ave  
 estranhamente migratória, três ou quatro vezes  
 por ano. A vida não me permite mais viagens, mais  
 encontros com a família. Os quase quatrocentos  
 quilómetros que separam Sintra de Vila do Conde  
 são uma barreira. Este ano, penso que ficou  
 assinalado, numa tentativa de ida ao norte, em Março,  
 ia ficando pelo caminho, mais mulher e filha. Sei  
 que há perigos em toda a parte, até no simples facto  
 de se estar vivo, como diria um qualquer filósofo  
 de trazer por casa. Que é onde permaneço a maior  
 parte do tempo. Ou, já agora, e para ser, como  
 direi, mais exacto, pelas casas, repartido assim entre  
 quem de mim nada mais sou do que disjunção,  
 clivagem, divisão. Sem que sofra com isso. Há quem  
 precise de um lugar como da ideia da unidade  
 ou do centro, eu, desde cedo tendo que deixar o país,  
 habituei-me a conviver com a noção da dualidade  
 e do pluralismo. Passo do apartamento para esta casa  
 de campo num passo. Aqui é idêntico a um ali.  
 Ou, para não empregar esse «idêntico» lírico, aqui e ali  
 são-me a mesma coisa. Estive em Vila do Conde,  
 cidade onde nasci, e gostei. Se eu envelheci nos anos  
 que vivi, a cidade, nesses mesmos anos, parece  
 ter renascido das cinzas onde estava amortinhada,  
 cada vez mais jovem no seu crescimento seguro  
 e civilizado. Nem todas as terras tiveram essa sorte.  
 Meu irmão, dado a passeios, estourou-me. Fiz  
 o que deveria fazer aqui. Andámos e andámos, eram  
 ruas da cidade histórica, eram as novas avenidas,  
 nossos passos transportando-nos em direcção ao mar,  
 em direcção ao rio, em direcção ao monte, mas  
 também em direcção às Caxinas, as mulheres atrás  
 seguindo-nos, enquanto falávamos disto e daquilo.

Junto ao rio, manhã de segunda-feira, vejo uma gaivota a comer um peixe, talvez uma tainha. Filmei a cena. E eu que não tenho memória lembrei-me de outra cena passada na minha última estadia nos Estados Unidos, desta vez em New Bedford, Massachusetts. Um dia, à tarde, para sair de casa e espairecer, fui para a região de Dartmouth, onde ficava a universidade, e local de várias línguas de terra que entram no mar, ou vice versa, de línguas de mar que entram na terra, a costa bastante rasgada num rendilhado que me faria lembrar Vila do Conde pelas suas rendas de bilros, se houvesse alguma harmonia na natureza que justificasse a duvidosa comparação. Há analogias que deixam muito a desejar. Mas o mar era o oceano Atlântico, e eu gostava de sair do automóvel e de ir com pés mansos cheirar a maresia e de ver e de ouvir a ressaca: quem nasceu a não mais que cem metros de um rio (o Ave), e a uns escassos dois quilómetros do mar, tem ou deverá ter qualquer coisa de marinho, se não for só imaginação e mitologia a existência de traços de uma origem ou de um começo.

Numa desses praias desertas, pois tratava-se, senão do Inverno, do Outono, o frio um dado adquirido, havia um pontão de cimento a ligar a costa a uma ilhota pequeníssima. Dava para estacionarem uma dezena de carros, de terra batida, cheia de calhaus a dificultar as manobras de regresso. Aí estive uma boa hora, se tanto, que a paciência não abunda nas minhas plagas, a observar as gaivotas nos seus voos sobre a ondulação das águas, e depois decidi regressar. Ao atravessar o estreito pontão, vejo uma gaivota que se preparava para devorar um peixe. Para o que me havia de dar! Como não tinha nada que fazer, feito de curiosidade, pus-me a brincar com a ave. Avancei com o carro e coloquei-o mesmo em cima da presa. A gaivota levantou voo, e em círculos desconcertantes batia asas como quem não estava muito contente. E eu, nada.

Ou melhor, voltava com o carro para trás, a ver qual seria a sua reacção. Ela descia, divisava-me, não vou dizer se receosa ou não, porque seria da minha parte um abuso retórico que não me permito, ia começar o festim, e logo eu me aproximava novamente com o automóvel, pondo-o mesmo por cima do peixe vivo. A gaivota lançava gritos que eu interpretava como se fossem de chatice, esvoaçava novamente à volta de mim, enquanto eu ria, não sei se consciente ou não, de toda aquela maldade perpetrada a um bicho (que espero que seja inofensivo, para poder dizer, sem me enganar) inofensivo. Bem, a brincadeira repetiu-se umas três ou quatro vezes, mas como não tenho pachorra para nada, nem para o bem, infelizmente, nem para o mal, felizmente, lá a deixei, depois de tanta importunação, debruçada finalmente sobre o repasto, o bico despedaçando em movimentos precisos as entranhas de outro bicho que não sobrevivera à voragem natural da própria natureza da sobrevivência.

Tudo isto me passou pela cabeça em Vila do Conde, junto ao rio, onde tive a oportunidade de ver novamente cardumes de peixes como na inviolável juventude. E alguns eram enormes, nadando pelos rodopios. Não, não sou dado a nostalgias. O meu tempo é o meu tempo, passado, presente e futuro. Mais, o meu tempo foi por mim inventado. Não é um tempo irreal ou mesmo imaginário, é o tempo vivido e escrito. Nele permaneço como um homem que nasceu de si mesmo e em si mesmo cresceu à procura do homem que desejou ser. Este verbo tem muito que se lhe diga. Dizê-lo deixa-me sempre na música de uma estranha língua, caberá pois nessa língua palavras como Vila do Conde? Ou mesmo, New Bedford? Não o saberia dizer. Porque do ser nada se sabe. Está-se tão perto, e, o mesmo tempo, tão longe, a distância das línguas que não conseguem conceder ao alcance o verdadeiro sentido do inalcançável: ser, ser, repete-se, a música é audível, mas será habitável?

Para lá de um nevoeiro intenso que se adensa  
silencioso como se fosse possível em pleno  
século XXI o mistério, cai uma morrinha esparsa  
sobre o chão findo de Agosto. A temperatura  
lá fora não ultrapassa os dezoito graus. Dentro  
de casa, os vinte e dois. Ainda não são dez  
horas da manhã. Ainda é tempo para que tudo  
mude, porque, na verdade, de uma maneira  
ou de outra, tudo muda. Para melhor ou para pior.  
Esperava, convencido, um sol e uma temperatura  
prometidos ontem na previsão meteorológica,  
as águas benfazejas da piscina estão claras  
e límpidas como uma raciocinação levada a cabo  
pelo mais metódico dos filósofos, pena pois  
que tenha que ficar, patético, apenas a observar  
aquilo que poderia ser gozado: nada há como  
a acção, estar imerso na realidade, fazer parte  
da contingência do mundo, como facto, coisa,  
acto, e não apenas visão e teoria: a mesmíssima  
coisa. Pode ser que o sol irrompa a neblina,  
pode ser que o sol aqueça a terra neste preciso  
local, pode ser. Se não for, terei que passar  
a tarde a fazer outra coisa qualquer, a ler, talvez  
a trabalhar no terreno, o que não deixa de ser  
também uma prática e um cansaço: as infestantes  
canas ameaçam apoderar-se de toda a terra.  
Há seres assim, não se contentam com os limites  
ecológicos de um certo território, a avidez seva  
fá-los avançar sobre as outras espécies num delírio  
de posse que só traz desequilíbrio e destruição.  
Na natureza como na humanidade. Se não for, já  
agora, a mesma coisa. O que são os homens?  
Canas. E muitas vezes, nem sequer pensantes,  
como queria um filósofo ingénuo. Mas é fatal:  
quando se compara duas realidades, ou se é poeta  
ou se cai ingenuamente na tolice do dislate.

Manhã para ouvir Samuel Barber, começando pela Sinfonia nº 1, depois de ter já gravado por volta das oito *La Mer* de Debussy, de um programa televisivo que a parabólica recebe da Alemanha ou da Áustria. Se a vida não for música, o que poderá ser? Que tem este país para nos oferecer?

Impostos e restrições. Depois de trinta anos de má gestão pelos sucessivos governos da coisa pública. Da coisa privada é a privação certa da inteligência que nunca abundou nem abunda por estas paragens, os melhores dão o salto, vão conhecer horizontes insuspeitos dos que ficam.

Nada disto me está a dizer a música de Barber, porque a música nada diz. Pano de fundo nela fujo de quanto me exige medíocre, uma mentalidade endémica age ctónica nos meandros da sociedade, são incêndios que alastram a fogo brando e por isso não se vêem, maneiras de se estar no mundo.

Há pouco menti. Porque agora, ouvindo o tão famoso *Adagio For Strings*, eu sinto que alguma coisa de muito importante e de essencial me está a ser dita com uma urgência incompreensível, estou quase sem língua por ouvir essa língua, sou som sem qualquer origem nem fim, voo numa intensa luz imensa como uma impossibilidade de existência, passagem e paragem, subida e descida, dor e paz.

Felizmente que transitei para uma outra peça, *Medea's Dance of Vengeance*. Ignoro tudo que é clássico, mas esta música soa-me a século XX, não há nos primeiros sons nada que indique a surda violência de uma vingança, mas que sabemos nós da alma humana, como então se dizia? Nada.

Procuro metamorfosear-me nos instrumentos, calma, uma certa violência já surge, quererá dizer alguma coisa? Será expressão das emoções que perpassam pela protagonista? Nunca o saberei.

Um sol coevo de mim, se for possível sequer tal pensamento esporádico, alerta os redores com as cores que concede a cada coisa que toca, alegria é a sensação primeva que salta ao olhar.

Verdes como verdades em quase toda a nua natureza, os pinheiros do pinhal, as figueiras que amadurecem seus figos para em Setembro eu poder rebentar com os meus lábios gulosos.

Mas o céu não está ainda azul. Poalha suja despedida do branco não sabe como definir o que quer fazer de si. Está-se entre duas vias, talvez num momento crucial do dia, só um pouco mais tarde se poderá dizer no que isto dará.

Eu estarei aqui. Terei sido precipitado? Ou simplesmente estúpido? Nunca pensamos no mal que nos poderá acontecer. Morrer será, é assim tão fácil? Há quem diga que basta estar-se vivo. Às vezes também me digo, por senti-lo, que não estou vivo. Que estou entre, sol de mim a mim, quantas vezes insensível a uma exortação.

Entre é como está e esteve muita gente, vou lembrar algumas eminentes pessoas? Não é necessário nem valeria a pena. Iminente não será este dia de sol. Tudo parece ter voltado atrás. É preciso contar com as flutuações de humor, com as variações das tonalidades afectivas, enfim, é preciso contar com tudo. A vida não é fácil, lá diz o ditado. Escrever um porisma nada tem de difícil: é coisa para crianças, basta juntar palavras atrás de palavras, um jogo como qualquer outro, onde se perde e ganha ao mesmo tempo o tempo, já que não a vida.

A vida pode ser contada e narrada, pode até ser açambarcada pela língua literária, mas testemunhada desta ou daquela maneira nunca será o que foi quando realmente o foi.

Não se pode dizer a vida como não se pode dizer a música.  
 Pode-se viver a vida como se pode viver a música.  
 Ou o silêncio. Pode-se falar da vida e da música e do silêncio,  
     mas isso é outra coisa. Dizer não é falar. Chega  
     de tanta lucubração matinal. São horas de fazer alguma coisa  
     de útil para a humanidade, como... como... Nada  
     me parece mais útil, para mim e para a humanidade, que estar  
     aqui a fingir que estou a escrever, a fingir que sou  
     um homem, a fingir que ainda se pode escrever depois de,  
     depois de tantas catástrofes e de tantos crimes...  
 As reticências são noutras línguas pontos de suspensão, nesta  
     parecem não suspender nada, nem sequer o tempo  
     que passa como se nada fosse, imperturbável e incongruente  
     como um mistério ao avesso, ou a outra face da voz  
     que não vocifera, muda e imutável, deixando as coisas passar.  
     Que fazem, no meio de tudo isto, os homens? Que  
     fazem que nada fazem, senão sobreviver? Do que falo? Falo  
     do que não se deixa dizer. Do sol e da humanidade,  
     do ser e do nada, da profunda desinteligência que atravessa  
     as coisas. Da ignorância que tanto fala, deblatera,  
     crocita e glotora como um monstro acéfalo perdido nas trevas.  
     Falo da impotência para se resolver os problemas  
     que flagelam o planeta, sabendo de antemão que não estou  
     a escrever um panfleto ou um manifesto poético  
     ou político e que possivelmente ninguém lerá o que aqui está  
     escrito, indiferente que sou a eficácia tecnológicas.  
 Só há uma eficácia e uma leitura: a da consciência: tudo o mais  
     é vaidade e ilusão, pensar-se que se fez o que quer  
     que seja, que se deixou uma marca no mundo, a assinatura.  
     O silêncio que adveio depois da música que se fazia  
     ouvir não me dá nenhuma medida. Não sou Hölderlin, obrigado,  
     nem preciso de nenhuma medida, no céu ou na terra,  
     para viver. Gostaria, é certo, de saber que no globo existiria  
     uma certa harmonia onde não coubesse a pobreza,  
     que a ganância de certos grupos financeiros não viria a destruir,  
     com a ideia de lucro e de riqueza, um planeta invejável.

Setembro oferece-me no seu começo dias magníficos,  
eu ofereço-me no meu perpétuo recomeço música magnífica,

Arvo Pärt desdobra-se em sensibilidade pelo começo  
da manhã que de outra maneira seria silenciosa, na realidade  
sua música são outros silêncios, silêncios auditivos, luz  
que nos toca numa pele íntima de um corpo irreconhecível  
por desconhecido, mas que existe algures onde em nós  
nada uma sofreguidão de outra coisa, de outra humanidade.

Divago. Pervago lentamente através da sonoridade  
como se alguém soubesse que em mim existe um misterioso  
piano onde teclas nada mais fossem que sensações  
impossíveis de um mundo possível que não alcança o real.

Como se poderá ouvir uma peça chamada «*Silentium*»?  
Faço-o como quem não vê a luz do sol nesta manhã quente,  
se o silêncio se faz ouvir também a escuridão onde  
tenho vivido tem vivido do espectro solar, embora ter escrito  
«espectro» fosse como se um arrepio me percorresse  
onde mais sou corpo do que se julga que é a carne que nos é.

Sinto esta sintaxe como sinto esta música, sentindo  
não a famosa disjunção ou a espinhosa dicotomia, mas antes  
como uma ebriedade dos sentidos, espécie de loucura  
configurando uma outra razão de ser, uma outra maneira  
de se estar no mundo, talvez mais leve, mais ligeira,  
talvez mais irresponsável, mas não menos irresponsável  
ao que se passa à minha volta, ao que roda na terra,  
ao que circula como política das nações e dos interesses.

Não que a música dê toda a informação. Mas é  
a experiência afectiva que me abre para a monstruosidade  
do sofrimento do mundo, um exercício que me prepara  
para o insuportável da crueldade que se diz contemporânea,  
essas realidades desrealizando-se em incompreensões  
que ninguém verdadeiramente assume, todos nós atarefados  
com as nossas vidinhas, com a nossa sobrevivência, ir  
e vir do emprego, ganhando mais um dia e uma noite, tantas  
vezes perdidos no mais paradoxal dos mutismos, tantas  
vezes incapazes de distinguir o silêncio de uma voz apelando.

Setembro, é a palavra, já dei um título a um livro  
 com esse nome de mês, tinha regressado da primeira viagem  
     que fiz à Califórnia em mil novecentos e oitenta  
 e dois, onde comprara *The Dolphin*, de Robert Lowell, e achei  
     piada imitar a estrutura do seu livro. É nesse livro  
     que aparece o famoso poema «*Que Chato!*», que esclareceu  
     completamente a minha estupidez. Nele digo, se  
 a memória não me falha, da minha perplexidade entre a leitura  
     que fazia de Hölderlin e a que Heidegger oferecia  
 num famoso livro ou ensaio cujo título não recordo. Daí, aliás,  
     a razão do «*Que Chato!*», porque quando seguia  
 Heidegger tudo me parecia claro, mas logo depois, esquecidos  
     os seus argumentos, eu não via em Hölderlin  
 o que aparentemente estava ou deveria estar lá. Uma chatice!  
     Anos depois, vivendo já em Santa Bárbara, leio  
 Paul de Man também num famoso ensaio cujo título me escapa  
     (e confesso que não estou a fazer de propósito,  
 mas nesta casa de campo não tenho biblioteca nem referências),  
     e o que é que ele afirma: que o nosso Heidegger  
 põe na boca de Hölderlin justamente o contrário do que ele diz!  
     Foi uma revelação. Afinal eu não era assim tão  
 estúpido como parecia a uma primeira leitura ou a uma primeira  
     vista. O Heidegger é que fazia um dos tais seus  
 costumados *strong readings*, próprios de quem quer fazer dizer  
     aos textos as coisas interessantes que lhe estão  
 ocultas ou reprimidas ou em potência ou como não-ditos, diria já  
     agora Gadamer. Aliás, como acrescenta quase  
 ironicamente Paul de Man, não sei se *ipsis verbis*, que eu sou  
     uma nódoa para citações, mas não deixa de ser  
 interessante, é isto: «Dada a proverbial incomunicação entre  
     os homens, já é muito bom, mesmo quando não  
 se esteja a dizer o mesmo, que se esteja a falar, pelo menos,  
     da mesma coisa.» Lembro-me que quando saiu  
 o livro *Setembro* alguns amigos notaram esse poema, e falaram  
     dele menos pela sua problemática, mas sim mais  
 pela coragem de mostrar a minha ignorância: Que país o nosso!

A manhã, comprehensivelmente, desprovida de qualquer manha, mas o calor que não deveria ser adjectivado de insidioso alastrá-se como uma inesperada bênção sobre este microclima que nem está habituado a grandes temperaturas, a não ser as das almas. Brinco. Peço desculpa, mas que querem, deu-me para brincar. Nem sempre se pode levar isto a sério. Nem sempre a profundidade nos bafeja, o que quer que isso queira dizer, ou até não dizer. Quem se mete nestas coisas, está sujeito a tudo. Até a ser objecto de escárnio. Acontece a muita boa gente. Por que não a mim? Sou mais do que os outros? Em democracia vence sobretudo o truismo, deixemo-lo vencer! Bem sei, bem sei, este espaço poderia ser aproveitado para... para quê? Que há aí do mundo ou até do homem que mereça este espaço? Este tempo da escrita? Falar mais uma vez do sofrimento que grassa cruel sobre a terra? Não tem nenhuma graça. E falar disso já deu o que tinha a dar: nada. Porque nada se resolveu, nada foi resolvido. Não, não, mudar de rumo, já. Aquela manha no começo do porisma trazia água no bico, e eu sem saber nada, ignorante de todo. As partidas que a língua nos prega! Assim, como se nada fosse, servindo-se de tudo o que lhe vem à mão, inocente e nocente, a megera, a casa do ser! Do ser! Servos de nós próprios que mais somos do que nós perpetuando a biológica direcção da insanidade da vida, elos elidindo sabe-se lá que relações para que uma espécie sobreviva *malgré tout*?! Sem termos coragem de cortar alegremente o cordão umbilical. Não, os animais em nós são nós que nos atam a atavismos, a cegueiras, não há nada a fazer. Haverá ainda alguma coisa a dizer? Sim, que a manhã, desprovida de manha, vai brevemente passar a tarde, faltam vinte minutos para o meio-dia, faltam quantos dias para o que falta? Eis o enigma.

Tarde. Penumbra como numa catedral, ou a minha casa não tivesse no espaço do salão o que na arquitectura americana se chama *a cathedral ceiling*. A tarde abrasante não respira nem soletra o que quer que seja, um silêncio estival estiola na ideia que se faz de Setembro, a temperatura catapulta-nos para sentidos que não podem ser sentidos, o corpo dorido com tanta felicidade, esquecido dos rigores dos dois últimos Invernos. É um corrupio para as águas da piscina. Mergulhos mergulham-nos em fisicalidades atrevidas, onde está a idade, a apregoada velhice, a temida decadênci? E depois o sol solta-se no azul do céu como se fosse humano e soubesse acariciar um corpo humano, cálida mão passando da gotícula à evaporação, uma estranha sensação tão agradável que se volta novamente a mergulhar na piscina para se sentir compulsivamente o benefício ou a perversão da repetição. Há muito de sexualidade na relação que se mantém solar com o astro que nos faz girar em gravitações silenciosas, mas agora, começo da tarde, apetece o fresco alto e sombrio das paredes interiores da casa, deitarmo-nos num sofá ávido de sonho e de sonolência, passarmos pelas brasas, outros mundos noutras esferas do ser, outras realidades abrindo-se como apetências de formas para conteúdos desconhecidos. Ser e não ser, vigília e sono, dormência, enquanto se ouve numa fantasmagoria acusmática uma música inexistente subindo de um não sei onde para um patamar talvez fictício da consciência, quem escreveu esta música, quem a soube conceber assim tão possível na sua determinação de real?

Parece tão verdadeira que se apanha um susto, o corpo reage com a violência de um espasmo, o medo, quem está aqui não sendo daqui, quem se quer fazer ouvir no silêncio da tarde fixa na sua penumbra e na sua obumbração? Eu estou demasiado dentro de mim para poder ser quem sou! Onde há mundo? Onde há terra? Onde estão os homens? Lá fora há uma piscina com as suas águas azuis esperando, nenhum símbolo comparece ao prazer de viver a simples alegria de quem escreve o que não tem aquém nem além.

Philip Glass é todo vidinhos na emoção com que nos alaga,  
 eu deixo-o desdobrar-se em apologias do acaso, miniaturas  
 do real com que ele gosta de brincar, passos de tempos  
 perdurando em durações ataviadas de mitologias filosóficas.

Aceito tudo. Não questiono nada. O tempo é de férias,  
 mesmo se se acabam. Há até uma leveza em tudo isto,  
 embora ignore de todo o que é este isto. Importa conhecê-lo?

Não. Deixo para os outros as perguntas fundamentais.  
 Para mim basta-me estar vivo e com saúde, não me doer  
 o corpo, não andar amarfanhado com doenças endémicas  
 e psicossomáticas. Sou um homem superficial. Reflito  
 apenas a luz do sol, como um espelho. Espelho-me pelas  
 coisas do quotidiano como se houvesse uma rotina afável,  
 como se viver fosse possível, natural, irrefragável. Largo  
 rimas em pequenos textos que escrevo como Philip Glass  
 larga notas que soam neste salão durante o dia, só espero  
 não ser todo vidinhos, isto é, só espero não possuir réstia  
 de qualquer sensibilidade. Ou apenas a suficiente para ser  
 receptor ou destinatário, sem que me ponha a decalcar  
 o gesto inventivo daqueles que sulcam o mundo de mundo.

Não, não, nada de ilusões, basta-me ouvir a música, ler  
 o pensamento, seguir a argumentação da ideologia, não  
 preciso de fazer música, de pensar ou de raciocinar: eis  
 o que aprendi com a vida: ser apenas uma esponja. Será  
 que estou a falar verdade? Ou apenas a tentar convencer  
 quem de mim se rebela contra quem sou, esse irrazoável  
 eu de uma mitologia que ignoro se é minha ou me foi dada?

Philip Glass lança armadilhas onde me deixo apanhar, é  
 meu destino cair em cada sonoridade inusitada, como se  
 faltasse qualquer coisa ao meu ser, um outro ser, outra  
 maneira de estar na vida, de estar no ser, embora talvez  
 não possa falar desta maneira de tão espinhoso assunto.  
 Mas não haja dúvidas, falho no que me falta, e a música  
 colmata esse abismo ou esse vazio ou esse oco, esse eco  
 de nada saldando-se pelo incomensurável da desmedida:  
 viver onde a vida menos atina com a ideia de mortalidade.

Os marmelos estão colhidos e transformam-se em marmelada graças a mãos amigas, os figos figuram na cozinha já maduros e nas figueiras os que amadurecem numa data muito anterior à costumada. O tempo está mudado, como diziam os velhos outrora e diz agora toda a gente. Será que o clima da Terra, afeita a uma diversidade de climas, está realmente a mudar? E isso não será normal? Ou estamos, como muitos pensam, perante os resultados maléficos do capitalismo?

Ignoro de todo. Vou comendo os figos, espero pela marmelada. O fim do mundo não coincidirá com o mundo, coincidirá com o meu fim. Tão simples que até parece uma irresponsabilidade não me preocupar com as mudanças do clima. Com o fim do homem. Para dizer a verdade, e ser completamente sincero, não sei se merece viver quem nunca se adaptou à terra. Ou quem nunca soube o que fazer com a sua inteligência. Desde os primórdios confusos e obscenos, logo pensaram que pensavam, que eram muito mais do que animais, pondo essa faculdade assassina, a imaginação, a imaginar outros mundos, outras terras, outras vidas, perante a insatisfação criada pela inteligência. Basta estudar a história fatal das civilizações, uma ignomínia atrás da outra: é deprimente ouvir-se ainda hoje fazer-se o elogio desses povos e da sua suposta grandeza: sangue e tortura e sofrimento infligido aos fracos são só algumas das faces da crueldade humana vivida outrora. Mudou assim tanto o mundo? O clima, realmente, talvez tenha mudado mais. Não, fico entretido a sentir quanto sol é calor sobre a pele que me define nu como um corpo de homem nu, na esperança de ainda hoje ver o milhafre altivo que voa sobre a minha casa à procura de comida.

Outro dia, deitado junto da piscina, depois de um mergulho, numa dessas espreguiçadeiras baratas de plástico branco que inundam os supermercados no Verão, todo nu, como é hábito quando não tenho visitas, vi aparecer o milhafre ou o gavião, o nome não interessa, e a sua aparição fez-me lembrar, estando eu nu e deitado, no mito de Prometeu. Claro que o milhafre não é um abutre, nem uma cadeira de plástico é um rochedo, nem a realidade é um mito, claro, mas a circunstância de a ave estar ali no céu azul, e de eu ser eu, e até de rimar com Prometeu, fez-me estupidamente lembrar desse mito. E lembrando-me pôs-me a pensar até que ponto eu não fui também, nos tempos modernos, um Prometeu. Não porque tivesse trazido o fogo aos homens, mas porque, finalmente, talvez tivesse sido, na segunda metade do século vinte, quem inventou alguma coisa nas letras, e logo, tenha trazido alguma coisa ao mundo. Uma linguagem, um outro tipo de linguagem, a linguagem porética. É pouco, dir-me-ão. Certo, mas não é um mito. É uma realidade. E os outros? O que fizeram? Escreveram apenas poemas. Juntaram esses poemas e fizeram livros. Eu trouxe, quer se queira quer não, uma nova concepção de livro. Mexi com a própria ideia de livro. Mais, estou convencido, sem falsas modéstias, ter introduzido no ocidente um novo género literário, que precisa de ser explorado até às suas últimas consequências e em todas as suas virtualidades. O facto de eu ser ignorado não me fica mal, pois em certo sentido eu continuo um ignorante. Mas fica mal a um país que precisa de estímulo e de realizações e não sabe onde encontrá-los. Estou aqui. Se eu fosse o William Bronk, num seu poema famoso, deixava-vos agora a minha direcção. O que lá, nos States, passa por genialidade, não seria aqui considerado mais do que arrogância, e, já agora, do que plágio. É triste haver tão poucos milhafres neste país e o Prometeu ter sido só um mito. Há realidades que não interessam a ninguém. Nunca percebi porquê. Devo ser estúpido. Só espero, sinceramente, que este gavião não perca a pena no futuro.

Estar assim tão disponível é como não estar,  
é como se alguma coisa não pudesse ser  
em mim, a sombra de uma sombra, o ruído  
de um ruído, a falha de uma falha, falência  
onde não alcanço quem desejo ser por ser  
simplesmente quem sou: um homem vivendo.

Releio. Tanto disparate a fingir de obscura  
profundezas, é o que me digo. E no entanto.  
E no entanto há alguma verdade quando é  
repetido: estar assim tão disponível é como  
não estar. Melhor parar aqui. Mas também  
há alguma verdade quando sugiro: é como  
se alguma coisa não pudesse ser em mim.  
Tudo o resto é porcaria, poesia, linguagem.  
Que detesto. Mas às vezes o desejo é tanto  
de me abandonar às palavras, de me deixar  
num abandono de mim outro, matéria feliz  
onde não haverá razão para surdir absurda  
uma cicatriz do tamanho do sofrimento vão.

Como agora. Não sei onde estou. É claro  
que estou em casa, mas é preciso que seja  
lido quando digo: não sei onde estou! Sou  
o quê? Estou como? O que é isto? Isto é,  
haverá alguma escrita que corresponda já  
a esta leitura que está a ser feita? Ou não  
há nenhuma possibilidade aqui de leitura?  
Abandonado ao mericismo da língua ouço  
apenas o eco da voz que procura o muro  
para ser verdadeiramente um eco, o muro  
não existe, existe apenas o oco da terrível  
existência quando tudo se resume apenas  
a uma narrativa: a tragédia contemporânea  
não é contemporânea da tragédia, o passo  
foi dado no passado, mas só o futuro sabe  
o que lhe espera: não haverá aqui ninguém  
disponível para ser em mim um bem-estar.

Que tem sido a minha vida, ultimamente, senão um ocupar-me das rosas? Medito no que acabo de escrever. Estarei a ficar senil? Que sentido faz dizer-se uma tal coisa? Só um poeta, e dos maus, poderia ficar contente com tal atrevimento retórico. Que se passa comigo? Será que a velhice me está a amolecer? Verdade que manhã cedo estive a podá-las o melhor que sabia, e eu nada sei da poda, verdade que gosto devê-las coloridas ao sabor do vento, outros tantos acenos incompreensíveis vogando como chamamentos de uma natureza que nos é indiferente. Não sei se o pensamento ficou bem expresso. A indiferença é da natureza, foi, pelo menos, o que pretendi dizer. A língua não nos falha, nós é que a falhamos em giros frásicos mais ou menos poluídos pela desatenção ou pela indiferença. Importa ser-se preciso, exacto, quando nos falam da polissemia inata da linguagem? Não, minha vida ultimamente, como aliás sempre, tem sido tanta coisa que não seria capaz, num porisma feliz, de abarcá-la em duas ou três abstracções descritivas: viver destrói qualquer possibilidade de coerência narrativa, quando se pretende contar qualquer coisa deixa-se sempre de fora essa complexidade incomensurável que nenhuma medida estética alcança: a omissão é um dado essencial do engano artístico. Dizer o tudo do que é, se fosse possível, que não é, seria apenas uma manifestação explosiva da loucura. E no entanto, revolto-me contra tiradas do tipo: Que tem sido a minha vida, ultimamente, senão um ocupar-me das rosas? É como se estivesse, conivente de não sei o quê nem de quem, a privilegiar um aspecto da vida, um acontecimento do dia, e é esse privilegiar, é essa escolha, que me são problemáticos. Li há muito, daí não me lembrar já do seu autor, que não cabia ao poeta escolher, mas simplesmente ser escolhido. E embora eu não seja nem me sinta um poeta, concordo plenamente com a asserção. Pensando contudo que quem emitiu esta opinião estivesse a falar de uma coisa talvez completamente diferente da que está a ser agora aqui referida. As voltas que a língua dá. Os sentidos que nela se escondem ou ocultam. Valerá a pena desvendá-los? A mesma pergunta se aplica à vida. Haverá algures uma interpretação que satisfaça?

Os grandes calores desapareceram do horizonte por agora, saí lá fora e senti mesmo um arrepio de frio, era manhã cedo, ainda o nevoeiro não se tinha levantado nem o sol brilhava em cada verde de cada folha de cada árvore adormecida. Um silêncio salutar saúda-me como se fosse ainda possível ao silêncio possuir características que lhe não são próprias, mas a verdade é que quando se pretende dizer alguma coisa temos que usar a língua, e a língua usa o que tem à mão, isto é, tudo, importando-se pouco com lógicas ou purezas mais ou menos denotativas. O reino é da impureza, e eu conheço as suas sendas como mais ninguém. Mas onde está agora o silêncio? Ele paira como um nada dentro de casa, apenas ouço visualmente as canas que dançam afabilidades coevas da fantasia, mentiria se omitisse o ruído que o computador faz quando está ligado e me ajuda nesta tarefa quase diária. O prazo para acabar o livro aproxima-se e ainda me faltam escrever trinta porismas, não sei se conseguirei dar conta do recado, confesso que estou a ficar um pouco aflito. Não, os compromissos são para serem cumpridos. Tinha um ano para escrever este livro, o ano passou e estou encalhado aqui. Daí o frenesi destes últimos tempos. Já nem sabia o que era escrever. Este processo, cada texto convidando ou exortando pela sua presença o texto seguinte, a escrita porética advindo em plena acção, taco a taco, abrindo na perplexidade verbal caminhos, rotas, rumos, indo em frente ou voltando atrás, ir e vir infrene, apodemiálgico, meândrico: o apalpar constante das possibilidades que se nos apresentam no momento único: o da escrita. Sim, estou metido num grande sarilho se não for capaz de levar a cabo este empreendimento. Vou começar a pensar que já não tenho idade para estas coisas. A sério. Conhecendo-me como me conheço, vou dizer-me: «Deixa-te disso, vai antes ver televisão, estão a passar um filme, ou, já agora, um jogo de futebol. Coisas mais leves, mais próprias para a tua idade. Descansa, que é do que tu precisas!» Não digo que não, mas é um pouco humilhante. Afinal é-se gente até se morrer. Ou já não será assim? A pergunta angustia-me.

Por isso tenho de continuar. Minha sobrevivência de homem depende do que estou agora a fazer, do que fizer. Isto não é uma brincadeira. Mais um livro que se escreve e depois se publica, não, isto é essencial para que possa continuar a viver. Isto não é arte. Nem sequer arte de viver, como alguns em tempos idos já quiseram. É a forma literária que reveste a terapia. Que possa vir a ser muito mais interessante que a poesia que se diz e se quer contemporânea, é um outro problema. De que me alheio. Não me interessa, confesso-o desde já, a poesia que se escreveu desde o fim da segunda guerra mundial. O romance depois de Beckett não me interessa absolutamente nada. Só leio actualmente os filósofos quando desejo rir e não vejo no mundo nenhum motivo inocente para o fazer. Ao menos os filósofos deixam-me a impressão, que é uma ilusão, de que há pensar no pensamento que apresentam sobre os vários problemas que enxameiam o mundo de aporias. E eu, que sempre fui falho de inteligência, alegro minha deficiência ao vê-los aflitos a tentar fazer com a manipulação da língua o que não saberiam fazer com acções na complexidade do real. Sim, há um pouco de perversidade no meu interesse filosófico, ou de ironia kierkegaardiana, se fosse capaz de a compreender na sua ágil globalidade. Um livro como este tem as suas virtualidades: é o que o seu título espelha e espalha. Mas o sigilo do disparate é como uma fonte de energia, ecoa em várias direcções, dispara díspares dispositivos tanto linguísticos como afectivos como psíquicos, é um pouco como o sol, tanto pode ser benéfico como maléfico, depende do uso que dele se fizer. Tenham pois cuidado aqueles que aqui porventura se aventurarem: quem avisa amigo é, diz o ditado.

Aquele relógio no fundo da sala de estar é tão audível que chega a ser inaudito, sons mecânicos sincopando o tempo com a precisão do que não vive de um zelo psicológico. Estranha música de um estranho diapasão. Enquanto a manhã se desfibra indiferente de si própria como se não lhe competisse a ela contar a sua história.

Não sou eu que vou fazê-lo, pode estar descansada. História, nem a dela nem a minha, já me basta viver o que tenho de viver, um pouco indiferente ao que é ou poderia ser uma narrativa dos dias contemporâneos.

E se o que aparece no que aparece parece antes ser fragmentos, por favor, não me atirem para uma estética romântica que já deu o que tinha a dar no seu tempo, pois os pressupostos são inteiramente diferentes, não sendo aqui o lugar para os expor num despudor não só especulativo como também didáctico. Embora. Não, às vezes um homem sente a tentação de ser ingénuo ou estúpido ou imbecil, não há nenhum mal nisso, mas era preciso que se vivesse num país civilizado. Aqui, como dizem os putos, não dá. O país como o conheço não está maduro para uma estética da estupidez, estará alguma vez? Não será exigir demais? Não só do país, mas até, e em certo ponto, do todo o ocidente? Afinal há hábitos mentais que prejudicam o acesso ao novo. A inteligência tem os seus limites, os seus parâmetros. Não sou só eu que o digo. Bergson também o afirmou. A estupidez não tem limites, Bergson chamou intuição ao que poderá estar muito perto do meu conceito. É uma questão de relê-lo e de comparar as afinidades. Mas estupidez também é a outra face, quase sempre recalcada, para não dizer sempre, do espanto querido filosófico. Nada mais tenho feito, ao longo dos anos, do que trazer à tona a ganga pejorativa posta de lado ou violentamente rejeitada pelo ocidente. Nunca gostei de injustiças ou de arbitrariedades. Compreende-se agora por que razão o meu gesto tem sido rejeitado?

E onde está esse relógio, que o perdi do ouvido?  
 A língua apaga tudo. Dizem que faz ressaltar o real,  
     é uma mentira. De tal modo nos embrenhamos  
     em palavras e frases e caminhos e sintaxes e ecos  
     que a certa altura sentimo-nos perdidos na perda  
     do tempo e na perdição de nós próprios, um caótico  
     vibrar de forças tentando organizar uma realidade.  
 Quando levantamos os olhos ficamos admirados, ver  
     o mundo inserido na terra é como uma revelação,  
     a alegria tersa por termos escapado ao abismo verbal.  
     Reconhecer um sol, que bom! Reconhecer a água!  
 Entre o sol e a água sinto que tem sido vivida a larga  
     existência que me assiste, mas não será apenas  
     mais um esboço de uma falha mitologia o que estou  
     agora a elaborar? Preciso disso? Para quê? É  
     com a imaginação do sentimento que se alicerça  
     um quotidiano? É a auto-sugestão que nos vai  
     salvar? E salvar de quê? Ninguém escapará à morte,  
     poder-se-á escapar à vida? Ao seu sofrimento?  
 Estarei a ser demasiado severo com o homem, isto  
     é, comigo mesmo? É possível. Mas estou farto  
     das fintas que se pretende pregar à vida, dos enganos  
     mitológicos em que preferimos perder a lucidez  
     para em contrapartida ganharmos um pouco de paz.  
 Talvez todas as tácticas e todos os estratagemas  
     sejam bons para se sobreviver, talvez, mas para mim  
     não deixa de ser um pouco humilhante este desejo  
     de sobrevivência a todo o custo. Povos houve, lembro  
     por exemplo os romanos, que sabiam pôr fim  
     à vida quando a vida nada mais oferecia do que fim.  
 Sim, havia nesses actos extremos e postremos  
     coragem e dignidade. O que há hoje? Uma técnica  
     fazendo perdurar o milagre da técnica: a vida  
     confunde-se de tal maneira com a morte que serão  
     poucos os que sabem em que preciso lugar fica  
     a fronteira: um pé sobre a terra, outro pé já na cova.

Pardais em toda a parte, um coelho passeia-se em frente da minha casa como se nada fosse, é quase meio-dia. Que faço no meio de toda esta bicharada? Mais um bicho? O sol soltou todo o calor que pôde sobre este canto da terra, faz calor, mas dentro dos parâmetros da estação. Olho o céu. Não vejo nenhuma ave de rapina. Algumas rolas do pinhal adjacente. Disjuntivo meu pensamento espraia-se pela consciência da hora, e se fosse dar um mergulho? As férias estão acabadas. Olho a relva atinente à piscina. Com bom parecer. E, sobretudo, admiro breve a roseira transformada em árvore. Tanto ainda que fazer, eu que não gosto de fazer nada! Só pode ser castigo. Sempre detestei o trabalho. Sempre fui preguiçoso. Há quem não perceba este meu discurso perante os tantos livros já escritos, mas eu escrevi-os não como tarefa ou trabalho, mas como uma maneira de evitar a morte que me parecia sempre iminente: é agora, é agora, e para esquecer lançava-me na perplexidade da língua com a ilusão forte de que assim poderia resistir ao assalto final. Doenças. Vicissitudes de um destino pessoal. Olho para a janela do alpendre, vejo ao fundo o mar, mas também me vejo reflectido no sujo do vidro, uma imagem de homem, um homem já com uma certa idade, cada vez mais incerta, se me faço compreender. Que interessa se não me fizer compreender! Quem há aí capaz de intuir um outro? De se colocar na pele real de um outro? Ninguém. E ainda bem, já agora devo acrescentar. A miséria humana seria mil vezes pior se tivéssemos que sofrer as dores dos outros. As nossas já nos bastam. Partilhar, partilhemos a alegria, quando a houver ingente.

Não é fácil ser-se fácil, ser-se alegre ou feliz  
 quando o corpo nos abandona à suspeita intuitiva  
 de que algo está errado, um mal-estar, uma tontura,  
 uma vertigem: cai-nos a realidade como uma bomba,  
 o homem é mortal, e todo o prazer que se auferiu  
 num mês de férias se desvaneceu como poeira,  
 ou menos do que isso, um esquecimento triste  
 e esquálido. Não, não é fácil ser-se fácil,  
 o que quer que se queira dizer com isso.  
 E agora? Agora nada mais me resta que viver  
 nesta ansiedade, esperando, desesperando.  
 Vou morrer? Vou continuar vivo? Quem sabe?  
 Eu não tenho coragem de consultar mais médicos.  
 De que doença lhes falaria? Que sintomas são  
 estes? Senhor Doutor, tenho a impressão  
 que vou desmaiar. Ou melhor, que vou  
 cair redondo no chão no minuto seguinte.  
 Isto é, agora. Que me vou apagar, lâmpada  
 que chegou ao fim. Assim de repente. Não,  
 o que sinto não tem crédito em nenhuma praça,  
 em nenhum consultório. O próprio médico diria, vá  
 se tratar! Que mais tenho feito na vida? Não, é  
 como digo, não é fácil ser-se fácil, ser-se feliz,  
 ou alegre. O corpo não me dá descanso. Não  
 me dá paz. Um mês e meio sem problemas,  
 e depois, isto. É claro que vão dizer, tudo  
 isso é psicossomático, não relacionas  
 o acontecimento com o facto das aulas  
 estarem a começar? Não, não relaciono.  
 Pois fazes mal, será a resposta de quem  
 tem sempre uma resposta para tudo, a pessoa  
 que aprende com a experiência. Passaram  
 os anos, envelheci, e nada aprendi. Devo  
 ser mesmo destituído de inteligência. Ou, já  
 agora, muito cobarde, para ficar neste estado  
 todas as vezes que o meu corpo deixa de ser meu.

E quando estou assim, fora de mim, ou sem mim,  
 não me apetece fazer nada, como se ser  
 não tivesse apoio na realidade, como se viver  
 estivesse fora de causa, uma desrazoável  
 manifestação do acaso que acontece por acaso.

Como se eu próprio fosse mitridaticamente  
 tautológico, uma incapacidade ontológica feita  
 ou desfeita em aparições de absurdos ecos  
 conscientes de não terem tido origem numa voz.

Meu corpo é uma obscenidade carnal, gorda  
 presença de um textura onde o sangue percorre  
 escaninhos tolhidos pela insegurança nodal  
 dos nervos, esta intrusão de um enjoo metafísico  
 incorporando-se no nojo da fisicalidade nua.  
 Estar a mais é a sensação, o sentimento, a fuga  
 que não se realiza. Ver o redor não é ver.

Sentir deixa de ser percebido como uma verdade.

Há palavras que giram perto do evento:  
 Horror, temor, monstruosidade. Mas não deixam  
 de ser vagas e piedosas catacreses. Há  
 quem possa pensar que exagero. Não gostaria  
 que estivessem no meu lugar. Sei que há  
 muito sofrimento sobre a terra, o meu basta-me.

Deixa-me de rastos na eclosão da língua  
 como se não a soubesse escrever ou a tivesse  
 perdido, uma agramaticalidade tão feroz  
 que não aceita nenhum símbolo nem nenhuma  
 escola. Já não faço mais perguntas. Olho  
 para o tecto da sala e o branco que me desafia  
 devolve-me branco como uma folha vazia.

Já fui sem dúvida um homem. Já escrevi outros  
 textos mais amáveis. A realidade também  
 já foi mais amorosa. Onde estou é uma tortura  
 ominosa, um medo desmedido, um espaço  
 e um tempo onde nenhum corpo, por mais parecido  
 que seja do meu, pode ser realmente meu.

Uma tristeza intestina mergulha meus sentidos  
na insensibilidade do mundo, uma indiferença infeliz  
acompanha-me pelos passos que dou pela casa,  
sonâmbulo de outras realidades, morto-vivo vivendo  
horas de uma amargura extrema e coetânea.

Um sono futuro fere-me as entranhas, as pálpebras  
sentindo um peso excruciente, hiante de mim  
mesmo não procuro em mim próprio as razões óbvias  
do desastre, desistência é um conceito actual  
que irrompe como se fosse uma necessidade realista.

Minha vida jaz juncada de empecilhos na essa  
imponderável de um fugidio pensamento, que fazer?

Como reganhar a alegria, a coragem? Não ter  
medo do medo, disse a mim próprio tantas vezes, não  
valeu de nada. Quando chega o momento fatal  
da crise, a crise explode, explora em mim quem sou  
como quem não sou, deixando-me devastado  
por terra como um escravo que não sabe morrer.

Olho pela portada o pinhal vizinho, vejo o voo  
de algumas rolas saindo do frémito verde das copas,  
distraio-me na contemplação de um alcance.

Mas eu mesmo sou para mim mesmo inalcançável.

Não consigo rodear-me de uma racionalidade,  
ao menor percalço dos desarranjos do corpo ajo tal  
criança que não está afeita à sua natureza de ser  
terrestre. Nunca me senti um anjo. Nunca senti haver  
em mim uma mensagem ou uma missão. Quis só  
poder viver uma plenitude, inebriado pela promessa  
contida nessa palavra. Qual plenitude, qual dádiva!  
A vida é só um enigma, um acontecimento arbitrário.

Nasce-se por acaso e morre-se quando tiver  
que ser. Valerá a pena estar eu aqui a sofrer? Não,  
digo-me, passemos a outra coisa, mas o corpo  
persiste em permanecer neste estado lamentável.

Prisioneiro de quem não sou, sou apenas o auge  
de um destroço naufragado no abuso da hipérbole.

E no entanto o sol, se não faz tudo para me animar, que o sol não é uma pessoa, já brilha na manhã trazendo as coisas da terra e do mundo até mim, como tantas vezes o fez em dias melhores. Sinto quase como uma traição não estar alegre e aberto aos acontecimentos do dia, como se um remorso mordesse minha consciência de homem sensível.

Um silêncio benfazejo varre a casa, anima-te, anima-te, exorto-me intimamente, mas como, quando não se possui mais alma? Perdeu-se ao longo dos séculos certos predicados, certas faculdades, o homem ocidental não é mais o que foi, despiu-se de muita canga, da ilusão da ilusão, da redundância, vestiu-se da relutância em ser o que a ciência não pode comprovar.

Mais rico? Mais pobre? Há certas matérias de difícil decisão. Só sei que eu já não estaria vivo sem o recurso a remédios. Mas a pergunta deverá ser feita: E valerá a pena viver assim?

O que há de *bem* na vida? O que há de *bom* na vida? O que é que nos faz desejar sobreviver a todo o custo? O engodo biológico, genético? Como se fôssemos apenas material programado? E não é isso, traduzido para as línguas antigas, a velha alma? Ignoro o que é a vida tal como ignoro o que é a morte, que sei eu de mim mesmo? Há alguma identidade que me identifique? Onde?

Às vezes. Às vezes sinto que a vida foi mentira, que o homem que fui foi um engano mítico, que só o acaso e a contingência e a história poderão explicar factos e factores que, tendo ocorrido e existido, não se deixam explicar como outras alternativas a outros acontecimentos possíveis, mas que não tiveram um lugar para a existência. Não que o eu seja um outro. Mas é apenas a ínfima parte do que poderia ser se ser fosse outra coisa.

Sentado numa outra espreguiçadeira, que a minha favorita partiu-se este Verão, olhando para o céu percorrido de nuvens brancas e rápidas, não posso deixar de sentir que o Outono se aproxima, não sei se a passos largos ou estreitos. A luminosidade de Setembro não me engana.

O terreno está completamente transformado. Graças ao trabalho de uma retroescavadora, que veio no sábado passado, tudo agora é terra visível, é chão, e alguns montes de vegetação que terão de ser sacrificados no fogo de umas queimadas civilizadas. Sim, como diriam os nossos antepassados, a terra foi emundada, só ignoro se em seu lugar ficou algum mundo à espera de ser cultivado. O futuro o dirá. Vi coelhos que saíam apressados das suas tocas, vi uma cobra esmagada pelos pneus da escavadora. Vi tufos de canas arrancados num estrépito ensurdecedor, vi também árvores com mais de dez anos tentarem resistir em vão à força da eficiente máquina.

Agora, só depois das primeiras chuvas, uma outra máquina poderá terminar o trabalho. Gadanhar o terreno, como disse o senhor. Sentado na espreguiçadeira de tela vermelha, penso absorto, tão cedo não terei que ouvir minha mulher. Seus desejos estão satisfeitos. Curioso, há pessoas que gostam de tudo muito limpinho e nítido. Até a natureza tem que obedecer a esse padrão. Acontece o mesmo no Japão. Noutras partes do globo. O fascinante domínio do homem sobre as coisas. Que se têm que moldar à ideia que delas fazem. Estará bem? Estará mal?

Feitos. Eu fui sempre mais do género selvagem, até procurei inserir uma teoria na minha estética contemplando a aparente antinomia entre o selvagem e o extraterrestre. Mais tarde li em Charles Olson que «o futuro era ou seria o nosso passado mais remoto.» Vi nessa afirmação uma coincidência. O que eu não vi ao longo da vida! Mas se quisesse falar do que pressenti ou intuí ao longo dos anos, não haveria livros que chegassem. Cada minuto cada sensação, uma memória de um presente achado.

Não sei se espero ou se sou esperado. Não sei que ignorância é esta. A frase irrompeu clarão na consciência e nada mais faço que averbá-la. Não é meu desejo interpretá-la. Deixo-a língua anónima como quem conhece desde sempre o anonimato. Não sou, nem por sombras, um desvendador de enigmas, sou apenas um homem perpetrando a vida que me resta na réstia de vida em que arfo. Tudo o mais existe e é mundo, concordo, mas nunca quis estabelecer um acordo com a opinião feita. Daí a dificuldade em compreender o quer que seja. A ciência vale pouco como ajuda na vida quotidiana. A experiência não serve de nada. Há quem pense que se é mais sábio por se ser mais velho. É-se só mais fraco. O que se fez foi feito, se não se fez não será mais feito. Vejam o tempo que levo para, com a paciência que não possuo, alinhavar estas simples palavras. Quando chego ao fim de cada porisma estou exausto. Farto. Feito em dois, expressão que até faz sentido, embora reconheça que desconheço a sua origem, isto é, a sua razão de ser. Há tanta coisa que, só que, aparentemente, não tem nenhuma razão de ser. E é. Como este meu súbito humor, ou mesmo, já agora, sarcasmo. Mas será possível que seja sarcasmo? Não acredito. Mas como não sou nenhum desvendador de enigmas, ou de textos, fico-me por aqui. Anónimo como uma impossibilidade, alheio como uma alienação, comparando coisas com coisas, estados com estados, eu que sempre detestei a analogia e as suas cruéis armadilhas, eu que sempre procurei pensar como se fosse possível um pensamento liso.

A manhã tem sido calcorreada por vários praticantes do jazz, já por aqui passaram Maceo Parker, Paul Desmond, está agora a prestar saudações Tomasz Stanko, enquanto

eu ouço como se estivesse em mim, como se a vida fosse uma coisa normal, um acto da experiência vital.

Sigo paulatino esses sons dos vários instrumentos, mas devo dizer que não me sinto nenhum desses instrumentos.

É contudo um prazer ter acesso à presença dos outros, à surpresa que engendram nas sensações que nos deixam em cada segundo que passa do tempo que passa. Eu passo de peça em peça como dedos felizes pressionando as teclas de um piano, sou um som distinto distinguindo-se no acervo de sonoridades, sucessão de uma harmonia que raramente existe na minha vida como a conheço.

Mas o que predomina na música de Stanko, que agora estou a ouvir, são os instrumentos de sopro: devo confessar, por mais que soprem não consigo detectar nenhum sinal do espírito antigo ou recente, talvez seja minha a falta, talvez seja meu o preconceito, embora não esteja com o pé atrás. Nem à frente. Estou onde estou, devidamente tautológico. Há quem não dê muita importância, no jazz como noutras músicas, ao baixo. É uma aventura, porém, senti-lo pulsando como um coração escondido no centro da melodia, a espinha dorsal de um qualquer texto musical.

Sim, o piano regressou, brinca agora, em arremessos de uma filigrana extrovertida, com o baixo, competição mais do que diálogo, mas não é normal que a música contemporânea reflecta a cultura contemporânea? Jaz entre os meus ouvidos o ouvido, algumas palmas dão-me a entender que este número é *live*, daí uma certa excitação.

É a vez do baixo expor as suas razões, ignoro se há raciocínio no que afirma ou pondera ou explicita, há sem dúvida esta agilidade mental mentalizando-se firme para dar do tempo o seu imbricado sonoro. Ágil em mim mesmo comprehendo a acção da música como a grande possibilidade de acção que assiste a toda a humanidade.

Depois da primeira chuva de ontem, o primeiro frio de hoje, embora este *primeiro* não denote ou inculque nenhuma origem ou começo. As estações seguem os seus ciclos. Com ou sem acidentes de percurso. Lá fora jaz uma pira que só não é funerária porque, primeiro, ninguém morreu na família, nem se usam piras nesta região do globo. Era o primeiro monte de lixo a ser eliminado, através de uma queimada, dos muitos que ficaram espalhados pelo terreno como minúsculas e informes pirâmides, mas cujo processo de combustão foi interrompido pela vinda da Guarda Republicana. O tempo das queimadas só começa em Outubro, e é preciso autorização para efectuá-las. Como estavam numa campanha pedagógica, não fui multado.

Lá tive que lançar a água da mangueira sobre a fogueira que mal ardia exposta à água da chuva. E é assim, leis são leis, e são para serem cumpridas. Vejo daqui um amontoado de canas chamuscadas lançando um fumo branco cujo sentido ou significado me escapa de todo. Verdade que não sei ler os sinais. Verdade que tive sorte por não pagar a multa. Tudo se passa como se houvesse uma realidade, um mundo, ou melhor, como se homens vivessem em sociedade e nós, que somos os homens que vivem em sociedade, estivéssemos seguros de ser homens e de saber o que é uma sociedade. Não há, aparentemente, motivos para ambiguidades. Tudo é claro. Como a água. Como a água que desceu dos céus em forma de chuva e como a água que lancei da mangueira.

Só a pira funerária não é uma pira funerária. O que é pois isto que se mistura com a realidade? Que ligação existe entre a pira funerária inexistente e os dois Guardas Republicanos que estiveram aqui? Pergunta momentosa. Não porque tenha irrompido neste momento, mas porque persiste ctónica há muito nas entrelinhas de alguma meditação extemporânea. Acho que é tempo de permitir aos leitores que me conhecem a resposta. Ou até aos que pela primeira vez me encontram. Não tenham receio de se enganarem. Afinal o que andamos todos a fazer aqui? A errar num caminho porético, avançando e recuando, certos de que por fim só o fim nos encontrará.

Passeios à volta da piscina, como se à volta do quarto, o sol aquecendo o corpo, mas o Verão deu o que tinha a dar. É tempo de regressar ao apartamento. O campo no Inverno deixa-me deprimido, prefiro mil vezes sentir as ruas da cidade, ou das povoações suburbanas. Gente, no Inverno, é para a minha sensibilidade como árvores no campo. E não ficam imóveis, o que é uma vantagem. E depois o apartamento perde estas dimensões, espaço próprio para arejar o calor, ficando nos seus escaninhos mais *cosy*, delimitando a acção do frio, abrigando-nos da ventania que sopra como se tivesse que determinar a sua presença ou cumprir uma missão. Até a música que retine aos ouvidos parece outra, ou a aparelhagem não fosse muito melhor. É claro que não terei este azul aquático onde possa meditar uma existência meditativa,

é claro que não poderei fazer estes passeios à volta da volta, outro modo para dizer a mim mesmo, é claro, mas na vida não se pode ter tudo. Nem terei este calor do sol nos meus ombros, mão amiga de velho amigo, é verdade, mas há tantas verdades que nos escapam, há tantas verdades que não nos são comprehensíveis. Não vale a pena dramatizar a situação. Afinal esta casa só dista dez quilómetros do apartamento. Eu sei que para um preguiçoso e um comodista dez quilómetros pode ser uma eternidade. Confundi o espaço com o tempo, fi-lo por acaso, ou este percalço traz água no bico? É preciso desconfiar-se destes deslizes. Eu próprio estou um pouco perplexo com o acontecido. Que estarei, já agora, a querer dizer? Nada de relevante? Talvez. Eu que fui educado para ler os outros e dei disso esparsas provas, tenho a obrigação de me saber ler. Desde já o digo, não é fácil. Primeiro, porque o homem sempre foi um mistério. Segundo, porque a língua extroverte em vez de convergir para um ponto. Uma língua sobre a realidade de um homem é como um fogo de artifício explodindo na abertura do céu em todas as direcções.

Wolfgang Rihm tenta, com algumas das suas peças, despertar-me nesta manhã chuvosa, não sei se conseguirá.

O tempo está para se fechar os olhos e deixar o mundo ser o que quiser, até o seu contrário, se isso for possível.

Não vivo eu de impossíveis? Tenho contado com as guinadas acutilantes de um violino violento, mas agora tudo mudou, até ouço vozes, de mulher cantando, de um homem recitando palavras numa língua muito próxima da nossa: o italiano?

Cantar é uma maneira de dizer. Melhor dizer que pessoas indefinidas soltam a sua voz, e o paralelismo é evidente com a indefinição deste tempo, embora lá fora não haja vento nem rajadas, antes uma morrinha que cai silenciosa de um céu plúmbeo como quando era viável esse adjetivo.

Que faço eu aqui? Pergunta inútil. Eu vivo. Aqui ou ali, teria que estar em algum lugar. Ouvindo ou não música. Alguma história deve estar a ser contada, mas não percebo. Não estou interessado em histórias, de qualquer maneira. Estou mais desperto? Devo estar, já que escrevo palavras sobre o ecrã do monitor, mas o peso sobre as pálpebras

não é menor. Estou a ter algum prazer? Não saberia responder. Infelizmente não conheço o nome desta peça, só posso confirmar que estas gentes barafustam, não devem estar muito contentes. Também não admira, quem neste mundo tem razões para andar bem disposto? Poucos.

Alguns privilegiados. A grande maioria da humanidade labuta para sobreviver, o ocidente, mesmo assim, não se pode queixar se comparado com as outras regiões do globo. Histórias. A arte de não dizer nada. De não provar nada. De não ser nada. Alegorias inclassificáveis do interdito ditas para o entretenimento das massas. É assim, sempre foi possivelmente assim, e eu que queria apenas ouvir música tenho que aturar esta ópera ignava. A ironia do destino, porém, para quem sempre foi sensível à voz humana. A terra talvez fosse mais interessante sem estes ruídos poluentes. E tenho a certeza que não deixaria de haver uma música para ouvidos desumanos!

Definitivamente, não estou em mim.  
 Mas se não estou em mim, em quem estarei?  
 Poderei estar onde não há quem?  
 Onde só há um quê? Isto que sou. Isto, esta  
     indefinição de que não se pode  
     falar? Esta coisa, esta forma, esta matéria?  
 Um silêncio que não me pertence  
 pervaga por onde não sou, soa quase à vida  
     de um fora que se faz dentro e dói  
     na invasão e intrusão que comanda a hora  
     de uma estranha despedida: ser é  
     uma incompreensão, não-ser a identidade  
     precária do que não acha espelho  
     nem possibilidade de uma memória factível.  
 Que quê é este que me arrasta  
 e absorve num tumulto abafado e erodente,  
     que inorgânico pretende deslocar  
     a sua existência para o que foi um eu ígneo?  
 Haverá morte onde não há haver?  
 Uma premonição, uma intimação? Ou é só  
     um lapso que dura na adurente  
     metamorfose do tempo, monstruosidade  
     tal que a própria língua não ousa  
     sequer lidar com a realidade do evento?  
 Como regressar a mim? Com ser  
 quem nunca mais serei, se o tempo passa  
     pelo tempo e não permite a ninguém  
     recuperar o que foi perdido? Que cicatriz  
     do hiato merecerá uma pausa ultriz  
     na história de um percalço que nunca quis  
     ser história? Definitivamente estou  
     fora de quem sou, como se nunca tivesse  
     havido ser no que houve de parecer  
     e que apareceu como um eu: haverá já  
     alguém capaz de me aceitar na visita  
     que lhe fizer? Quem desejará ser ninguém?

Com Corey Harris regresso ao *blues*, ao sol  
que entretanto surpreendeu a chuva despropositada,  
aos sons do meu berço ideológico. Tanto que fazer!

Portões para serem pintados, que ninguém diga  
que sou um inútil, mesmo que seja um inútil!

Ah, estas vozes negras e estes ritmos, esta,  
como dizer sem fazer rir as gentes, esta pátria,  
este solo, este sol, este sal, este sul, disse-o já  
tantas vezes, como poder resistir ao encanto?

Não posso. Oito anos dos Estados Unidos foram  
oitenta anos de experiência vivida no sentimento  
de uma escolha, quem pode prever os meandros  
do destino? Ninguém. Não me vale de nada  
negar o que é óbvio. O verdadeiro nascimento  
que me foi dado conceber como uma dádiva  
ocorreu nesses horizontes acústicos e humanos  
e culturais, tudo o mais tem sido apenas imposição  
histórica de que dificilmente posso escapar ou fugir.

Não estou a queixar-me. Faço apenas realçar  
a diferença entre uma dádiva e uma imposição.

Para que as pessoas compreendam. Às vezes  
não é fácil, dados os preconceitos nesta matéria.  
O fado nacional não me diz nada. Ou só o nada  
em que se diz e canta. Mas há razões para isso.  
Não sou um fatalista. Quanto ao destino, todas  
as vezes que emprego essa palavra, referindo-se  
ao seu respectivo conceito, como o fiz ainda há  
pouco, faz-me suores frios. Que culpa tenho eu?  
Cada um tem as suas ilusões. Que as minhas não  
sejam propriamente autóctones, não deve ser  
motivo de admiração, sobretudo para um povo  
que fez do bacalhau o seu prato nacional. Onde  
se encontra esse peixe nas suas costas? Sim,  
muitas vezes temos que percorrer quilómetros  
e quilómetros para chegarmos de onde, no fundo,  
nunca partimos. A vida prega-nos estas partidas.

Regressado ao apartamento, poderei dizer que na vida  
 há verdadeiros regressos? Não. O regresso,  
 como diria um filme mais ou menos popular, é sempre  
 ao futuro, ou, pelo menos, ao presente: estou  
 pois neste espaço vital que reconheço como um homem  
 que se desprende do tempo ou da pele como  
 certos animais, tudo o mais é o retomar de rotinas: cedo  
 na manhã, diante da serra minúscula perdida  
 em nevoeiros obscuros, procuro não me deixar obnubilar  
 pela desrazão do tempo, pela ironia da voraz  
 passagem. Possa eu sempre passar daqui para ali indo  
 sempre em frente, mesmo quando a frente é  
 na realidade um voltar atrás. O paroxo, se existe, deve  
 ser vivido com uma certa generosidade, mas  
 não tenhamos ilusões, a frente só trará uma paisagem.

Que me abstendo de mencionar, de tão repetida  
 nestes porismas que alinhavo ao longo dos dias, ao longo  
 das minuciosas horas onde me exponho ao ser  
 do tempo, se tal coisa existe, o que duvido, confesso.

A manhã não está para confissões, estará, já  
 agora, para alguma coisa? Tem, obviamente, que estar.

O que é ser-se senão ser-se? Um pouco aflito  
 com o explicitado tão abruptamente, continuo como se  
 não tivesse dito nenhum disparate, tautológico  
 ainda por cima, perguntando a mim próprio como seria  
 se fosse *ainda por baixo*. Quais as consequências  
 que daí poderiam advir. Nunca se sabe. Esta ignorância  
 mata, é fatal. Destroi, em certo sentido, o raro  
 sentido das coisas, a relação que mantemos com o real.

O real não é nenhuma abstracção. É, comparando,  
 o alto muro que me devolve a voz num eco, e a esse eco  
 eu chamo a realidade. Qual a realidade de mim?  
 Não vou fazer filosofia ou psicologia agora. Vou observar  
 as cores que o sol incendeia nas coisas móveis  
 ou imóveis em que toca, perdido numa divagação fértil  
 em que o pensamento quase que se sente seduzido.

Tão cedo que nada há a dizer. Não porque haja  
 uma objecção metafísica, mas não é assim  
 tão verdade que o dizer diz. Só diz quando inserido  
 num mundo. Não há, de tão cedo, mundo.  
 Apenas há um esboço de madrugada madrugando  
 displicentemente em formas enevoadas  
 e quase disformes, como se a apatia fosse também  
 uma possibilidade material do universo  
 das coisas. A pouca luz que existe está desfocada,  
 não se vê ninguém na paisagem urbana,  
 uma impressão de humidade insinua-se consciência  
 como se quisesse preencher um lugar  
 vazio. Ignoro se terá razão. Mas não se deve ser  
 tão pessimista. Que dizer pois do dito  
 dizer? Que é pura mistificação filosófica? Quem  
 sabe verdadeiramente o que se passa  
 pela cabeça dos pensadores? Ficarão apenas  
 discursos, argumentos, palavras, isso  
 serve de alguma coisa para se traduzir uma ideia  
 ou exprimir um sentimento? O círculo  
 é muitas vezes vicioso. Nem sempre, infelizmente,  
 pode ser hermenêutico. Saberia dizer  
 se estou dentro ou fora desse círculo? Sei apenas  
 que a manhã não balbucia porque não  
 é uma criança, incoativa de si mesma vai deixando  
 o sol fazer o que tem a fazer: crescer  
 no céu e incendiar a terra com os seus invisíveis  
 raios de uma luz que ninguém pode  
 ver. Essa é a tragédia. Viver-se em plena eclosão  
 da luz a cegueira que nos acompanha  
 como se fosse a coisa mais natural do mundo. É  
 esse o mistério que não aceita ser mais  
 mistério. Mas enquanto o homem for homem há  
 que contar com a contradição. Assim  
 como com o mundo das trevas contrapondo-se  
 ao mundo da luz: tudo muda, nada muda.

Há precisamente um ano escrevia:  
 «Surpreende-me, surpreende-me!»  
 Estou surpreendido por não ter acabado  
 o livro na data prevista? Não.  
 Mas estou triste. Alguém disse,  
 um filósofo de basta fama:  
 «As promessas são para não serem  
 cumpridas.» Não concordo.  
 Mas é toda a diferença entre  
 um simples escrevedor desconhecido  
 e um filósofo célebre, já falecido.  
 A vida é assim. Não sabem  
 quanto fico irritado quando ejaculo  
 tais disparates! Estes disparates  
 nada têm que ver com aquele  
 que titula este livro. Que se quer  
 justamente mais estético, mais,  
 se possível, porético, já agora.  
 A vida não é nada assim. A vida...  
 desculpem, mas não vou falar da vida,  
 pois nada teria a dizer. Sim, sim,  
 o tal esquálido vazio apossa-se,  
 não da memória, mas do pensamento,  
 é preferível recuar a tempo, não  
 dizer muitas asneiras. Poderia,  
 quando penso nisso, preencher  
 tantas páginas deste livro com o vazio  
 que preenche actualmente tantos  
 livros de poesia, e ninguém daria  
 por isso, porque ao verem palavras  
 pensam que as palavras estão  
 a dizer alguma coisa, e a maior parte  
 do tempo não estão a dizer nada,  
 nem sequer o tempo, muito menos  
 o nada. Agora contemporizando  
 e triste repito: A vida é assim.

Dois dias perdidos com o computador perdido,  
querendo escrever e não podendo escrever,  
sem saber como resolver o problema.  
Minha mulher indicou-me o caminho.  
Segui-o. Estou a escrever. O que seria  
de mim sem os outros? Família e amigos?  
Nada. Por mais genial que me possa  
pensar. Sendo um bipolar, penso-o  
algumas vezes, tantas quantas as vezes  
em que me sinto completamente medíocre.  
Não há, infelizmente, meia medida. Há  
os remédios que tomo para manter  
o equilíbrio, mas o equilíbrio é sempre  
mais ou menos instável. Ninguém foge  
ao seu destino, dizia-se outrora. Como se  
diz agora? Ninguém foge ao seu código  
genético? Assim ou assado sofre-se,  
passa-se por algumas alegrias, a vida  
não dura mais do que o tempo de vida,  
há verdades que são perfeitamente inúteis.  
Ou redundantes. Redunda em quê, ébrio,  
este raciocínio? Para dizer a verdade,  
em nada. O discurso contemporâneo,  
por ser contemporâneo de si mesmo,  
é tão fugaz que se perde no atroz vazio  
do silêncio a ser preenchido ou colmatado  
por outros e novos discursos, valerá  
a pena fazer parte da máquina devoradora?  
Fingir que se faz parte da cultura? Cultos  
é o que a populaça ignorante exige,  
ícones, figuras, virtualidades capazes  
de viverem num plano onde os seus sonhos  
nada mais alcançam que o sonho passivo.  
Mexer o dedo para quê, quando se pode  
estar refastelado no sofá, depois de um dia  
de trabalho, a ver a vida letal passar?

Não posso dizer que o dia não é o dia,  
poderei dizer com tanta verdade que eu sou eu?

A manhã começou com uma música aflita,  
estranhamento absorto numa parte de mim  
que desconheço ou que me ignora pensei estar  
a viver mais um dia, estou a viver mais um dia,  
mas qualquer coisa se passa que não passa  
pela consciência como coisa ou consciência,  
um não sei quê que me transborda ou extravasa,  
uma ignorância do ser, uma sua ausência,  
se, é claro, isso for possível. Eu não tenho  
interesse nenhum em acreditar no que estou  
a escrever e a sentir, pelo contrário, contentar-me-ia  
em relatar a manhã no seu sol pontual e na luz  
que brilha como se tudo estivesse normal.

Há sensações que ultrapassam e devassam  
o sentido do sentimento, que parecem não vir  
de quem se é, deste corpo e destes sentidos,  
como se algumas vezes fôssemos possuídos  
por uma natureza alienante, por uma outridade  
extemporânea, e então dificilmente reconhecemos  
a terra que habitamos e o mundo onde vivemos.

E a pessoa que somos. Ou deveríamos ser.

Estou tão fora de mim que até o êxtase  
é impossível, tento neste ínstase meditar  
os acontecimentos que ocorrem, será capaz  
a língua de dar um pouco que seja dos meandros  
complexos onde uma raciocinação se perde  
para achar um porto de abrigo? Ou, pelo menos,  
uma porta para o outro lado do que não tem lados  
e é só realidade? Às vezes pergunto-me se sou  
ou se consigo ser bem explícito no implícito  
do dito que se extrai ao dizer, mas haverá  
alguma contiguidade entre o dizer e o viver?  
Não posso dizer que a manhã não se fez manhã,  
poderei dizer que eu me fiz claro como a luz?

Há coisas que não se contentam em ser coisas,  
 exigem de nós um espaço em nós,  
 uma parte do ser que nos entretece na senda  
 do estar sendo, deixando-nos tantas  
 vezes em estados de uma perplexidade vazia  
 ou esplenética, sem saber o que fazer,  
 como agir, despossuídos das características  
 que caracterizam os seres humanos.

Há coisas terríveis. Eu evito falar delas, logo,  
 de deixá-las escritas em livros mais  
 ou menos contemporâneos, porque a sensação  
 muitas vezes é de que essas coisas  
 não são de hoje, ora pertencem a um passado  
 remoto e completamente passado,  
 ora pertencerão a um futuro que se precipitou  
 na idade presente sem ter recebido  
 um convite formal, pura invasão da inexistência.

A inexistência, tanto do que já foi,  
 como do que há-de ser, possui uma energia rara,  
 procura a todo o custo ser mundo,  
 aproveitando-se daqueles mais fracos (outrora  
 considerados os mais sensíveis)  
 para irromper sem ordem nem consistência,  
 numa anarquia confusa de vozes  
 que invariavelmente não são compreendidas,  
 ou porque as falas foram esquecidas,  
 ou porque as proferições nunca foram ouvidas.

Uma chatice. Porque eu que não tenho  
 nada a ver com isso, que ficaria muito contente  
 só por ver o sol iluminando a terra  
 renovada em suas paisagens cíclicas e sazonais,  
 acho-me muitas vezes vítima do som  
 inaudito que me arvora a delírios intempestivos,  
 arauto realista de coisa nenhuma  
 debitando em balbucios e palalogias incipientes  
 apogeus de uma emergência fática.

193.

# AUTOCENSURADO

28/10/2006

E no entanto sinto que o livro se rebela contra mim,  
havia uma contrato, duzentos textos a serem produzidos,  
e eu estou a faltar ao prometido. Que se importa  
o livro com o que se passa comigo? Mas falar de quê?

Da terra e do mundo? Desta manhã de Outono, o sol  
ainda um pouco frio, depois de tantos dias de chuvadas?  
«Inventa», não ouço, porque sou realista, a voz invectiva  
que me lança, «inventa». «Faz das tripas coração. Faz  
do que é qualquer coisa que possa ser sentida, traduz,  
transluz em palavras uma verdade que te transcendia».

Não consigo inventar nada. Não porque seja dado  
a niilismos, mas a realidade que me cerca, se não é  
um cerco, e não o é, está silenciosa como uma brisa  
que não sabe de onde vem nem para onde vai, antes  
desliza sem uma razão descortinável, tentando todas  
as direcções, até se poder apaziguar. Também eu, já  
agora, preciso de me apaziguar, minha natureza rodopia  
como se houvesse em mim lavas de um fogo nefasto,  
que o tempo passe pelo tempo e no tempo deslassse  
esta ferida, esta mágoa, este trauma. Tanto verde visto  
pela portada, estou vivo. Quero viver. Estupidamente,  
lembro-me de Hölderlin, eu que não fui capaz de lê-lo,  
e muito menos de o compreender. Mas alguma coisa  
se teria passado entre nós? Algo que não tivesse nada  
a ver com a inteligência estética, com o compromisso  
histórico? Haverá vidas que se comprazem em destinos?  
Exprimi-me mal. Vou deixar este mal infectar a língua  
em que escrevo e que me escreve, mas não consigo  
deixar de tentar uma nova reformulação: haverá, acaso,  
destinos que têm mais do que uma vida? Ou melhor  
ainda, será que um único destino poderá ser vivido  
por várias vidas? O verde da estação alastrá, natureza,  
a palavra, compreendo-a? Difícil, depois da companhia  
de Caeiro. Tenho afinal tantos amigos. Com eles sou  
o que escrevo, uma amizade sem fronteiras no tempo  
e no espaço, talvez a última das ilusões que restam.

Talvez seja demasiado cedo. Mas a hora, burocrática, mudou esta noite. Logo, o que parece ser não é o que é ou foi ou tem sido, os sentidos têm agora que se adaptar ao Inverno. Eu tenho que me adaptar à nova vida. Dizem que a vida é assim. Eu nunca soube o que era a vida. Sempre me senti, de uma maneira ou de outra, mesmo amando a terra, estrangeiro. Ignoro porquê. Inventei histórias que me dessem e sustentassem uma explicação, espalhei-as em livros, mas são só histórias. Não sei se nelas há alguma verdade.

Porque não sei mesmo se há verdade. A existência é demasiado complicada para se contentar com a feliz expressão de uma ideia ou de um conceito. Coisas acontecem num torvelinho de coisas, as contingências onde estamos mergulhados, e tudo o mais é história.

Isto é, paleio de chacha. Maneiras mais ou menos interesseiras de se resolver os problemas que temos em mão. Qual o meu problema? Ter descoberto tão tardiamente que não há companhia para a solidão.

Nem estratégias do amor. Há só egos, como já escrevi uma vez, se bem me lembro, apostados em ser egos, concedendo em políticas da afectividade limites: este é o meu espaço, aí poderás respirar o teu bem.

O verdadeiro amor é sacrifício e renúncia. Difícil nos tempos que correm. Ou uma estratégia afectiva contra um inimigo tão poderosamente cultural, social e civilizacional que nos obriga a esquecer nossos egos.

Conclusão: só a necessidade gera um efectivo amor. Tudo o mais são, como na economia em geral, interesses.

Resta-me, digo-o e escrevo-o sinceramente, ironia à parte, pensar que estou a ver mal, que os meus argumentos não são verosímeis, enfim, que não tenho razão. Seria tão bom deixar uma nota de esperança nesta manhã de um dia que vai ser, espero, tão belo como o de ontem. Não quero fazer do pessimismo a minha especialidade. Mas a experiência importa-se pouco com o nosso querer.

Dedico-me agora às coisas caseiras, o que não é novidade nenhuma para mim. Paris, Londres, Goa e New Bedford irrompem em cada gesto que perpetro quando faço uma máquina de roupa ou preparam a minha comida. Para não falar da cama que tive de fazer, com, surpresa, os mesmos lençóis que comprei nos Estados Unidos.

Só estranho, estando a passar o fim de semana na casa de campo, que a música não me apeteça, já que no apartamento o que mais há é música todo o dia.

Não preciso de silêncio para reflectir, porque não há nada para reflectir. É antes o desejo esdrúxulo de querer sentir as coisas na sua coisidade álala e tímida, como se eu próprio me tivesse, em certo sentido, transformado em coisa, para não dizer, *carrément*, num objecto.

Olhos que perdi nas canas esvoaçando ontem à tarde, o vizinho, da minha idade, labutando num frenesi quase bíblico a sua terra, usando uma mota escavadora, falando-me dos ares da região como insubstituíveis.

Sorri. Não sei nada dele, ou o que sei resume-se a duas ou três coisas, mas parece-me um homem feliz. Devo dizer, é uma felicidade ver-se um homem feliz. Sente-se mesmo um contágio, algo passa ou passou naquelas palavras tão simplesmente proferidas, e no entanto não estava nem de longe num oráculo antigo nem diante de uma sibila. Ou estaria, mas na sua versão coeva?

O que sabemos do tempo? Do mistério? Da vida? Do ser? Eu já sei que estou a repetir os disparates habituais, mas que mais há a fazer? Não se pode voltar atrás.

O tempo não o permite. Nascer e morrer, é a lengalenga. Não há saída. E mesmo que houvesse, seria sensato escolher-se um outro paradigma, um outro existencial modelo? Não é que a natureza esteja bem feita, nós é que somos feitos de e para a natureza. Sim, dono de casa, doméstico, não procuro domesticar os meus pensamentos, deixo-os poussar levemente nestas folhas como folhas outonais caindo docemente sobre o chão molhado de vida.

Não, a tarde não é como a de ontem, nuvens coalhadas num branco difuso fazem-se céu com a naturalidade de quem não cumpre nenhuma promessa. Algumas vezes um sol céleste reverbera no ar como se soubesse da minha existência esquecida, mas, definitivamente, quer no calor, quer no aspecto que a intuição nos oferece, esta tarde não se aproxima em nada da tarde de ontem. Tanto pior. Tenho passado o tempo a reler, embora, dada a falta de memória, deveria antes dizer, a ler, *O Diário do sedutor*, de Kierkegaard, esse velhíssimo amigo, vindo-me à mente, ignoro porquê tal associação de ideias, esse outro ainda mais longínquo amigo, o Marquês de Sade.

Vejo neles, assim muito estupidamente, dois estados e duas atitudes históricas da mesma coisa. Só não sei qual é essa coisa. Ou talvez saiba e não queira ou não possa dizer por impossibilidade cultural e até mesmo pessoal. Não ignoro que acabo de cometer um solecismo, mas já alguém duvida da tonalidade afectiva que sinto por tais entidades linguísticas? Vou lendo este velho diário e penso no que o mundo percorreu de banalidade ou de progresso, escolha quem quiser o substantivo, embora às vezes veja saltitar aquilo que, ainda no tempo do autor, se chamava comumente espírito. Não deixa de ser uma alegria encontrar uma certa maldade num mundo onde o Mal nem sequer sabe ser interpretado pelos vários maldosos e suas incomensuráveis adjacências, de qualquer maneira ainda estou a meio do livro. Deste que escrevo estarei já no seu previsível fim. Não é de um sedutor. E daí! Não é, para ser um pouco kierkegaardiano, interessante ler no primeiro texto deste livro aquele «Surpreende-me»? Verdade que dirigido a mim e não a uma miúda de dezasseis anos, mas isso não significa apenas um outro estado e uma outra atitude, só que agora no começo do século XXI, como se realmente houvesse uma *lignée* encetada por Sade, continuada por Kierkegaard, e tentada agora por mim? É só uma sugestão de leitura. Não é a leitura.

Como diria o outro, não tenham medo de entrar aqui.  
 Este porisma está deslocado, pois deveria ter aparecido  
 no começo do livro. Nem sair daqui de uma outra  
 maneira daquela em que entraram. Não é minha intenção,  
 nem nunca o foi, que não sou parvo nenhum, transfigurar  
 o real, nem sequer tentar modificar a ilusão ocidental  
 de uma identidade, como a do leitor ou a da leitora.  
 Mas acontecimentos ocorreram nestas páginas, certas  
 experiências tiveram lugar e tempo, muitas vezes  
 a língua teve que deixar de ser língua para se inventar  
 uma comunicação sem ter que inventar, por isso,  
 uma falsa realidade, a realidade da transfiguração  
 simplesmente linguística, ou poética, ou o que se quiser.  
 Sem dúvida que abundam os disparates nestas paragens,  
 as tentativas falhadas, os falhanços da experiência,  
 mas tudo teve como origem acontecimentos e factos  
 do real, não meras perpetrações da imaginação verbal  
 ou da outra, a ontológica. Os dias foram vividos dias,  
 as horas passaram como horas, os minutos deslizaram  
 minutos em palavras que procuraram dar conta  
 do que é isto, viver, estar vivo, pertencer  
 ao que não nos pertence, a este *mais* que nos figura  
 e desfigura numa dança onde sobressai a música.  
 Felizmente que há gente insensível, é o que sempre  
 me digo, sem desdém algum, sem nenhuma arrogância.  
 O que seria do mundo se o mundo fosse outra coisa?  
 Todos receiam o que desconhecem. Até a felicidade.  
 Por isso muita gente brinca com essa ideia indecorosa,  
 achando que só os imbecis poderão acreditar nela.  
 Sou um imbecil. Vejam num dicionário qualquer, se  
 possível etimológico, as potencialidades do vocábulo.  
 Vim ao mundo para destruir este mundo configurando  
 um outro mais acessível ao corpo e à consciência,  
 e nada mais fiz do que tentar sobreviver alguns anos  
 de vida. Há um nome para isto: traição. Só não há  
 um tribunal nem um carrasco que me dê o golpe final.

Albert King e Otis Rush cantam pela tarde descabida  
*You Know My Love*, eu ouço-os quase hipnotizado.

Como foi possível ter-se escrito aquela canção,  
 e como é possível permanecer por tanto tempo  
 nesta obsessão, as vozes e a música tão simples  
 efectivando-se nessa maravilha do *blues* passado?

Passado o encantamento ressurjo à tona de mim mesmo,  
 não sei se salvo se naufragado se afogado, esperando  
 não sucumbir ao futuro próximo que me espera.

O dia, pela mudança da hora, pelo enevoado, parece  
 ter escurecido subitamente, ou serão os meus sentidos  
 despertos para nuanças atmosféricas? Alguma roupa  
 ainda não está seca. Esperarei. Ninguém me espera.

Tanta liberdade de acção confunde-me até à dor.  
 Não é fácil sobreviver a um hábito, a um calor, não é  
 fácil esquecer que se teve uma vida. Sim, mais dia  
 menos dia teremos por aí o Inverno. Já anteontem fiz  
 a primeira lareira com a lenha deixada do ano passado.  
 Eles cantam, os *bluesmen*, mal os ouço pelo simples  
 facto de estar aqui a escrever, mas ainda consigo  
 compreender um : *You don't love me*, tudo o mais  
 são guitarras, gritos da alma, ou do seu substituto,  
 expressões de um quotidiano onde a humanidade  
 se revê na miséria das suas emoções humilhantes.  
 Nunca mais seremos um outro homem, uma outra  
 gente, a dor e o sofrimento estarão sempre lado a lado  
 como se fizessem parte da família. Da família não  
 vou falar, seria obsceno. Mas também há *blues*  
 álares como este que estou agora a ouvir, festas  
 de fastos contemporâneos, não dizem que o capital  
 é a grande promessa para o futuro? Se fossemos  
 a acreditar em tudo o que nos dizem! Para já é  
 o que é, um globo dividido entre pobres e ricos, e a falta  
 é sempre dos pobres, que, coitados, não sabem, dizem,  
 como resolver os seus problemas. A inteligência  
 é um enigma que nem a natureza sabe descortinar!

Se pudesse falar de um poético pôr-do-sol,  
 fá-lo-ia com todo o gosto, mas o cinzento abafado  
 que se distende pela região não me permite  
 efusões desse tipo. Tive que acender o candeeiro  
 que pontifica sobre a secretaria, levantei-me  
 de propósito e vi pela portada que o sol é uma bola  
 branca tentando não ser eliminada, ou mesmo  
 emasculada, pelo negrume das nuvens que chupam  
 os seus raios habitualmente tão fulgentes.

A vida também pode ser assim. Não comento.

O livro, com atrasos milenares, hipérbole  
 que me assinala como traço estilístico, pois só  
 passou um dévio mês e dez dias do prazo  
 para a sua finalização, finda-se talvez como esse  
 sol corroído pelas nuvens obscurecidas,  
 mas não me parece que seja uma boa comparação.

Melhor dizer que tudo correu afinal bem, ou,  
 pelo menos, humanos que somos, dentro dos limites  
 que se podem estabelecer às realizações ditas  
 justamente humanas. Ignoro de todo se o adjetivo  
*humano* ainda quer dizer alguma coisa na sociedade  
 onde se vive. Mas é um outro problema. Aliás  
 este livro está mesmo a precisar de ser  
 lido sob a alçada de uma «estética do problema»,  
 há muito concebida em terras americanas.

O que se perde por esse mundo fora! Não, não  
 vou escrever, só para pensarem que domino  
 os meandros da minha língua, «afora», afinal  
 já ninguém fala assim. Se há vocábulos,  
 neste como outros livros meus, que realmente  
 são desconhecidos do grande público,  
 é porque trazem novidade e uma descoberta  
 da percepção, não se trata de espantar  
 muito simbolistamente o burguês que já nem  
 existe. É no que está a começar a existir  
 que eu perco a minha vida escrevendo livros.

LIVRO ESCRITO EM SINTRA, PORTUGAL